



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Lívia de Sousa Crispim

**Representações da Homossexualidade nas charges do Lampião da Esquina e d' O
Pasquim durante a Ditadura Civil-Militar (1970-1980)**

Campina Grande – PB

2025

Lívia de Sousa Crispim

**Representações da Homossexualidade nas charges do Lampião da Esquina e d' O
Pasquim durante a Ditadura Civil-Militar (1970-1980)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Campina Grande
como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestra em História.

Orientadora: Profa.Dra. : Michelly Pereira Cordão

Campina Grande – PB

2025

C932r

Crispim, Livia de Sousa.

Representações da homossexualidade nas charges do *Lampião da Esquina* e do *O Pasquim* durante a Ditadura Civil-Militar (1970-1980) / Livia de Sousa Crispim. – Campina Grande, 2025.

113 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

“Orientação: Profª. Dra. Michelly Pereira Cordão”.

Referências.

1. Jornalismo Subversivo – Ditadura Civil-Militar (1970-1980) – Brasil. 2. Homossexualidade – Representações nas Charges. 3. *Lampião da Esquina* e *O Pasquim*. I. Cordão, Michelly Pereira. II. Título.

CDU 070:321.64(81)(043.3)

Lívia de Sousa Crispim

**Representações da Homossexualidade nas charges do Lampião da Esquina e
d'O Pasquim durante a Ditadura Civil-Militar (1970-1980)**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 04/04/2025
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Documento assinado digitalmente
 MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDAO
Data: 19/05/2025 17:57:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Michelly Pereira de Sousa Cordão (PPGH-UFCG)

Orientadora

Documento assinado digitalmente
 REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO
Data: 20/05/2025 20:41:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento (PPGH-UFCG)

Examinadora interna

Documento assinado digitalmente
 LIDIANE ELIZABETE FRIDERICHs
Data: 19/05/2025 19:11:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lidiane Friedrichs (UEMA)

Examinadora externa

Campina Grande – PB

2025

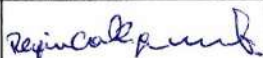
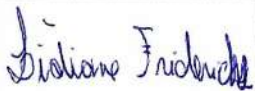
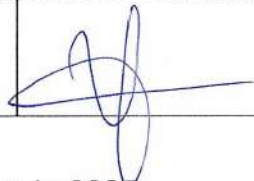


UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 14h30 do dia 31 de março de 2025, na sala 101 do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, ocorreu a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado do(a) discente **Lívia de Sousa Crispim**, intitulada "Representações da Homossexualidade nas Charges do Lampião da Esquina e d'O pasquim Durante a Ditadura Civil-Militar (1970-1980)". Após a apresentação, a Banca Examinadora, composta pelos(as) professores(as) doutores(as) Michelly Pereira de Sousa Cordão - Orientador(a), Regina Coelli Gomes Nascimento - Examinador(a) Interno(a) e Lidiane Elizabete Friedrichs - Examinador(a) Externo(a), realizou as arguições. Em seguida, reuniu-se para a deliberação e decidiu atribuir a(o) candidato(a) o conceito "Aprovada". Assinam a presente ata, para os devidos efeitos legais, o Secretário do PPGH, Yaggo Fernando Xavier de Aquino, e a Coordenadora do PPGH, Michelly Pereira de Sousa Cordão.

Parecer: A banca considerou que o trabalho tem relevância acadêmica, social e política. Considerou, também, sua importância para os Estudos acerca de Historiografia de populações LGBTQ durante a Ditadura. Recomendou uma revisão textual, em particular no que se refere às repetições de argumentos.

Lista de Presença

Orientador(a) e Coordenadora	Michelly Pereira de Sousa Cordão	PPGH/UFCG	
Examinador(a) Interno(a)	Regina Coelli Gomes Nascimento	PPGH/UFCG	
Examinador(a) Externo(a)	Lidiane Elizabete Friedrichs	PPGH/ UEMA	
Secretário	Yaggo Fernando X. de Aquino	PPGH/UFCG	

Campina Grande, 31 de março de 2025.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é resultado de muito esforço, dedicação e sacrifícios. Quero expressar minha profunda gratidão à minha orientadora, Michelly Cordão, que, mesmo com sua agenda cheia, encontrou tempo para me apoiar e contribuir para este projeto. Não foi uma tarefa fácil para nós duas, mas sua orientação foi fundamental.

Agradeço também à minha mãe, Janaina, que nunca duvidou da minha capacidade e sempre trabalhou incansavelmente para que suas filhas pudessem estudar e sonhar. Mãe, EU CONSEGUI! Ao meu pai, que sempre me ofereceu seu apoio, e à minha tia, Luciana, que acreditou em mim e cujo amor e carinho foram essenciais para eu chegar até aqui.

Minha irmã Liriel foi uma parte fundamental dessa jornada. Ela é não apenas minha melhor amiga, mas também minha melhor ouvinte. As leituras iniciais do meu trabalho vieram dela, e sem seu apoio, não sei se teria conseguido chegar aonde cheguei. Liriel, EU CONSEGUI! E à minha irmãzinha, Laís, que ainda é um bebê, emociono-me ao pensar que, ao contrário de mim, que fui a primeira da minha família a entrar na universidade, ela terá um exemplo a seguir. Laís, EU CONSEGUI!

Não posso deixar de mencionar o apoio dos meus amigos Bruna, Lidi, Maria, Duda, Victor e Jahya. Vocês não imaginam o quanto suas palavras de motivação e amor foram importantes para fortalecer minha confiança em mim mesma e em meu trabalho. Vocês são incríveis! Gente, EU CONSEGUI!

Por fim, agradeço imensamente ao meu esposo, Marcelo. Sua crença em mim, incentivo constante, lágrimas compartilhadas e seu consolo nos momentos difíceis foram essenciais. Você sempre esteve ao meu lado, e sou muito grata por isso. Marcelo, EU CONSEGUI!

Concluir o mestrado não foi uma tarefa fácil, especialmente enquanto trabalhava em um emprego CLT por 10 horas por dia e ainda precisava estudar. No entanto, hoje me sinto feliz e realizada, e sei que isso é apenas o começo. Meus sonhos e objetivos estão apenas começando a se concretizar.

RESUMO

O presente estudo realiza uma análise crítica das charges publicadas nos jornais alternativos *Lampião da Esquina* (1978-1981) e *O Pasquim* (1969-1991), com foco nas representações homossexuais e nas contribuições veiculadas por eles durante a ditadura civil-militar. As charges criadas e divulgadas são evidências de visões de mundo enraizadas em ambos os jornais: de um lado, temos um jornal que valoriza o movimento gay e, do outro, um jornal em que prevalece o preconceito contra os homossexuais. Os editores dos dois jornais utilizam seus artigos para produzir conteúdos que enaltecem suas concepções e lutas, ao mesmo tempo em que anulam outros movimentos. Esta pesquisa considera o período da ditadura civil-militar (1964-1985) e as estratégias de repressão e perseguição a esses jornais alternativos, analisando as charges e matérias para entender o contexto e explicá-lo. O *Lampião* deu voz à uma minoria de uma forma que não tinha ocorrido anteriormente, sendo um marco histórico, já que o movimento homossexual estava sendo construído naquele momento a partir de um olhar literário, histórico e cinematográfico. O *Pasquim* marcou uma época e se tornou um fenômeno editorial, superando as expectativas de vendas consecutivas até atingir uma estabilidade de 225 mil exemplares a partir da 32ª edição, em janeiro de 1979, apenas sete meses após o seu lançamento. Nesse sentido, o estudo buscou compreender as propostas editoriais desses jornais alternativos e o uso das charges para representar os homossexuais. Questionou-se, assim, que tipo de conteúdo estava sendo produzido pelos jornais e a criação de estereótipos em relação aos homens gays. Para analisar os discursos do jornal, foi necessário compreender o contexto da época e a definição dada aos jornais alternativos, entendendo que estes produziam e veiculavam charges com personagens homossexuais com objetivos diferentes. Daí o nosso exercício de investigar as charges e seu conteúdo satírico, levando em conta que seus produtores eram homens, em sua maior parte, brancos e de classe média.

Palavras-chave: Charges; *Lampião da Esquina*; *O Pasquim*; Homossexualidade; Representações.

ABSTRACT

This study conducts a critical analysis of the cartoons published in the alternative newspapers *Lampião da Esquina* (1978–1981) and *O Pasquim* (1969–1991), focusing on homosexual representations and the contributions these newspapers made during the civil-military dictatorship. The cartoons created and disseminated serve as evidence of the worldviews embedded in both newspapers: on one side, a newspaper that values the gay movement, and on the other, one in which prejudice against homosexuals prevails. The editors of both newspapers use their articles to produce content that reinforces their beliefs and struggles while simultaneously disregarding other movements. This research considers the period of the civil-military dictatorship (1964–1985) and the strategies of repression and persecution against these alternative newspapers, analyzing the cartoons and articles to understand and explain the context. *Lampião da Esquina* gave a voice to a minority in an unprecedented way, becoming a historical milestone, as the homosexual movement was being built at that time through literary, historical, and cinematic perspectives. *O Pasquim*, in turn, marked an era and became a publishing phenomenon, exceeding sales expectations and reaching a stable circulation of 225,000 copies by its 32nd edition in January 1979, just seven months after its launch. In this regard, the study aims to understand the editorial proposals of these alternative newspapers and how they used cartoons to represent homosexuals. It questions what kind of content was being produced by the newspapers and how stereotypes about gay men were created. To analyze the newspapers' discourse, it was necessary to understand the historical context and the definition of alternative newspapers, recognizing that they produced and disseminated cartoons featuring homosexual characters with different objectives. Hence, our effort to investigate the cartoons and their satirical content, considering that their creators were mostly white, middle-class men.

Keywords: Cartoons; *Lampião da Esquina*; *O Pasquim*; Homosexuality; Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Autocensura	26
Figura 2 – Ataque	27
Figura 3 – Fim da violência	28
Figura 4 – Cidadão de bem	32
Figura 5 – Capa do jornal	35
Figura 6 – Lucy Mafra	37
Figura 7 – Crítica ao O Pasquim	38
Figura 8 – ANISTIA	40
Figura 9 – “Fuga do Goulart”	43
Figura 10– Jango Asilado	43
Figura 11 – Cinema Iris	46
Figura 12 – Capa do Lampião.....	53
Figura 13 – Capa do Pasquim	55
Figura 14 – Crimes sexuais	63
Figura 15 – O brasileiro tá ficando maluco	65
Figura 16 – O homem mais sexy do Brasil é Ney	67
Figura 17 – Meia Noite	68
Figura 18 – GoodYear	69
Figura 19 – É censura!	73
Figura 20 – Censura Prévia.....	76
Figura 21 – Pra fora do país.....	77
Figura 22 – Pasquim X Censura	80
Figura 23 – Quem salvará nossas crianças?	81
Figura 24 – Entrevista com Leila Diniz	84
Figura 25 – Congresso Feminista	88
Figura 26 – “Deixe de ser bicha”	90
Figura 27 – Enrustidas	92
Figura 28 – Enrustidas 2	92
Figura 29 – É carnaval	96
Figura 30 – Bicharada.....	97
Figura 31 – Dica para enrustidas	101
Figura 32 – Equilíbrio da natureza.....	102

Figura 33 – Equilíbrio da natureza.....	103
Figura 34 – Se assumir é a questão.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – O Pasquim: edições analisadas que foram localizadas no jornal

	Ano	Edição	Autor da charge	Título da charge
	1969	Edição 0001	Ziraldo	O Herói prefere o Leão
	1969	Edição 0001	Jaguar	A briga no bar que acaba em casal
	1969	Edição 0005	Jaguar	O capitão Ipanema
	1969	Edição 0006	Millôr	Leitura do jornal O ‘Pasquim e o anúncio de “bichas”
	1969	Edição 0010	Millôr	Leitura do jornal O ‘Pasquim e as críticas
	1969	Edição 0015	Ziraldo	O compositor é “viado”
	1969	Edição 0026	Jaguar	Queixa das mulheres sobre os homens “bichas”
	1969	Edição 0027	Ziraldo	A surpresa do armário
	1970	Edição 0028	II	Mulheres e a dominância masculina
	1970	Edição 0028	Jaguar	Sigmund sonha com outros homens
	1970	Edição 0030	Millôr	Os pensamentos do cotidiano
	1970	Edição 0031	Millôr	Emancipação feminina
	1970	Edição 0031	II	Não ser “bicha” e dar dinheiro a homens
	1970	Edição 0036	Gular	A mordida do peixe e o armário
	1970	Edição 0036	II	O gênero traidor
	1970	Edição 0045	II	Gay Power
	1970	Edição 0061	II	O que todo rapaz deve saber, sobre outro rapaz
	1971	Edição 0090	II	FBI não tem homem
	1971	Edição 00118	Ziraldo	O mimoso do norte
	1972	Edição 00163	Jaguar	O viado animal e o homem
	1972	Edição 00161	Jaguar	O psiquiatra diz: Só em ultimo caso se aceite homossexual

1974	Edição 00275	Nani	Hitler Gay
1975	Edição 0327	II	O Herói prefere o Leão
1969	Edição 0001	Ziraldo	Ford manda recado para homossexuais
1979	Edição 00539	Redi	Vestiário
1979	Edição 00539	Nani	FlaGay (Futebol que era macho, agora tem "gay")
1969	Edição 0001	Ziraldo	O Herói prefere o Leão
1976	Edição 00367	Jaguar	Polícia acaba com o dia homossexual
1977	Edição 00436	Mariano	Jornal do mundo gay
1977	Edição 00436	Mariano	Rapazes da Danda
1977	Edição 00436	II	Atenção Machões

Fonte: Adaptado do jornal *O Pasquim*

Tabela 2 - *O Lampion da Esquina*: edições analisadas que foram localizadas no jornal

	Ano	Edição	Autor da charge	Título da charge
	1979	Edição extra 01	II	Arca de Noé
	1979	Edição extra 01	Hartur	Shazam
	1980	Edição extra 02	II	Chamada Telefônica
	1978	Edição 03	II	Equilíbrio da natureza
	1978	Edição 07	Wenas	Leitura do jornal O 'Pasquim e as críticas
	1979	Edição 07	Helio	Gay-Macho
	1979	Edição 010	II	Pioneiros no movimento homossexual
	1979	Edição extra 02	Hartur	Independência, Tchê
	1979	Edição extra 02	II	Quem consome o Lampion da Esquina
	1979	Edição 0015	Darcy	A vida difícil de um travesti
	1979	Edição 0019	Hartur	Batman na academia
	1979	Edição 0018	Hartur	José?

	1980	Edição 0022	Levi	Carnaval
	1980	Edição 0022	Levi	Os policiais enrustidos
	1980	Edição 0022	Hartur	O beijo do amor
	1980	Edição 0023	Levi	Os machões em shows gay
	1980	Edição 0026	Levi	O papel do homossexual
	1980	Edição 0028	Levi	O milagre brasileiro
	1980	Edição 0029	Levi	A queima da banca de jornal
	1980	Edição 0029	Levi	O que é a moral?
	1980	Edição 0030	Levi	Pausa para o café

Fonte: Adaptado do jornal Lâmpião da Esquina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAPÍTULO I: Jornalismo subversivo e resistência artística durante a ditadura	21
2.1 O contexto político e a supressão da liberdade de expressão	21
2.2 Restrições à liberdade de imprensa durante a Ditadura Civil- Militar.....	44
2.3 Luta homossexual pelos direitos civis e sociais.....	49
2.4 Perfil editorial e colaboradores do <i>Lampião da Esquina</i>	52
2.5 Perfil editorial e colaboradores de <i>O Pasquim</i>	55
3 CAPÍTULO II: O uso da sátira e do humor como ferramentas de crítica.....	58
3.1 Estilo gráfico e visual das publicações	58
3.2 A influência de movimentos artísticos na estética dos jornais	75
3.3 O papel da sátira e do humor como formas de resistência.....	81
4 CAPÍTULO III: <i>Lampião da Esquina e Pasquim</i>: Vanguarda na resistência	87
4.1 Relação entre os jornais alternativos e a comunidade homossexual.....	87
4.2 O papel do humor na desconstrução e manutenção de preconceito.....	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

Para desenvolver esta pesquisa, foi necessário compreender as relações existentes entre três temas aparentemente isolados e desconexos: os jornais alternativos, a ditadura e as homossexualidades no Brasil. Apesar de, à primeira vista, esses assuntos parecerem sem vínculo direto, esta dissertação reconheceu a importância de investigar as interseções e os pontos de contato entre essas temáticas, buscando, assim, lançar luz sobre as complexas dinâmicas que permeavam a imprensa alternativa, o regime ditatorial e as questões relacionadas à diversidade sexual, em particular às homossexualidades. O presente trabalho de dissertação apresenta um estudo sobre as representações homossexuais, analisando charges e cartuns dos jornais *O Pasquim* e *Lampião da Esquina*, bem como seus significados políticos no contexto da ditadura civil-militar."

O período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) foi marcado por forte repressão política, censura e controle social. O golpe civil-militar de 1964 instaurou um regime autoritário que, por meio do AI-5, em 1968, intensificou a perseguição a opositores e restringiu drasticamente as liberdades individuais e de expressão. Nesse contexto, as minorias sociais, incluindo a comunidade LGBT enfrentavam dupla opressão: além da repressão política generalizada, eram alvo de forte discriminação social e moral. O conservadorismo da época, aliado ao autoritarismo do regime militar, reforçava estereótipos e preconceitos contra homossexuais.

É importante lembrar que o dispositivo censório não surgiu a partir do golpe de 64. Ao longo da história brasileira, a censura serviu como instrumento de controle político por diversos governos, a exemplo do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), que fez uso da censura para evitar críticas à sua gestão ou notícias que pudessem representar uma ameaça à ideia de ordem política e social (HALLEWELL, 2017).

A imprensa alternativa surgiu como espaço de resistência e contestação ao regime. Publicações como *O Pasquim* (1969-1991) e o *Lampião da Esquina* (1978-1981) representavam diferentes vertentes dessa imprensa: enquanto o *O Pasquim* focava na crítica política através do humor, muitas vezes reproduzindo preconceitos da época, *Lampião da Esquina* foi pioneiro ao abordar questões específicas da comunidade homossexual, buscando combater estigmas e promover debates sobre sexualidade e direitos civis.

As discussões iniciais sobre sexualidade no Brasil surgem no final dos anos 1970, coincidindo com o processo da chamada abertura política do país. Este período histórico é fundamental para compreender como as representações e discussões sobre a homossexualidade e como eram veiculadas na mídia alternativa, refletindo tanto as tensões sociais quanto as diferentes perspectivas políticas da época.

Nesta dissertação, apresentam-se dados sobre o levantamento de charges veiculadas nos jornais *O Lampião da Esquina* e *O Pasquim* durante o período de 1970 a 1980. O riso e as narrativas que o provocam historicamente estiveram presentes em nossa sociedade, sendo elementos essenciais da convivência em uma comunidade que compartilha uma língua comum. Os temas abordados nas charges pelos jornais alternativos englobam vários aspectos da vida social, atuando como fonte de humor diário ou como estratégia de comunicação por meio de plataformas midiáticas.

A pesquisa compreende o período da ditadura civil-militar (1964 – 1985), mas, devido ao grande número de charges e cartuns encontradas nesse período, o recorte principal será entre 1970 a 1980, devido também em função do surgimento do *Lampião da Esquina*. O *Pasquim* surge em 1969, enquanto o *Lampião da Esquina* só aparece em 1978, quase dez anos depois. Assim, o recorte temporal se justifica pelo início das discussões sobre sexualidade e pelo contexto da abertura política no país.

Desde a graduação, realizei pesquisas utilizando jornais alternativos como fonte histórica para minha pesquisa. Dessa forma, o uso das charges nesses veículos chamou minha atenção pela sua diversidade e diferente instrumentalização feita por cada jornal. Sempre considerei a charge o gênero textual mais desafiador e fascinante de se compreender a partir da perspectiva do método histórico.

Durante a graduação, analisei o jornal *Lampião da Esquina*, explorando sua dimensão como um veículo homossexual que divulgava filmes com representações gays, desde protagonistas até personagens caricatos. Esse contato direto com charges me levou a questionar como o humor se manifestava nos contextos políticos e sociais. Para esta dissertação, decidi analisar o uso das charges na criação de representações homossexuais em jornais alternativos. Este estudo propõe uma análise interdisciplinar da ditadura civil-militar brasileira a partir das representações da homossexualidade nos jornais alternativos, destacando como charges e cartuns foram mobilizados em um cenário de repressão.

Em perspectiva, a metodologia utilizada para analisar as charges selecionadas e a definição do conceito de charge envolvem uma discussão sobre seus elementos essenciais. Para realizar uma análise adequada das charges e sua dimensão humorística, vamos entender as

noções de Sírío Possenti (1998) e analisar as produções. O objetivo principal deste estudo é compreender como as charges foram utilizadas pelo *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* e como os homossexuais são representados nesses jornais.

A partir da publicação do trabalho de Gordon Allport *A natureza do preconceito*, em 1954, observou-se uma expansão significativa nas investigações acadêmicas dedicadas à compreensão dos estereótipos e das manifestações preconceituosas direcionadas a grupos sociais específicos. Inicialmente, estas análises eram fundamentadas na perspectiva tradicional, que estabelecia uma relação direta entre a formação do preconceito e a existência prévia de uma percepção estereotipada negativa sobre determinado grupo social.

Uma das formas de interpretar a charge é considerar seu caráter crítico. O “humor político” utiliza as charges como linguagem para comentar sobre a sociedade e expressar sua interpretação de um determinado momento histórico. Quem melhor explora essa questão é Sírío Possenti (1998), segundo o qual as charges possuem um teor político que caracteriza o “humor político”. Desde a escolha da estrutura da charge até a seleção de quem vai produzi-la, passando por sua localização no jornal, tudo faz parte de uma estratégia política. “Pode-se dizer que a maior parte das charges das segundas páginas dos jornais são políticas, até porque elas são em geral produzidas exatamente em função das notícias” (Possenti, 1998, p. 73).

As charges, ao combinarem humor e crítica, assumiram papel central na resistência durante a ditadura. *O Pasquim* e *Lampião da Esquina* recorreram a essa linguagem gráfica para expressar visões políticas distintas: enquanto o primeiro oscilava entre crítica e estereótipos, o segundo firmou-se como espaço de visibilidade LGBT. Como destaca Possenti (1998), o humor político presente nas charges não era apenas casual, mas sim parte de uma estratégia deliberada de comunicação e contestação.

Nesse cenário, tanto *O Pasquim* quanto o *Lampião da Esquina* utilizaram as charges como ferramentas de expressão, ainda que com propósitos distintos. Enquanto as charges veiculadas refletiam o contexto sociopolítico da época, elas também serviam como um termômetro das tensões e contradições presentes na sociedade brasileira, incluindo as questões relacionadas à sexualidade e aos direitos civis.

A localização estratégica das charges nos jornais alternativos, como menciona Possenti, não era aleatória, mas sim parte de um projeto editorial maior, que visava provocar reflexões e debates.

A ambiguidade entre o “bom” e o “mau” riso, discutida por Elias Saliba (2002), manifesta-se claramente nas charges publicadas durante a ditadura civil-militar. As publicações dos jornais alternativos exemplificam essa dualidade, em que o humor oscilava entre a crítica

social construtiva e a reprodução de estereótipos gay de forma depreciativa. Tal característica demonstra como o humor gráfico do período refletia as próprias contradições da sociedade brasileira, especialmente no tratamento de temas sensíveis como a homossexualidade.

Durante a Belle Époque, a distinção entre o que Saliba (2002, p. 49) classifica como “bom” e “mau” riso tornou-se nebulosa. O “bom riso”, anteriormente associado a trocadilhos e humor inofensivo, fundiu-se com a mordacidade característica do “mau riso” (piadas depreciativas ou satíricas). Essa fusão resultou em um produto cômico de natureza ambígua, fenômeno que Elias (2002, p. 51) atribui à evolução do pensamento moderno e sua tendência à progressividade.

Utilizando do conceito de riso social para pensar as relações do humor na sociedade. Elias Saliba (2002, p. 23) sintetizou de forma perspicaz o aspecto social do riso ao declarar: “Somos incapazes de fazer cócegas em nós mesmos. [...] O riso é uma experiência coletiva.”. Desse modo, o impacto e a eficácia destas representações humorísticas dependiam diretamente de um repertório compartilhado de referências sociais e culturais entre os produtores e leitores dos jornais alternativos. No caso específico das representações homossexuais nas charges desses jornais, o riso provocado refletia tanto os preconceitos quanto as transformações nas percepções sociais da época, evidenciando como o humor funcionava como um espelho das tensões e valores coletivos do período.

Nesses casos, o humor exerce influência e reflete as intenções do jornal, consciente de seu potencial ou não. Foi precisamente dessa vertente satírica que emergiram as produções humorísticas pioneiras, caracterizadas por seu teor crítico e questionador em relação à autêntica identidade do povo brasileiro. “Curiosamente, os comediantes daquele período acreditavam que o humor era impossível no Brasil pela ausência de contraste entre o que é e o que deverá ser” (Saliba, 2002, p.33).

O Pasquim (1969-1991) foi criado com o propósito de ser um jornal de humor que refletisse o charme e a efervescência cultural do Rio de Janeiro, cidade que concentrava o maior número de intelectuais e artistas do país naquela época. Valendo-se dessa proximidade, o periódico conseguia obter entrevistas com mais facilidade, enriquecendo seu conteúdo e atraindo a atenção do público.

Além do humor e das entrevistas, *O Pasquim* também se destacava por abordar os últimos acontecimentos políticos, oferecendo uma perspectiva crítica e satírica sobre os fatos. O jornal não se furtava a tecer críticas aos costumes e ao comportamento da classe média acomodada, que vivia indiferente com os movimentos sociais e às mudanças ocasionadas pela ditadura civil-militar. Essa combinação de humor, informação, crítica política e social fez *do*

Pasquim um dos mais importantes e influentes jornais alternativos do período da ditadura civil-militar. Seu estilo irreverente e sua postura combativa frente ao regime autoritário conquistaram uma legião de leitores e contribuíram para a formação de uma consciência crítica em meio à repressão e à censura que marcaram aqueles anos.

O *Lampião da Esquina*, fundado em 1978, encerrou suas atividades em 1981 devido a conflitos internos e à censura imposta pelos militares. O jornal era organizado em seções fixas, como *Opinião*, *Ensaio*, *Esquina*, *Reportagem*, *Literatura*, *Tendências* e *Cartas na Mesa*.

Essa estrutura editorial não diferia significativamente de outros jornais alternativos do período, que também recorriam a capas chamativas e charges para estabelecer uma correlação com os artigos apresentados. As capas do *Lampião da Esquina* eram elaboradas para atrair a atenção do público, enquanto as charges funcionavam como recurso visual e humorístico para complementar e reforçar o conteúdo das matérias. (Ao analisarmos as capas dos jornais, identificamos que essa estratégia também era utilizada por O *Pasquim*).

Tais estratégias refletiam a intenção do *Lampião da Esquina* de se destacar em meio à imprensa alternativa e de criar uma identidade visual própria, alinhada à sua proposta editorial de dar visibilidade e voz à comunidade LGBT¹ em um contexto de repressão e censura. Assim, o *jornal* se consolidou como um importante veículo de comunicação e resistência durante seus três anos de existência, deixando um legado significativo para a história da imprensa e do movimento LGBT no Brasil.

As edições dos jornais *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* estão disponíveis online no formato digital e podem ser acessadas facilmente. No caso do *Lampião*, a digitalização e organização das edições foram realizadas pelo Grupo Dignidade², uma organização dedicada à proteção dos direitos humanos e da cidadania LGBT. O grupo busca divulgar trabalhos produzidos por homossexuais ou que possuem personagens homossexuais como protagonistas. As edições de *O Pasquim*³, por sua vez, estão disponibilizadas no DocPro, na Hemeroteca nacional, uma plataforma que disponibiliza documentos digitalizados de acesso público. A disponibilidade dos arquivos do *Lampião da Esquina* e do *O Pasquim* na internet

¹ Para fins de padronização e clareza neste trabalho, adotaremos o termo LGBT ao nos referirmos à comunidade homossexual, embora nas fontes primárias analisadas - O *Lampião da Esquina* e O *Pasquim* - sejam encontrados diversos termos característicos da época, como "homossexual", "guei", "viado", "veado" e "gay". Esta escolha metodológica visa facilitar a compreensão e manter a coerência textual, reconhecendo, contudo, a importância histórica e contextual dos termos originalmente utilizados nas publicações.

² Acesso ao site de visualização do jornal *Lampião da Esquina*: <https://www.grupodignidade.org.br/> 2 Acesso ao site de visualização do Jornal *Pasquim*: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=&pagfis=22453>

³ Acesso ao site de visualização do Jornal *Pasquim*: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=&pagfis=22453>

facilita o acesso de um público mais amplo a esses importantes periódicos, permitindo não apenas a leitura por parte de interessados, mas também a realização de novas pesquisas sobre variados temas. A organização dos jornais nos respectivos sites é feita de maneira cronológica, com base nos anos e nas edições mensais, possibilitando a identificação precisa da data de publicação de cada exemplar.

Essa sistematização e acessibilidade dos arquivos contribuem significativamente para a preservação e difusão da história desses jornais alternativos, que desempenharam um papel fundamental na luta pela liberdade de expressão durante o período da ditadura civil-militar no Brasil. Assim, a iniciativa de digitalização e disponibilização online dessas edições representa um importante passo para a construção e o fortalecimento da memória e da historiografia relacionadas à imprensa alternativa e às questões de gênero e/ou orientação sexual no país.

A natureza crítica da charge permite que ela seja utilizada por veículos e organizações com projetos políticos e diretrizes ideológicas bem definidas, funcionando como um agente de mobilização e persuasão. Os jornais alternativos, assim como os da grande imprensa, utilizaram essa modalidade, tendo os jornais da imprensa alternativa, que veem na charge uma oportunidade de militância e expressão de opiniões.

Como já assinalado anteriormente, existem piadas que tecem críticas à política em si, ou seja, à classe política como um todo, sem se concentrar em particularidades de diferentes regimes ou personalidades envolvidas. Embora o humor nem sempre assuma um caráter crítico, ele é político.

É importante ressaltar que, no escopo da análise desta dissertação, também serão examinados alguns cartuns, além das charges selecionadas. O cartum e a charge apresentam diferenças significativas em suas características e propósitos. Enquanto o cartum está associado a fatos e textos de natureza atemporal, abordando temas universais e não necessariamente vinculados a um contexto específico, a charge, por sua vez, está intrinsecamente ligada a acontecimentos contemporâneos, retratando fatos da atualidade (Santos, 2012). Além disso, o cartum tende a representar a coletividade, sem focar em indivíduos isolados, ao passo que a charge frequentemente tem como ponto de partida uma notícia específica, revelando ao leitor o posicionamento editorial do veículo de comunicação e servindo como um alerta tanto para as autoridades policiais quanto para a sociedade em geral.

A escolha desses dois periódicos *O Pasquim* e *Lampião da Esquina* permite contrastar abordagens distintas do humor gráfico sob o mesmo contexto repressivo: um centrado na crítica política, outro na militância por visibilidade LGBT. A criação do periódico *Lampião* se insere

nesse contexto e busca analisar e compreender as representações do masculino, emergindo em uma época em que os movimentos feministas – que, conforme Joan Scott (1994), foram pioneiros na análise histórica da teoria de gênero – experimentavam um novo impulso. Isso permite questionar as múltiplas disparidades nas interações entre homens e mulheres. Tais indagações abrem caminho para outros grupos, como a comunidade homossexual, que, nesse período, buscava reconhecimento como atores sociais e políticos, tendo o periódico como uma expressão do fortalecimento e evolução desse movimento (Scott, 1994).

A escolha por utilizar mais charges do jornal *O Pasquim* em comparação ao *Lampião* da Esquina se baseia em três principais motivos. Primeiro, *O Pasquim* teve uma duração maior, de 1969 a 1991, enquanto "*Lampião*" circulou apenas de 1978 a 1981, o que resulta em uma produção mais variada de conteúdo. Segundo, *O Pasquim* era publicado semanalmente, permitindo uma frequência maior de charges, enquanto *Lampião* era mensal, limitando a quantidade de material disponível. Por fim, *O Pasquim* se destacou pelo humor ácido e crítico, utilizando charges como uma ferramenta central para comentar a realidade social e política da época, enquanto *Lampião* incorporou o humor apenas no final de sua trajetória.

Nesta pesquisa, será realizada uma comparação entre dois importantes jornais alternativos da época da ditadura militar brasileira: *O Lampião* e *O Pasquim*. Ambos se destacaram por suas críticas ao regime e por utilizarem charges e artigos para denunciar as injustiças sociais. No entanto, suas abordagens em relação à homossexualidade revelam diferenças significativas. Enquanto *O Lampião* se posicionou como um defensor da construção de uma cultura da resistência homossexual no Brasil, promovendo a visibilidade e a aceitação da comunidade LGBT, *O Pasquim* frequentemente recorria ao humor e à ironia, apresentando representações negativas e simplificadas do grupo. Essa análise busca explorar como essas distintas posturas refletem as complexidades das discussões sobre sexualidade e identidade na imprensa alternativa daquele período.

Essa postura ocorre em um contexto histórico marcado por significativas transformações sociais. Em 1964, a democracia brasileira sofreu um revés com o golpe civil-militar, que instaurou um regime de controle sobre a imprensa, a cultura e as questões sociais, influenciando diretamente a forma como temas como a homossexualidade eram abordados na mídia.

A redemocratização só ocorreu em 1985. Durante a ditadura, foram utilizadas estratégias para continuar com as manifestações humorísticas que promoviam reflexão, com o uso de charges. As expressões humorísticas mais críticas eram alvo de censura pelos órgãos de controle. Consequentemente, o humor debochado se normalizou na sociedade brasileira por

décadas. Kênia Medeiros (2012, p. 163), afirma que o riso serviu como arma de crítica à ditadura civil-militar por sua capacidade de ridicularizar e aniquilar moralmente o alvo dos gracejos, levando-o ao “descrédito social”, ao mesmo tempo que passava pela censura despercebido como uma simples brincadeira. Nas palavras dela:

O riso esconde, pois, uma crítica, uma repressão social; transforma o modo de controle social pelo poder de ridicularizar e de aniquilar, moralmente, o indivíduo, levando-o ao descrédito social. É uma punição que reprime uma atividade que deve ser mantida em estado de adormecimento ou de isolamento. O riso cômico procura, então, eliminar as excentricidades e articula, de modo quase mecânico, inteligências e atividades que formatam a visibilidade do sistema social (Medeiros, 2012, p.163).

A obra de James N. Green e Renan Quinalha traça um panorama abrangente e interdisciplinar de quatro décadas de luta do movimento LGBT no Brasil. A obra detalha a evolução do movimento desde suas origens até os dias atuais, destacando a diversidade de identidades e formas de luta que emergiram ao longo dos anos. Destaca o impacto das mudanças políticas recentes no Brasil, especialmente a ascensão de figuras políticas conservadoras, e como isso afetou a mobilização e os direitos da comunidade LGBT.

Ao apresentar a criação e desenvolvimento dos jornais alternativos, Bernardo Kucinski (2003) sistematiza a história de *O Pasquim e Lampião* em fases distintas. Cada fase é explorada em seus contextos históricos específicos, analisando as principais características do grupo de jornalistas, tanto na produção das matérias quanto na gestão empresarial do jornal, o que é crucial para compreender seus projetos editoriais. A relação entre esses aspectos em cada fase, assim como a interação do jornal com o período histórico correspondente, configura uma compreensão mais precisa sobre a presença de jornais alternativos durante a ditadura civil-militar brasileira.

Aspectos específicos da linguagem jornalística de *O Pasquim e Lampião*, considerados inovadores na época, também são comentados, sendo indispensáveis para entender seu funcionamento e sua identidade. A análise do processo produtivo e criativo desses jornais permite visualizar como os textos eram construídos, as páginas pensadas e as capas elaboradas. Todavia, verifica-se a utilização da charge na criação de estereótipos, mostrando como esses elementos contribuíam para a comunicação e mobilização política.

Além disso, será investigado como a imprensa alternativa abordou as questões relacionadas à diversidade sexual em um contexto caracterizado pela repressão e censura. Por meio da análise de diferentes aspectos – políticos, sociais, culturais e históricos, este estudo visa proporcionar uma compreensão mais abrangente e aprofundada das lutas, desafios e conquistas

da comunidade LGBT durante o período da ditadura civil-militar. Ao investigar as inter-relações entre o regime ditatorial, os jornais alternativos e a homossexualidade, esta pesquisa busca contribuir para o avanço do conhecimento acerca desse importante capítulo da história brasileira, destacando o papel fundamental desempenhado pela imprensa alternativa na resistência ao regime e na visibilização das pautas e demandas da população LGBT. Almeja-se que os resultados deste trabalho possam enriquecer o debate acadêmico e fomentar novas reflexões sobre esse período conturbado e suas implicações para a sociedade brasileira contemporânea.

Nas últimas décadas, a historiografia dedicada ao estudo da ditadura civil-militar brasileira tem apresentado um crescimento significativo. Temas como o golpe de 1964, a repressão política, a luta armada já é amplamente conhecido e foi objeto de numerosas pesquisas e publicações. Contudo, é crucial enfatizar que a história dos homossexuais precisa cada vez mais ser pesquisada. Nessa perspectiva, é relevante considerar as investigações conduzidas pelo historiador Paulo Roberto Souto Maior (2018) sobre o *Lampião da Esquina*, visando explicar a presença de homossexuais em diversas seções do jornal, bem como a emergência de uma voz contestadora após um período vivendo na escuridão. Além disso, o autor aborda as dificuldades enfrentadas pelos homossexuais durante a ditadura civil-militar e a chegada de um jornal voltado para essa comunidade que não tinha voz.

No jornal analisado aqui os homossexuais puderam se tornar porta-vozes de si mesmos, caminhar em trajetórias demarcadas por eles mesmos, brincar com os desejos referentes à sexualidade, discutir múltiplas questões do seu tempo. *Lampião*, soube pertencer às minorias, colocar em questão a política do momento. Mas, o sabor do arquivo destaca histórias de amor, narrativas de alegrias, de encontros, de bem-querer, de desejos, de apoio. O fim dos anos 1970 no país singularizou-se também pelo som das vozes de personagens ainda não conhecidas na história do Brasil, os corpos homossexuais que se escrevem na sua própria linguagem (Souto Maior, 2018, p.77).

A trajetória da comunidade LGBT no Brasil é muito mais ampla e diversificada, englobando diferentes momentos históricos e contextos sociais. É fundamental apresentar as pesquisas recentes sobre as homossexualidades e a população LGBT durante a ditadura, uma vez que o interesse por essa temática tem crescido significativamente. Um exemplo é a pesquisa de Paulo Souto Maior (2018), intitulada *Assumir ou não assumir*, que analisa a experiência dos homossexuais e tem como fonte principal o *Lampião da Esquina*. Outro estudo relevante é o de Paulo Sergio Campelo (2016), *Lampião da Esquina: Descortinando o cotidiano gay entre os anos de 1978 e 1981*. Os trabalhos de Paulo Souto e Paulo Campelo demonstram que a

investigação sobre a ditadura e os homossexuais continua a emergir, evidenciando a necessidade de aprofundar cada vez mais essas discussões.

Faz-se necessário, portanto, expandir o escopo das pesquisas e das narrativas históricas, de modo a abarcar as múltiplas facetas da história LGBT no Brasil. Este trabalho se diferencia por realizar uma análise comparativa das charges de *Lampião da Esquina* e *O Pasquim*, abordando de forma integrada a ditadura, imprensa alternativa e representações da homossexualidade, aspectos geralmente tratados de maneira isolada em pesquisas anteriores. Isso implica investigar as formas de organização e resistência da comunidade antes, durante e depois da ditadura, assim como explorar as transformações sociais, culturais e políticas que impactaram a vida dos homossexuais em diferentes períodos. Somente por meio de uma abordagem mais abrangente e inclusiva será possível construir uma compreensão aprofundada da história dos homossexuais no Brasil, reconhecendo a diversidade de suas experiências e contribuições para a sociedade brasileira ao longo do tempo. Este trabalho se diferencia de outras pesquisas ao realizar uma análise comparativa entre o *Lampião da Esquina* e *O Pasquim*, focando no uso de charges nas representações da homossexualidade. Essa abordagem é fundamental para compreender a relação entre os jornais alternativos, a ditadura e a homossexualidade.

O trabalho será organizado em três capítulos. Após esta breve introdução, o primeiro capítulo aborda o papel do jornalismo e das manifestações artísticas como formas de resistência durante o período da ditadura civil-militar brasileira. Além disso, são discutidos os mecanismos utilizados pelo governo para silenciar vozes dissidentes e controlar a produção cultural e jornalística do país.

Já o segundo capítulo explora como os jornais alternativos *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* utilizaram recursos humorísticos e satíricos para questionar e desafiar a ditadura militar brasileira, destacando como a linguagem visual foi empregada para transmitir mensagens subversivas e críticas ao governo.

No terceiro capítulo, analisamos o papel desses dois jornais alternativos como protagonistas na luta contra a ditadura civil-militar brasileira e na luta pelos direitos da comunidade homossexual. São discutidas as formas como esses periódicos deram visibilidade às demandas e às lutas da comunidade homossexual ou como auxiliaram na formulação de estereótipos, atuando como espaços de afirmação identitária, de contestação da heteronormatividade imposta no regime militar e no fortalecimento de representações caricatas.

Apenas por meio de uma abordagem mais ampla e inclusiva será possível desenvolver um entendimento mais integral e detalhado acerca da história dos homossexuais no Brasil. Essa

perspectiva deve reconhecer não somente os obstáculos superados, mas também os avanços obtidos por essa comunidade em sua trajetória de reivindicação por direitos, visibilidade e aceitação social. Tal enfoque permitirá a construção de uma narrativa histórica mais verossímil e representativa, capaz de abarcar a pluralidade de vivências e a relevância das contribuições dos homossexuais para a sociedade brasileira ao longo do tempo. Desse modo, será possível superar visões limitadas e estereotipadas, promovendo uma compreensão mais justa e empática da história LGBT no país.

Em seguida, aprofunda-se a discussão sobre as limitações impostas aos meios de comunicação, destacando as estratégias adotadas pelos militares para censurar e manipular a imprensa. São abordados casos emblemáticos de jornais e jornalistas que sofreram perseguições e represálias por se impor ao regime. Ao longo do trabalho, são apresentados exemplos de iniciativas jornalísticas que desafiaram a censura e a repressão, atuando como formas de resistência e subversão ao regime militar, como o uso de charges e suas capas. Além disso, analisa-se como as charges foram utilizadas para representar os homossexuais e os movimentos que estavam surgindo durante o período. A análise busca evidenciar a importância desses movimentos na luta pela liberdade de expressão e na defesa dos direitos humanos durante um dos períodos mais sombrios da história brasileira.

2 CAPÍTULO I: Jornalismo subversivo e resistência artística durante a Ditadura

Suas manifestações persistem ainda por alguns anos e perdem importância ao longo da ditadura civil-militar brasileira. Apenas recentemente é que ouvimos falar novamente na Marcha com Deus pela família e pela liberdade, já nas agruras dos péssimos remakes do golpe empreendido por Jair Bolsonaro (Veras, 2021, p.175).

Em 2024, se completam-se 60 anos do golpe civil-militar no Brasil, um episódio que mantém proximidade com o nosso presente devido às marcas deixadas em nossa história e aos discursos antidemocráticos e neofascistas que ainda são reproduzidos. Nesta empreitada acadêmica, discute-se o papel do jornalismo e das manifestações artísticas como formas de resistência durante o período da ditadura civil-militar brasileira, particularmente nos jornais da imprensa nacional.

2.1 O contexto político e a supressão da liberdade de expressão

A ditadura que se instaurou no Brasil após o golpe de 1964 teve um caráter conservador, e é importante ressaltar o aspecto civil desse regime, uma vez que contou com o apoio de parte do empresariado, de organizações religiosas e de outros setores da sociedade que desejavam ver o país livre das supostas “degenerações” associadas ao comunismo. É significativo observar que o golpe foi precedido pela Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada no dia 19 de março daquele ano. Essa marcha foi organizada por uma série de entidades religiosas e por grupos de mulheres, como a União Cívica Feminina e a Campanha da Mulher pela Democracia. Entre suas pautas estava a queda do presidente João Goulart, devido sua suposta proximidade com o comunismo. A marcha também se posicionava contra o “homossexualismo”, visto como uma doença⁴, contra o feminismo e contra outras pautas consideradas ameaças à família brasileira tradicional.

Este cenário de conservadorismo e intolerância se intensificou após o golpe. Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), os agentes do regime impuseram um rígido controle e censura sobre a mídia brasileira e a sociedade. A implantação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, durante o governo de Costa e Silva, aprofundou as perseguições aos militantes de esquerda e aos jornalistas. Diante desse contexto, os jovens procuraram maneiras

⁴ Na época a homossexualidade ainda era classificada como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo despatologizada apenas em 17 de maio de 1990. O termo “homossexualismo”, utilizado no período, carregava em seu sufixo “ismo” a conotação patológica.

de se rebelar contra o sistema. Alguns resistiram por meio de movimentos sociais organizados pela esquerda, enquanto outros adotaram uma postura de desbunde.

Essa última forma de resistência foi uma maneira de desafiar a ditadura, sua defesa dos bons costumes e o conservadorismo da sociedade brasileira, que impunha um ideal de moral a ser seguido, com padrões de comportamento e de pensamento estabelecidos para manter a “imoralidade” afastada. Destaco aqui o livro de Renan Quinalha (2021), que oferece uma análise sobre como a ditadura civil-militar brasileira abordou questões de sexualidade e de gênero. A obra explora a repressão e o controle exercidos pelo regime sobre comportamentos considerados desviantes, com foco especial na perseguição à comunidade LGBT.

A homossexualidade e outras expressões de gênero dissidentes foram enquadradas como ameaças à ordem vigente e passaram a ser sistematicamente reprimidas pelo aparato estatal. Essa postura repressiva integrava os princípios da Doutrina de Segurança Nacional, que vinculava comportamentos tidos como "desviantes" a riscos ideológicos e morais. Conforme analisa Benjamin A. Cowan em sua obra *Securing Sex: Morality and Repression in the Making of Cold War Brazil*, o regime militar estabeleceu uma associação entre práticas sexuais consideradas não normativas e o perigo comunista, interpretando tais práticas como instrumentos de corrosão moral utilizados por forças subversivas para enfraquecer os fundamentos da nação (COWAN, 2016).

No contexto da ditadura civil-militar, questões relacionadas à sexualidade ganharam relevância como tema de segurança nacional. O governo autoritário, em sua busca por uma suposta purificação moral da sociedade e formação de uma nova mentalidade coletiva, dedicou atenção especial às relações afetivas e sexuais entre indivíduos do mesmo gênero. Tais vínculos ameaçavam os princípios conservadores e à estrutura social que o regime almejava estabelecer.

Não que, conforme já apontamentos, a ditadura tivesse inventado ou inaugurado o preconceito e a mentalidade conservadora que embalsamaram uma parcela significativa da população brasileira. o que ocorreu é que o golpe de 1964, ao estruturar um aparato de violência complexo e funcional para seus objetivos, proveu os indícios de moralidade alheia os meios de que precisavam para levar a cabo um projeto de purificação, desde as agências estatais. (Quinalha, 2021, p. 314).

Os efeitos mais severos da repressão ditatorial sobre a sexualidade e a expressão de gênero foram experimentados principalmente por homossexuais, travestis e indivíduos pertencentes às camadas sociais menos favorecidas. A identidade de gênero e classe social amplificaram essa vulnerabilidade. Para compreender o desenvolvimento do *Lampião da Esquina* e de *O Pasquim*, é essencial considerar o contexto do Brasil pré e pós-1964.

O autor James N. Green esclarece que, para entender o regime militar, é necessário compreender suas ramificações ao longo dos anos. Ele afirma: “Entender a complexidade do período da ditadura civil-militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985 não é uma tarefa fácil. Foram vinte e um anos cheios de contradições” (Green, 2014, p. 22). Assim, observa-se que os efeitos do regime militar não podem ser analisados de forma isolada, mas sim como um processo que deixou marcas profundas na sociedade brasileira.

Ao analisar a história da ditadura civil-militar brasileira, é possível identificar diferentes momentos e fases, marcadas pelos Atos Institucionais. Durante a primeira fase, compreendida entre 1964 e 1967, houve uma intensa perseguição ao sindicalismo organizado, às esquerdas (especialmente aquelas de inspiração marxista), aos movimentos populares e a determinados intelectuais identificados com as lutas por democracia e justiça social.

A segunda fase da ditadura militar no Brasil, que se consolidou após 1967, é marcada pela promulgação da nova Constituição nesse ano e pelo aprofundamento da repressão política. A nova Constituição, embora tivesse um caráter de legalidade, mantinha a estrutura autoritária do regime militar, reforçando os poderes das Forças Armadas e limitando as liberdades civis. Essa fase é caracterizada pela continuidade das ações repressivas iniciadas com o golpe de 1964 e pela implementação de uma política de endurecimento, especialmente após o AI-5, em 1968.

Durante esse período, o governo militar buscou legitimar sua autoridade por meio de uma retórica de combate ao comunismo e à "subversão", utilizando a propaganda para justificar suas ações. A repressão se intensificou, com a criação de órgãos como o Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que foram responsáveis pela vigilância, prisão e tortura de opositores. Além disso, houve um aumento significativo na censura aos meios de comunicação e à produção cultural, limitando a liberdade de expressão e silenciando vozes dissidentes.

O regime militar instaurado no Brasil em 1964 não demonstrou, em um primeiro momento, uma preocupação direta com os jornalistas e suas produções. Durante o período compreendido entre 1964 e 1968, houve uma relativa liberdade de criação e expressão no campo das artes. Nos anos iniciais da ditadura, o foco principal do regime estava voltado para a repressão de movimentos políticos e sociais considerados subversivos, como os sindicatos, as organizações estudantis e os partidos de esquerda.

Essa relativa liberdade permitiu que artistas de diferentes áreas, como teatro, música, cinema e artes plásticas, pudessem continuar produzindo e expressando suas visões de mundo de forma crítica ao regime. Muitos utilizaram suas obras para denunciar as injustiças sociais,

questionar o autoritarismo e defender valores democráticos. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo nesse período de relativa liberdade, já havia sinais de censura e repressão no campo cultural. Algumas obras consideradas mais ousadas ou explicitamente contrárias ao regime sofreram retaliações pontuais, como cortes, proibições e até mesmo prisões de artistas. Além disso, a relativa liberdade de criação e expressão entre 1964 e 1968 não significa que os artistas estivessem completamente imunes à vigilância e ao controle do Estado.

Desde 1964, o regime já mantinha um sistema estruturado de censura e vigilância. No entanto, com a promulgação do AI-5, em dezembro de 1968, esse aparato foi fortalecido, ampliando sua capacidade de controle sobre a sociedade, especialmente no campo cultural. A partir desse momento, a censura se tornou mais rígida e sistemática, limitando severamente a liberdade de expressão dos artistas e impondo um clima de medo e autocensura.

Assim, a história da ditadura civil-militar brasileira não pode ser compreendida sem levar em consideração as experiências e as lutas da comunidade LGBT que enfrentou desafios específicos e construiu estratégias próprias de resistência e afirmação identitária durante esse período conturbado da história do país.

A visão da ditadura sobre essas "perversões" também se desloca a partir da afirmação da homossexualidade como uma identidade política e um suporte para a militância organizada contra o autoritarismo. Neste sentido, a homossexualidade mudou e influenciou a renovação da mirada repressiva da ditadura. Quando deixou de ser apenas uma prática sexual repulsiva e passa a ser um movimento social de contestação da ordem e de reivindicação de igualdade e direitos, colocou em questão as estruturas autoritárias e excludentes (Quinalha, 2021, p. 320).

Logo, é importante salientar que a ditadura foi percebida de maneiras distintas por diferentes grupos sociais, uma vez que os detentores do poder e os mais ricos foram beneficiados por ela. Além disso, a memória da ditadura foi sendo alterada ao longo do tempo, a tal ponto que, em manifestações ocorridas em 2015 no Brasil, 30 anos após o término da ditadura, houve pedidos de intervenção militar por parte de setores da sociedade brasileira. Esses pedidos ainda persistem nos dias atuais, apesar do trabalho feito pela Comissão Nacional da Verdade, criada em 2012 e finalizada em 2014, com a entrega à sociedade do relatório final de seu trabalho de investigação dos crimes cometidos pelo Estado brasileiro. Naquele momento, manteve-se o discurso da conciliação, o mesmo que, ao final da ditadura, contribuiu para a impunidade de seus agentes. Desse modo, James N. Green (2014, p. 15) também discute: “O trabalho de memória e de justiça em relação às violações de direitos humanos da ditadura civil-militar, com a existência de inúmeras Comissões da Verdade em funcionamento para apurar as violências do passado recente”. Ao pensar, sobre os conceitos de memória e de acontecimentos,

faz-se necessário citar Joël Candau⁵, que na sua obra *Memória e Identidade* (2011), enfatiza a influência da cultura na formação da escrita de si. Sua abordagem destaca como as experiências individuais são mediadas pelo contexto cultural. Ao analisar com a perspectiva de Candau, podemos examinar como as narrativas pessoais refletem e são moldadas por sistemas culturais mais amplos, enriquecendo a compreensão da identidade individual.

Se admitimos que os seres humanos não são “indivíduos” atomizados, “criando suas identidades e perseguindo seus objetivos independentemente uns dos outros”, reconhecemos ao mesmo tempo que a sociedade existe. É necessário então supor que os sujeitos são capazes de se comunicar entre eles e acessar, assim, um “compartilhamento mínimo do trabalho de produção de significações”, seja um compartilhamento de conhecimentos, saber, de representações, de crenças cuja descrição e explicação irão justificar o recuso as retóricas holistas (Candau, 2011, p. 31).

A memória coletiva sobre a ditadura civil-militar brasileira é um tema complexo e multifacetado, que reflete as ideias de Joël Candau sobre a construção da identidade através da memória. Enquanto alguns grupos preservam e compartilham lembranças dolorosas de repressão e violência, outros mantêm uma visão nostálgica ou até negacionista do período. Essa diversidade de narrativas demonstra como a memória é seletiva e influenciada por fatores sociais, políticos e culturais. A forma como a sociedade brasileira lembra e interpreta a ditadura civil-militar continua a moldar sua identidade nacional e suas perspectivas sobre democracia e direitos humanos, ilustrando o poder da memória na construção da realidade social e histórica.

Nesse contexto de disputas pela memória e interpretação do período ditatorial, a imprensa alternativa desempenhou um papel fundamental como espaço de resistência e crítica ao regime, utilizando diferentes recursos, entre eles o humor gráfico, para expressar sua oposição. Abaixo, apresentamos a primeira similaridade que encontramos entre o *Lampião* e o *Pasquim* no que se refere ao uso de charges para criticar a ditadura e sua repressão à sociedade, enquanto havia jornais da grande imprensa que enalteciam o regime.

⁵ Joel Candau é professor de antropologia na Universidade de Nice-Sophia, na França, e coordenador do LASMIC (Laboratório de Antropologia e Sociologia Memória, Identidade e Cognição Social).

Figura 1 – Autocensura



Fonte: O Pasquim: 1970, edição 39.

Ao analisar a Figura 1 e utilizando as estratégias de Sírío Possenti (1998), pensando no uso do “humor político”, na construção de charges, observamos que ela retrata um diálogo entre um paciente e um médico em um consultório no qual a paciente, seja por vergonha ou medo, prefere ser examinada por trás de uma divisória. A charge tinha a intenção de satirizar a produção do jornal, insinuando um possível autopolicimento dos jornalistas em seu trabalho. Criada por Millôr⁶ a obra destacava seu nome, evidenciando que seus projetos estavam vulneráveis à censura, especialmente por abordar a ditadura.

O humor presente na resposta da paciente amplia a compreensão do leitor sobre o receio do jornal em relação à interferência dos órgãos censores do governo. Também expressa os impactos que essa censura pode causar à criatividade e à liberdade do jornal. Com um “humor político”, além de iniciar um movimento de contestação à censura, ele sugere que o temor da censura oficial se resume ao medo e à atitude do grupo em evitar pautar questões suscetíveis à repressão.

Na madrugada de 12 de março de 1970, foi colocada uma bomba na sede de *O Pasquim*. Não ocorreu nenhum acidente já que a explosão falhou, mas o jornal noticiou a informação até mesmo como forma de proteção, sem, no entanto, atribuir diretamente o ataque aos militares.

Até o momento em que escrevemos esta nota, desconhecemos qualquer providência governamental para descobrir os autores do atentado ou para proteger *O Pasquim*. Por causa disso, contratamos os serviços de uma firma especializada em segurança de empresas particulares. A nossa segurança está sendo paga por nós mesmos e não através dos impostos (*O Pasquim*, 1970, p.13. edição 39).

⁶ Millôr Fernandes (1912-2012) foi um importante humorista, escritor, dramaturgo e artista gráfico brasileiro, conhecido por seu talento em criar charges, crônicas e peças teatrais. Ele se destacou por sua capacidade de ironizar e criticar a sociedade, a política e a cultura brasileira, muitas vezes utilizando o humor como uma forma de resistência.

Após a publicação da nota na edição 39 de *O Pasquim*, em 1970, o clima de tensão e insegurança que pairava sobre a redação do jornal apenas se intensificou. O atentado à bomba contra as instalações do semanário humorístico não era apenas um ato isolado de violência, mas sim um símbolo da crescente repressão contra a liberdade de expressão e a imprensa independente durante a ditadura civil-militar brasileira. Nas edições subsequentes, *O Pasquim* não se intimidou. Pelo contrário, a equipe editorial decidiu usar o humor como uma forma de resistência e denúncia. Charges e caricaturas começaram a retratar o incidente da bomba de maneira satírica, transformando a violência em objeto de escárnio. Uma das fotos mais marcantes mostra a verdadeira bomba deixada em frente à sede do jornal.

Figura 2 – Ataque



Fonte: O Pasquim: 1970, edição 39.

Juntamente com a imagem da bomba, há a notícia, intitulada "A Bomba", na qual se observa uma descrição minuciosa do tipo de arma, incluindo seu peso e formato. No entanto, o texto caracteriza a ação como um ato terrorista. A notícia menciona que os jornais cobriram o evento, variando em seu nível de empatia nas reportagens. "*Os jornais noticiaram o fato, cada qual com maior ou menor grau de solidariedade a O'PASQUIM*.'" (O Pasquim, 1970, p.3. edição 39).

O episódio da bomba e sua subsequente tratativa humorística tornaram-se um marco na história de *O Pasquim* e do jornalismo brasileiro durante a ditadura civil-militar. O atentado e sua posterior abordagem humorística nas páginas do jornal produziram um fenômeno dual em

sua repercussão. A publicação experimentou um significativo aumento em sua projeção junto aos segmentos sociais que se contrapunham ao regime militar, consolidando-se não apenas como veículo de entretenimento, mas como expressão simbólica de resistência cultural e política. O cenário sociopolítico que caracteriza a segunda fase do jornal foi profundamente influenciado pelo recrudescimento da repressão estatal durante a ditadura. Embora o AI-5 já tivesse sido decretado anos antes, seus efeitos continuavam a limitar drasticamente a liberdade de expressão, sufocando manifestações criativas e restringindo a atuação de vozes dissidentes no campo ideológico, o que impactou diretamente a produção cultural e jornalística do período.

Em contrapartida, essa maior visibilidade resultou na intensificação dos mecanismos de controle e coerção sobre o periódico. O aparato estatal, incomodado com a persistente postura contestadora do jornal, ampliou as medidas censórias e intimidatórias. A equipe editorial e seus colaboradores tornaram-se alvos recorrentes de intimidações não identificadas, enquanto a redação era submetida à vigilância sistemática por agentes do regime.

Figura 3 – Fim da violência



Fonte: Lampião da Esquina: 1980, edição 21

A charge se insere no debate que estava acontecendo com o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Achle, que descartou a possibilidade de o governo adotar uma estratégia de prisão. No entanto, o jornal evidencia uma contradição, uma vez que havia, por parte do governo, discussões sobre a implementação da prisão cautelar.

O humor político, segundo Possenti, é uma forma de crítica social que permite questionar e desafiar o poder. Ele oferece uma maneira de expor as contradições e os absurdos das ações políticas, muitas vezes de forma mais impactante do que a análise direta (Possenti, 1998). Aqui, observamos que a charge aborda a ditadura por meio de uma estratégia humorística.

Essas discussões eram justificadas pela alegação de que a violência estava em níveis alarmantes e que medidas de controle eram necessárias. O jornal explica que o governo utilizava a prisão cautelar como uma estratégia conveniente para manter a população sob controle.

"Embora nenhum dos jornais que participam ativamente desta campanha tenha exibido aos seus leitores a verdade insofismável das estatísticas (diz-se apenas que a criminalidade aumentou; mas quando isso foi conveniente para o sistema, também se disse que ela tinha diminuído, no período 1976/1978)." (Lampião, 1980, p.8. edição 21).

Adicionalmente, o jornal aborda a questão da prisão cautelar no contexto do movimento homossexual, destacando que as minorias estariam cada vez mais vulneráveis à perseguição. E que os jornais da grande imprensa divulgavam informações apoiando o regime.

"A prisão por 'suspeita' atinge diretamente os homossexuais e outras minorias, como os negros. Por exemplo, por avaliação subjetiva, poderá ser preso não apenas qualquer homossexual, mas qualquer negro, qualquer pobre ou qualquer indivíduo que não consiga comprovar vínculo empregatício. Ué, mas isso já não acontece? Acontece - mas é ilegal. E se for legalizado, perderemos então qualquer possibilidade de luta." (Lampião, 1980, p.8. edição 21).

Assim, o texto destaca como a legalização de práticas discriminatórias pode comprometer a luta por direitos das minorias, reforçando a crítica ao uso da prisão cautelar como ferramenta de controle social.

A charge sobre a violência ocorrida durante a ditadura reflete o apoio daqueles que seguiam fielmente e que enxergavam a repressão, a censura e as mortes como uma ação necessária para combater o “mal maior”. Criada por Levi⁷, utiliza estratégias do cotidiano da

⁷ Levi, cujo nome completo era Levi de Oliveira, foi um humorista e cartunista brasileiro conhecido por seu trabalho no jornal "Lampião da Esquina", que circulou entre 1978 e 1981. Levi se tornou um dos principais nomes do humor gráfico brasileiro, utilizando suas charges para criticar o regime militar e suas consequências.

ditadura para produzir suas obras. Um exemplo disso é o lema “Ame-o ou deixe-o”, usado pelos militares e pela direita brasileira para se referir àqueles que discordavam do sistema vigente. Essas pessoas estavam sujeitas à repressão e à tortura por parte do Estado. Ao analisar os trechos da Comissão da verdade, é possível encontrar relatórios da criminalização da sexualidade, alinhado aos padrões de comportamento com os valores tradicionais da família brasileira. A Comissão da Verdade⁸ do Estado de São Paulo "Rubens Paiva" também investigou as violações de direitos humanos contra pessoas LGBT durante a ditadura. O relatório destaca que a censura estatal e a criminalização de desejos e identidades sexuais serviram como instrumentos de repressão, silenciando vozes dissidentes e perpetuando a violência institucionalizada. É necessário considerar a participação dos jovens na luta, simultaneamente ao que ocorria em vários lugares do mundo onde eles conquistavam espaços e direitos.

A juventude brasileira entrou no ciclo de oposição ao conservadorismo e à repressão que marcaram toda uma geração. As manifestações estudantis brasileiras tiveram um papel importante ao demonstrar que uma parte da juventude, sobretudo aquela que frequentava as universidades, não estava satisfeita com a ditadura e seu conservadorismo em relação à “moral e aos bons costumes” (Quinalha, 2021). Entre 1964 e 1968, o Brasil viveu uma onda de manifestações contra a ditadura. Uma das manifestações que marcaram os protestos estudantis aconteceu em março de 1968, no Rio de Janeiro, em um restaurante estudantil. Em 1964, após o início da ditadura, a sede da UNE foi incendiada. No dia 28 de março de 1968, durante uma mobilização dos jovens solicitando melhores estruturas para o restaurante Calabouço, eles jogavam pedras nos policiais.

O grupo fundador do *Lampião* tinha como objetivo principal transcender os limites do gueto e desafiar os estereótipos que confinavam os homossexuais a uma vida oculta e isolada. Esta visão inovadora fez com que o periódico se tornasse um catalisador para a formação de organizações homossexuais, como o Somos-Grupo de Afirmação Homossexual. A importância atribuída por Green aos discursos do *Lampião* reside na sua abordagem revolucionária sobre a representação e discussão das relações homossexuais. O jornal rompeu com a narrativa médico-legal predominante na primeira metade do século XX, oferecendo uma perspectiva mais humanizada e empoderada da homossexualidade.

Quando os editores do *Lampião da Esquina* foram intimidados pelo governo federal por violar a Lei de Imprensa, por exemplo, sugerimos uma companhia de solidariedade

8 A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei nº 12.528/2011, com o objetivo de apurar graves violações de direitos humanos ocorridas entre 1946 e 1988, especialmente durante a ditadura militar. Mais informações estão disponíveis em: <https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>.

com o jornal. Pedimos um posicionamento de outros jornais da “imprensa alternativa”, que em geral eram ligados ao grupo de esquerda (Green, 2014, p. 193).

Os anos 1970 podem ser considerados, em certa medida, um período de transição no que diz respeito à percepção e ao tratamento da identidade gay no Brasil. Foi nessa época que os intelectuais anticomunistas e as forças de segurança do regime militar começaram a demonizar os homossexuais.

No final da década de 1970, com o processo de “abertura política” em curso, questões que até então haviam sido mantidas em segundo plano, devido ao receio de prejudicar uma causa considerada mais urgente para a democratização do país, finalmente vieram à tona. Durante os anos de repressão, muitos temas e demandas sociais foram silenciados ou relegados a um papel secundário, uma vez que a luta contra a ditadura e pela restauração das liberdades democráticas era vista como a prioridade máxima.

No entanto, à medida que o regime militar começava a perder força e a sociedade civil ganhava espaço para se reorganizar, essas questões antes abafadas pelo medo e pela censura puderam emergir e ganhar visibilidade no debate público. Assim, a abertura política não apenas pavimentou o caminho para a redemocratização, mas também abriu a possibilidade de se discutir abertamente uma série de problemas e reivindicações que haviam sido marginalizados durante os anos de chumbo.

A ditadura civil-militar, ao adotar e institucionalizar esses padrões morais conservadores de comportamentos, legitimou e intensificou a perseguição e a marginalização de grupos já estigmatizados. O aparato repressivo do Estado foi colocado a serviço desse projeto de “purificação moral” (Quinalha, 2018), resultando em violações sistemáticas dos direitos humanos e na supressão das liberdades individuais daqueles que não se enquadravam nos moldes impostos pelo regime. Ao conferir legitimidade estatal a esses valores, o regime civil-militar contribuiu para a perpetuação de uma cultura de intolerância e discriminação, cujos efeitos ainda se fazem sentir na sociedade brasileira contemporânea.

Somente através do questionamento constante e da desconstrução desses padrões morais opressivos é que poderemos avançar na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa em relação à diversidade humana. É necessário reconhecer e combater as raízes históricas desses preconceitos, bem como as estruturas de poder que os sustentam, para que possamos construir um futuro mais inclusivo e democrático para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero ou qualquer outra característica pessoal.

É nesse sentido que se pode falar em uma ditadura hetero-militar, em que houve uma política sexual oficializada e institucional para controlar manifestações tidas como “perversões “ou “desvios”, tais como erotismo, a pornografia, a homossexualidade e as transgeneridades (Quinalha, 2021, p. 31).

O regime consolidou um modelo autoritário que combinava repressão política com um projeto econômico concentrador. A partir do AI-5, o governo intensificou a perseguição a opositores e utilizou acusações de "desvio moral" e "subversão" para justificar a repressão a indivíduos e grupos considerados ameaças à ordem estabelecida. Paralelamente, promoveu um crescimento econômico baseado no endividamento externo e na concentração de renda, beneficiando grandes grupos econômicos em detrimento da maioria da população, que enfrentava restrições às liberdades individuais e aumento das desigualdades sociais.

Durante a ditadura civil-militar, *O O’Pasquim* publicou uma charge emblemática que criticava a desigualdade social e a repressão intelectual do regime. A ilustração mostrava duas figuras contrastantes: um homem bem-vestido, com uma expressão pensativa, e ao seu lado, um homem de barba a fazer e cabelo bagunçado. A legenda dizia: “Ah, Meu Deus Não posso nem pensar no que aconteceria se o poder fosse para as mãos do povo, essa maioria pobre e rude!”, como podemos ler abaixo. A figura sintetizava, de forma aguda, a realidade da época, em que o pensamento crítico era visto como um privilégio das elites, enquanto as classes populares eram silenciadas e mantidas na ignorância. A mensagem era clara: na ditadura, o ato de pensar era não apenas um luxo, mas também uma ameaça quando vinha das camadas mais baixas da sociedade.

Figura 4 – Cidadão de bem



Fonte: O Pasquim: 1978, edição 447

Ao analisar o diálogo, criado por Reinaldo⁹, encontramos a preocupação do primeiro homem em existir a possibilidade do pobre questionar e pensar sobre o que acontece ao seu

⁹ Reinaldo, cujo nome completo é Reinaldo de Oliveira, foi um destacado cartunista e humorista brasileiro, conhecido por seu trabalho no jornal "O Pasquim", que circulou de 1969 a 1999. Ele se destacou como um dos principais chargistas da publicação, contribuindo com suas ilustrações e críticas sociais incisivas.

redor, causando assim angústia. Mas, calmamente, existe um controle sobre Reinaldo, o personagem que representa essa minoria. Assim sendo, durante a ditadura existiam civis que compartilhavam desse discurso do anticomunismo e da defesa dos bons costumes, sendo que, em boa parte, aqueles que não se encaixavam nas normas eram silenciados pela elite e/ou direita, pois havia o discurso de acabar com o comunismo. Usando a estratégia de analisar a obra a partir de Sírío (1998), podemos pensar que o humor político também pode contribuir para a formação de identidades coletivas, unindo grupos em torno de um sentimento comum de descontentamento ou resistência.

De acordo com o filósofo Michel Foucault (2014, p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Partindo dessa perspectiva, o jornal *O Pasquim* se propôs a oferecer seu espaço de debate àqueles grupos menos privilegiados na sociedade brasileira, estabelecendo alianças com negros, feministas, indígenas e outras minorias. Ao abrir suas páginas para essas vozes marginalizadas, o jornal reconhecia o poder transformador do discurso e a importância de se apropriar desse poder para questionar as estruturas de dominação vigentes. O jornal entendia que o discurso não era apenas um reflexo das lutas sociais, mas também um instrumento fundamental para promover mudanças.

O Pasquim, um dos principais veículos da imprensa alternativa durante a ditadura civil-militar brasileira, foi responsável por disseminar termos pejorativos como “bicha” para se referir a homossexuais. Essa prática refletia, em certa medida, os preconceitos e estereótipos arraigados na sociedade da época em relação à diversidade sexual. Por outro lado, como apresenta Paulo Souto Maior (2021, p.45), “O Lâmpião propunha discutir a homossexualidade, um tema sempre tão controverso na sociedade brasileira, de forma clara, ampla e direta. Assim, modificava visões dadas sobre a homossexualidade na época”.

O Lâmpião da Esquina destacava-se no cenário jornalístico não apenas por sua significativa venda de exemplares, mas também por sua regularidade de publicação e pela composição singular de seu corpo editorial. A informação sobre a venda dos jornais foi dada diretamente pelo jornal que afirma que na edição nº 0 (abril de 1978), considerada experimental, onde mencionaram uma tiragem inicial de 10.000 exemplares. Posteriormente, na edição nº 3 (julho/agosto de 1978), o jornal relatou que estava alcançando cerca de 15.000 exemplares.

O que verdadeiramente o distinguia, no entanto, era a natureza de seu discurso. O jornal se propunha a abordar e promover debates sobre temas relacionados à sexualidade, assuntos que, até então, eram considerados impróprios para veículos de comunicação.

O Lampião utilizava também de palavras, como “bicha”, “guei” para falar sobre a homossexualidade, mas fazia uso de termos, que até então, eram considerados pejorativos e frequentemente usados para atacar homossexuais, como o termo “bicha”. O periódico se propôs a desmitificar esse termo em um texto assinado por Aguinaldo Silva: “O uso de tais palavras em *Lampião da Esquina*, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmistificá-las” (LAMPIÃO, 1978, p. 5). Assim, *O Lampião da Esquina* promoveu a desvalorização do significado ofensivo das palavras utilizadas por aqueles que buscavam atacar a homossexualidade, tornando seu uso mais comum e desprovido de temor.

Embora *O Pasquim* tenha desempenhado um papel importante na resistência à ditadura e na defesa da liberdade de expressão, sua abordagem em relação à temática LGBT era, muitas vezes, estereotipada e contraditória. Ao mesmo tempo em que o jornal criticava a repressão e a censura impostas pelo regime militar, ele também reproduzia, em algumas ocasiões, discursos e atitudes preconceituosas em relação aos homossexuais.

Essa postura ambígua de *O Pasquim* refletia, em parte, as tensões e contradições presentes na própria sociedade brasileira da época, que ainda estava fortemente influenciada por valores conservadores e normas heteronormativas. Mesmo entre os setores progressistas e de esquerda, a questão da diversidade sexual era, muitas vezes, tratada com desconforto, preconceito ou invisibilidade. Segundo Quinalha (2017), havia um pensamento recorrente entre as esquerdas que via a homossexualidade como um “desvio burguês” e contrário à “moral revolucionária”. No entanto, é fundamental reconhecer que a disseminação de termos pejorativos como “bicha” pelo *O Pasquim* contribuía para a perpetuação de estereótipos negativos e para a estigmatização da comunidade gay. Esses termos reforçavam a ideia de que a homossexualidade era algo inferior, anormal ou motivo de deboche, dificultando a luta por direitos e a afirmação da dignidade e da cidadania dos homossexuais.

Apesar dessas limitações e contradições, é importante contextualizar a atuação de *O Pasquim* no período histórico em que se inseriu e reconhecer os avanços e as contribuições do jornal para os jornais alternativos. No entanto, a crítica à disseminação de termos pejorativos e à reprodução de preconceitos é necessária para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa em relação à diversidade sexual e de gênero. Segundo Bernardo Kucinski, na sua obra, *O Pasquim*:

Aos poucos, a “patota” foi adotando esses mecanismos de deformação de palavras surgidos por acaso, como técnica de construção de toda uma nova linguagem. A característica principal dessa nova linguagem era oralidade, mas, como observa José Luiz Braga, não era uma oralidade única (Kucinski, 2003, p. 109)

Figura 5 – Capa do jornal



Fonte: O Pasquim, 1971, edição 105

Na parte inferior da capa, é possível ler a frase: "Que não gosta de mulher." Assim, todo paulista que não aprecia o sexo feminino é rotulado como "bicha". Ao analisarmos a capa, encontramos esse título em letras grandes e uma pequena frase quase imperceptível, revelando que o jornal realmente buscava chocar seus leitores. Ao ler as informações sobre a notícia, fica evidente que se tratava de uma provocação. O texto aborda a queda nas vendas do jornal e menciona que Ziraldo¹⁰ adotou a estratégia de falar sobre os paulistas para impulsionar as vendas.

O artigo ressalta que os paulistas que compraram o jornal, mesmo diante da afirmação sobre ser "bicha", são "macho paca". Aqui, percebemos que chamar alguém de "bicha" era considerado um insulto, e *O Pasquim* se utilizou dessas estratégias para vender suas edições.

¹⁰ Ziraldo Alves Pinto, conhecido simplesmente como Ziraldo, é um renomado cartunista, escritor e ilustrador brasileiro, nascido em 24 de outubro de 1932, em Caratinga, Minas Gerais. Ele é amplamente reconhecido por suas obras voltadas principalmente para o público infantil, mas sua atuação se estende a diversos outros gêneros e formatos.

“Mas uma coisa eu digo aqui a favor dos habitantes da paulicéia desvairada: um paulista que vê na banca uma capa de jornal dizendo: TODO PAULISTA (que não gosta de mulher é bicha e compra, impávido, esse jornal, é macho paca.” (O Pasquim, 1971, p. 3).

Contudo, apesar de sua postura autodenominada libertária, apresentava traços machistas em seu conteúdo, transformando o feminismo e a homossexualidade em alvos de chacota e provocação, conforme aponta Kucinski (2018, p. 213). Essa postura evidenciava que, independentemente do espectro político e social, esses temas eram objeto de ataques diversos setores da sociedade brasileira da época. Ao mesmo tempo em que se posicionava como crítica ao regime, a linguagem humorística do jornal também reproduzia os preconceitos do imaginário social hetero, o que revela as contradições internas da própria cultura de resistência

É importante ressaltar que a crítica que fazemos ao machismo e à homofobia presentes no jornal não diminui a percepção de sua relevância em outros aspectos da luta contra a ditadura e pela liberdade de imprensa. No entanto, reconhecer essas contradições é fundamental para compreender as limitações e os desafios enfrentados pelos movimentos feministas e LGBT naquele período histórico.

A constatação de que tanto os setores conservadores quanto os progressistas reproduziam ataques ao feminismo e à homossexualidade demonstra o quão enraizados estavam os preconceitos e a discriminação na sociedade brasileira. Essa realidade evidencia a necessidade de uma luta contínua e interseccional contra todas as formas de opressão, incluindo o machismo e a homofobia, mesmo dentro dos movimentos de resistência e dos veículos de imprensa alternativa.

No entanto, os artigos do *Lampião da Esquina* não se limitavam a criticar apenas os jornais da grande imprensa, mas também teciam críticas a outros jornais alternativos. Um exemplo disso é a crítica realizada ao jornal *O Pasquim* sobre a publicação de uma entrevista com a Lucy, que se tornou capa do jornal, já que a personagem estaria nua, tratada de forma objetificada pelo periódico. Essas críticas realizadas pelo *Lampião* resultaram em diversos ataques vindos de outros meios de comunicação.

Figura 6 –Lucy Mafra



Fonte: O Pasquim, 1977, edição 414

Nas primeiras páginas do jornal, deparamo-nos com a manchete: "A única e verdadeira entrevista com mulher nua". O texto revela que Lucy Mafra, uma atriz, busca novas experiências em sua trajetória rumo ao sucesso, destacando suas qualidades e mencionando que ela fará parte do calendário do *O Pasquim*. Na sala onde Lucy se encontra, há apenas homens, sem a presença de mulheres. Durante a entrevista, os homens questionam Lucy sobre sua profissão e os traumas sexuais que ela poderia ter, induzindo a uma entrevista de caráter sexual. Além disso, quando indagada sobre o ato sexual ser um momento de prazer e alegria, Lucy observa que os homens não estão preocupados em entender as mulheres. Quando analisamos a entrevista da Lucy, encontramos o seguinte diálogo: Ziraldo questiona: "Você falou que o homem em geral não sabe tocar a mulher. O grande número de lesbianismo na praça seria porque as mulheres estão sabendo tocar as mulheres? Lucy responde: "Claro. É uma questão de sensibilidade." (O Pasquim, 1977, p.7). Aqui encontramos, que para os entrevistadores, era importante trazer a homossexualidade de forma sexual e não de discutir as pautas do movimento.

Embora o *Lampião* fosse um jornal alternativo em seu início, ele não defendia cegamente o tipo de conteúdo produzido por outros periódicos alternativos, uma vez que as

questões relacionadas à homossexualidade eram seu foco principal. Enquanto isso, outros jornais alternativos muitas vezes deixavam as questões de gênero e sexualidade em segundo plano, como fazia o *O Pasquim*. Essa postura crítica do jornal em relação a seus pares alternativos demonstra seu compromisso em abordar e defender as pautas específicas da comunidade homossexual, mesmo que isso significasse confrontar outros veículos que, em tese, compartilhavam de uma posição de contestação ao regime civil-militar e à grande imprensa.

Deu uma entrevista nua em meio a equipe do Pasquim – um bando de machistas e preconceituosos – e escandalizou. Nesse depoimento ela enfia as unhas na pedra áspera dos preconceitos sexuais que os homens atiram nas mulheres belas - e inteligente”. (Lampião, 1978, p.13. edição 4)

Desse modo, encontramos o *Lampião* dando voz a Lucy, que afirma que ter tido uma entrevista com falas preconceituosas no *O Pasquim*. Porém, o trecho critica a equipe do jornal por seu tratamento objetificante de Lucy. Isso reflete um problema mais amplo de como as mulheres eram (e muitas vezes ainda são) retratadas na mídia, especialmente quando se trata de sua aparência física. Mas é preciso enfatizar que, durante a ditadura, as mulheres da classe média realizavam passeatas pedindo ao governo a censura de músicas e peças teatrais, participando efetivamente de ações a favor de seus ideais. Além disso, o *Lampião da Esquina* caracteriza os integrantes da equipe do *O Pasquim* como "machistas e preconceituosos". Isso levanta questões sobre o papel da imprensa na perpetuação de representações negativas, bem como de preconceitos de gênero e sexuais. Esse episódio ilustra como questões de gênero e sexualidade se interseccionam, especialmente em um contexto político.

Figura 7 – Crítica ao O Pasquim



Fonte: Lampião: 1978 – Edição:4

Ao analisar a notícia do jornal, se faz necessário transcrever um trecho:

Atriz de comédias eróticas - Certamente você já viu suas unhas sufocando arranhões apaixonados em costas masculinas - Deu uma entrevista nua em meio à equipe do PASQUIM - (um bando de machistas preconceituosos) - e escandalizou. Nesse depoimento ela afia as unhas na pedra áspera dos preconceitos sexuais que os homens atiram nas mulheres belas - e inteligentes.

Embora *O Pasquim* apresentasse limitações e contradições, é fundamental reconhecer que suas entrevistas abordavam temas que confrontavam diretamente as questões defendidas pela direita brasileira, como a questão sexualidade. Mesmo que o jornal não tivesse a intenção de fortalecer uma agenda de direitos e igualdade para todos, suas pautas desafiavam a moral que a ditadura buscava estabelecer.

Uma das charges publicadas no *Lampião da Esquina*, que se destaca por sua abordagem da situação política brasileira, é uma produção de Hartur¹¹. Nela, o chargista faz referência ao retorno dos exilados brasileiros no contexto da aprovação da Lei da Anistia. A charge evidencia a importância desse momento histórico, em que muitos cidadãos que haviam sido forçados a deixar o país devido à perseguição política puderam, finalmente, regressar à sua terra natal. Através de sua arte, ele capturou a essência desse período de transição, no qual a sociedade brasileira começava a dar passos em direção à redemocratização e à reconciliação com seu passado turbulento. A charge torna-se, assim, um testemunho visual da luta pela anistia e do impacto que essa conquista teve na vida daqueles que foram diretamente afetados pela repressão do regime militar.

¹¹ O principal chargista associado ao *Lampião da Esquina* foi Hartur (Hartur Henrique de Carvalho). Ele foi responsável por muitas das ilustrações e charges que apareceram no jornal durante sua existência. Suas charges frequentemente abordavam questões sociais e políticas relevantes para a comunidade homossexual brasileira durante o período da ditadura civil-militar e o início da abertura política.

Figura 8 – ANISTIA



Fonte: Lampião da Esquina, 1979, Edição 15.

Ao lado da charge, o artigo de apoio intitula-se "Pintou a solidariedade" e aborda os recentes episódios de repressão que têm afetado tanto o jornal quanto a comunidade homossexual. O texto revela um panorama preocupante, onde a liberdade de expressão se torna alvo de investigações e ações arbitrárias, gerando um clima de medo e insegurança. Nesse contexto, a solidariedade entre os envolvidos se torna uma força vital para resistir e lutar contra essas injustiças.

Estão sendo organizadas atividades várias para contrabalançar a ação arbitrária da Polícia Federal que, num gesto de descaramento absoluto, mandou pedir os livros de contabilidade do jornal para, em pleno DOPS, verificar se estamos em situação financeira regularizada. O que polícia tem a ver com as finanças do LAMPIÃO é o que não sabemos. Mas o que se 'depreende daí é uma firme determinação de cercar o jornal por todos os lados, para evitar que continue circulando." (Lampião, 1979, p.5. edição 15).

O jornal denuncia o processo investigativo que está enfrentando, destacando a pressão e os desafios que surgem em decorrência dessa situação. Ao mesmo tempo, enfatiza o apoio que tem recebido de diversas pessoas e grupos, que se mobilizam em defesa da liberdade de imprensa e dos direitos da comunidade homossexual. Nesse sentido, o periódico faz um apelo por mais solidariedade e suporte, ressaltando a importância de manter seu trabalho e suas atividades em meio a um cenário de repressão.

A charge de Hartur sobre a Lei da Anistia, de agosto de 1979, enfatiza a complexidade e os desafios enfrentados pelas vítimas do regime militar ao retornarem do exílio. Embora a lei tenha beneficiado, em tese, tanto vítimas quanto opressores, os traços do artista destacam o caminho estreito e perigoso que os exilados precisavam percorrer para regressar ao país. A imagem de um exilado andando em uma corda bamba simboliza o risco iminente de cair no

abismo caso não conseguisse manter o equilíbrio, uma metáfora poderosa para a situação precária daqueles que lutaram contra a ditadura. Ele teria se inspirado na letra *O bêbado e o equilibrista*, de Aldir Blanc e João Bosco. A canção fala em “esperança equilibrista” e em “corda bamba”, sendo considerada o hino da Anistia. Analisando a história da luta pela anistia aos perseguidos pela ditadura, fica evidente que o processo de redemocratização e reconciliação não foi simples nem livre de obstáculos. O humor, nesse contexto, torna-se uma forma de resistência, permitindo que vozes marginalizadas expressem suas opiniões e críticas. (Sírio, 1998).

Ao final da década de 1970, parte dos brasileiros começavam a respirar ares mais otimistas. Para muitos, a nação estava no limiar de uma nova sociedade, mais justa e mais humana. A reorganização da sociedade civil, juntamente com a suposta decisão do regime ditatorial civil-militar de conter o aparato de repressão, pareciam anunciar grandes transformações. “Mas as transformações ocorridas na sociedade a partir da década de 1970 levaram esses setores a retomar suas velhas demandas, ao mesmo tempo que, também reformularam novas reivindicações” (Quinalha, 2021, p. 42).

O humor transgressor de *O Pasquim* não apenas desafiava a censura oficial, mas também expunha os dilemas internos do jornal frente à repressão. A constante vigilância e a presença de censores nas redações fomentaram a autocensura, levando os próprios jornalistas a evitarem temas considerados sensíveis, por receio de represálias. Esse ambiente de medo e autocontenção refletia a complexa relação entre resistência e sobrevivência na imprensa alternativa durante a ditadura civil-militar brasileira.

Dessa forma, a imprensa alternativa enfrentava constantes obstáculos para cumprir seu papel de informar e conscientizar a sociedade sobre as violações de direitos humanos e as ações repressivas perpetradas pelos militares. Essa dimensão censória da ditadura não apenas restringia a atuação dos jornais alternativos, mas também contribuía para a construção de uma narrativa oficial que visava legitimar o regime e ocultar suas práticas autoritárias. Ao impedir a livre circulação de informações e ideias, a censura política da imprensa alternativa revelava-se um instrumento crucial para a manutenção do poder e para o controle da opinião pública durante os anos de chumbo.

Assim, conforme os propósitos do governo que integrava a dimensão saneadora, foram perseguidos os “subversivos”, comunistas, esquerdistas e até mesmo os democratas liberais que faziam oposição ao regime. Esta é a dimensão mais conhecida da repressão: a espionagem e a repressão tout court (prisões, torturas e assassinatos (Quinalha, 2018, p.14).

É fundamental compreender os posicionamentos dos jornais da grande imprensa. Os principais veículos de diversos estados desempenharam um papel significativo na formação da

aliança civil-militar que levou à ditadura no Brasil. No Sudeste, *O Globo*¹², *Folha de São Paulo*, *O Dia* e *O Estado de São Paulo* apoiaram o regime, enquanto no Nordeste, *O Povo* destacou-se também pelo apoio. Esses periódicos influentes legitimaram o golpe e sustentaram a narrativa oficial, moldando a opinião pública e silenciando vozes dissidentes. A página do jornal destacada não seria a capa do jornal, que muitas vezes era usada para noticiar os grandes acontecimentos da edição, mas a segunda página, que noticia a “fuga” de Goulart e o suposto restabelecimento da democracia. Na Figura 9, temos uma página voltada realmente as movimentações durante a ditadura. O uso de imagens e textos foram utilizados para chocar os leitores. Temos também, o apoio da grande imprensa a chegada da ditadura e o combate ao comunismo.

Com efeito, os jornais passaram a ser peças-chaves na conspiração a partir do final de 1963. Tradicionalmente ligada à linha conservadora, a grande imprensa brasileira consolidou a leitura de que o país caminhava para o comunismo e a subversão começava no coração do poder, ou seja, a própria Presidência da República. (Napolitano, 2014, p. 97)

¹² O Globo é um jornal diário brasileiro fundado em 29 de julho de 1925, com sede no Rio de Janeiro. Possui circulação nacional por meio de assinatura mensal. Ainda está em circulação, principalmente na forma digital.

Figura 9 – “Fuga do Goulart”



Fonte: O Globo, 02/04/1964, 1964.

Figura 10– Jango Asilado



Fonte: O Dia, 1964.

A página apresentada também não é a capa principal do jornal, que noticia a “Fabulosa demonstração de repulsa ao comunismo” e a suposta fuga de Jango para o Paraguai. Na Figura 9, temos a primeira página do jornal *O Globo* dedicada aos eventos do golpe de 1964, com o uso de imagens e textos que parecem ter a intenção de causar um impacto nos leitores. A página evidencia o apoio do jornal ao golpe de 1964, tratado como ponto de partida para o “ressurgimento da democracia” e para o combate ao comunismo:

A imprensa preparou o clima para que os golpistas de todos os tipos, tamanhos e matizes se sentissem amparados pela opinião pública, ou, ao menos, pela opinião publicada. Como em outras épocas da história do Brasil, a opinião publicada não era necessariamente a opinião pública majoritária (Napolitano, 2014, p. 100).

Não é coincidência que os jornais da grande imprensa continuem em circulação após tantos anos, enquanto os alternativos, como *Lampião* e *O Pasquim*, chegaram ao fim. *O Pasquim* durou até 1991, mas sua trajetória foi conturbada, e o jornal homossexual não teve o mesmo tempo para abordar as questões LGBT no Brasil. Os jornais alternativos surgiam em resposta a necessidades sociais específicas e se transformavam com as mudanças sociais, o que contribuiu para sua efemeridade em comparação com os tradicionais.

2.2 Restrições à liberdade de imprensa durante a Ditadura Civil- Militar

As classes médias bombardeadas pelos discursos anticomunistas da imprensa e de várias entidades civis e religiosas reacionárias acreditaram piamente que Moscou tramava para conquistar o Brasil, ameaçando a civilização cristã, as hierarquias “naturais” da sociedade e a liberdade individual (Napolitano, 2014, p. 120).

Com o AI-5, qualquer pessoa considerada opositora podia ser presa sem quaisquer garantias. Três meses após a implementação do AI-5, ficou estabelecido que os encarregados políticos podiam prender qualquer pessoa por 60 dias, sendo que, nos 10 primeiros dias essas pessoas ficavam incomunicáveis. Esse prazo facilitava o trabalho dos torturadores. Sem um limite de tempo claramente definido no papel, o AI-5 durou quase 10 anos. Ele endureceu o regime, e os militares intensificaram os conflitos.

A tortura foi uma política de Estado, com o Centro de Informações do Exército (CIE) desempenhando um papel central. O CIE criou uma cartilha de interrogatório que legalizava o uso da violência, fornecendo diretrizes para a violência praticada pelos militares. Como Marcos Napolitano (2014, p. 52) descreve: “Para justificar um possível golpe da direita, cada vez mais disseminou-se a ideia de um golpe de esquerda em gestão”. O CIE foi criado em 1966 e até

criou o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o". Em 1968, oficiais de um grupo paralelo do CIE começaram a atacar teatros que supostamente eram subversivos, como o Teatro Isis, participando de ataques de bomba de forma autônoma. Após o AI-5, o número de ações da esquerda armada cresceu, enquanto o movimento estudantil foi enfraquecido pela repressão. Além disso, militares expulsos dos quartéis participaram do CIE.

Diante desse cenário de repressão crescente e esvaziamento das formas tradicionais de mobilização social, como o movimento estudantil, outras frentes de resistência começaram a ganhar força, inclusive no campo cultural e da comunicação alternativa. A censura e o cerceamento das liberdades impeliram setores marginalizados a buscar novas estratégias de visibilidade e articulação política. É nesse contexto que emerge o *Lampião da Esquina*, uma iniciativa pioneira que alia ativismo homossexual à imprensa alternativa, propondo um espaço de expressão em meio à rigidez do regime.

A primeira edição do *Lampião da Esquina*, o número zero, de abril de 1978, buscou apresentar os fundamentos editoriais do jornal. Apresentou-se como uma edição experimental e foi distribuída a pessoas selecionadas, de grande influência no jornal alternativo e personalidades de classe média. A seção intitulada "Saindo do Gueto" tinha como objetivo dar visibilidade à homossexualidade em um jornal, buscando criar um espaço de representação e voz para os gays. A intenção era que os homossexuais não precisassem mais se esconder, podendo ser quem desejasse com o apoio da comunidade. A seção anunciava locais como baladas e cinemas, como o Cine-Teatro Íris, onde as pessoas poderiam se encontrar e se conhecer, oferecendo um espaço de maior liberdade e acolhimento.

A matéria sobre o Cinema Iris está inserida na seção de Reportagem. O texto destaca esse espaço como um importante ponto de sociabilidade e troca, mencionando que o Cinema Iris já viveu momentos de grande prestígio, quando era considerado um cinema de luxo. No entanto, com o passar do tempo, esse padrão de excelência foi modificado, refletindo também a transformação do público que frequentava o local, que agora apresenta características distintas das que marcavam sua época de glória.

Figura 11 – Cinema Iris



Fonte: Lampião da Esquina, 1978, edição 0

Atravessam a rua entram num bar que mantém uma porta aberta, diante do cinema, tomam um cafezinho. Depois retornam, e se deslocam estrategicamente à porta. Vai começar o que os policiais chamam de "Sessão Coruja". Um veio certo, tranquilo de abarrotar os xadrezes com os "criminosos" mais procurados pelos agentes da lei: os desocupados, muitos deles frequentadores das longas sessões do Cinema Iris. (Lampião, 1978, p. 9, edição 0).

Dessa forma, os locais considerados subversivos pelos militares eram alvo de investigações, e as pessoas que frequentavam esses espaços, mesmo que apenas para um momento de lazer ao assistir a um filme, acabavam sendo presas e perseguidas. Nesse contexto, é possível compreender as medidas adotadas pelos militares para controlar aqueles que eles consideravam "desocupados".

Travestis, prostitutas e homossexuais presentes nos cada vez mais inchados guetos urbanos eram também uma presença incomoda para os que cultivavam os valores tradicionais da família brasileira. Por esta razão, passaram a ser perseguidos, presos arbitrariamente, extorquidos e torturados pelo fato de ostentarem, em seus corpos, os sinais de sexualidade ou identidade de gênero. (Quinalha, Renan, 2021, p.313).

Os efeitos mais severos da repressão ditatorial recaíram principalmente sobre homossexuais, travestis e indivíduos pertencentes às camadas sociais menos favorecidas. Esses

grupos experimentaram de maneira mais intensa e direta as consequências das ações opressivas do regime em suas vidas pessoais, expressões corporais e manifestações de desejo. A intersecção entre orientação sexual, identidade de gênero e classe social amplificou a vulnerabilidade dessas pessoas frente às políticas autoritárias e discriminatórias da ditadura.

Essa repressão, contudo, não se deu de forma homogênea. Enquanto os grupos marginalizados, como homossexuais, travestis e pessoas das camadas populares, foram duramente atingidos pelas políticas autoritárias, outros segmentos da sociedade vivenciaram o período de maneira distinta.

Segundo James N. Green, o período da ditadura civil-militar brasileira foi permeado por contradições significativas, refletidas nas diferentes formas como os diversos grupos sociais experienciaram o regime. Enquanto camadas populares, homossexuais e travestis enfrentavam repressão intensa e sistemática, setores mais privilegiados da sociedade, como as elites econômicas e políticas, frequentemente se beneficiavam das estruturas autoritárias estabelecidas. Essa disparidade evidencia que a ditadura não foi um fenômeno monolítico, mas sim um regime complexo, cujos efeitos variaram conforme a posição social e política dos indivíduos.

Com a chegada de 1970, período em que o *Lampião* e *O Pasquim* surgiram e se mantiveram, os redatores desses veículos recorreram a diversos artifícios para confundir ou até mesmo brincar com os leitores. Um desses recursos foi o uso excessivo de metáforas e outras figuras de linguagem, estratégia que permitia aos escritores abordarem temas sensíveis e contornarem a censura imposta pelo regime. Essa abordagem criativa não apenas protegia os jornalistas de possíveis represálias, mas também estimulava a participação ativa dos leitores, que precisavam decifrar as mensagens implícitas nos textos. Assim, o emprego deliberado de linguagem figurada se tornou uma marca registrada desses periódicos, refletindo a necessidade de adaptação e resistência em um contexto de repressão e controle da liberdade de expressão.

Segundo o historiador Daniel Aarão Reis (2004), para compreender a ditadura civil-militar, é essencial considerar as diversas memórias e experiências, uma vez que não existe uma verdade única, mas sim diferentes experiências. Nesse contexto, os jornais assumem um papel de destaque, pois representam uma forma de registro que atravessa décadas, e o *Lampião* não foi exceção. Os articuladores desse periódico foram responsáveis por transformar toda a história do movimento homossexual brasileiro, promovendo mudanças que transcenderam o curto período de existência do *Lampião* e se estabeleceram como parte integrante da experiência histórica do país. Assim, a contribuição do *Lampião* e de seus colaboradores foi fundamental

para moldar a trajetória da luta pelos direitos LGBT no Brasil, deixando um legado duradouro que se estende muito além das páginas do jornal.

[...] É visitar criticamente certas “batalhas” de memória a respeito de processos cruciais de um passado recente da história do nosso País; a gênese e a consolidação da ditadura militar, as lutas que se travaram contra ela, particularmente a luta armada, e o processo lento, seguro e gradual através do qual os militares abandonaram o prosaetrio da cena política (Aarão, 2004, p. 30).

A política estatal era negligente, e as forças armadas estavam devidamente centralizadas sob o controle do governo. O sistema econômico não oferecia alternativas para o país, e o momento era desfavorável para a esquerda. Em 1974, a posse do ditador Geisel, que reprimia ao mesmo tempo em que prometia mudanças no Brasil, sinalizava que essas transformações seriam direcionadas para atender aos interesses da direita e da classe média brasileira.

A repressão do governo Médici (1968-74) e o medo que o sistema criou continuaram durante os primeiros anos do governo Geisel (1974-79), mesmo com suas promessas de uma distensão política, criou-se um clima difícil para quem queria tentar formar um grupo. Não houve um apoio das esquerdas com poucas exceções. [...] Muitos gays e lésbicas criados na ideologia da ditadura tinham medo de qualquer atuação política e estavam contra a ideia da organização política desses grupos (Green, 2014, p. 15).

Durante o regime ditatorial, as formas de luta e até mesmo as maneiras de viver livremente estavam sendo restringidas pelo sistema. Grupos como gays, militantes de esquerda e as classes populares, ao questionarem o sistema estabelecido na época, sofriam repressão.

A associação entre homossexualidade e subversão foi um dos conceitos básicos a sustentar a ideologia do regime militar e servir como justificativa para os vários tipos de repressão sobre a sociedade brasileira e, especificamente, a gays, lésbicas e travestis nos anos 1960 e 1970. Essa ideologia, que foi adotada oficialmente pelo Estado durante a ditadura em nome da segurança nacional, tem as suas origens nas ideias integralistas e católicas ultraconservadoras dos anos 1930 (BRASIL, 2014, p. 301)

Antes do golpe, esses padrões morais conservadores eram limitados a determinados grupos influentes. Com a ditadura, esses valores se tornaram políticas públicas legitimadas pelo Estado, utilizando seu aparato para impor esses padrões morais como diretrizes oficiais. Essa mudança teve implicações significativas, pois o preconceito e a discriminação contra grupos considerados "desviantes" ou "imorais", como a comunidade LGBT, deixaram de ser apenas opiniões pessoais ou valores de alguns setores da sociedade. Com o respaldo do Estado, esses preconceitos foram fortalecidos por leis e ativamente promovidos e defendidos pelas instituições públicas.

Como discutido anteriormente, a institucionalização dos valores conservadores pelo regime militar intensificou práticas discriminatórias, cujos efeitos ainda se fazem sentir na sociedade brasileira. Questionar e desconstruir esses padrões morais opressivos é essencial para

avancar na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa da diversidade humana. É necessário reconhecer e combater as raízes históricas desses preconceitos e as estruturas de poder que os sustentam, para construir um futuro mais inclusivo e democrático para todos, independentemente de orientação sexual, identidade de gênero ou qualquer outra característica pessoal.

2.3 Luta homossexual pelos direitos civis e sociais

A ausência de um plano formal e sistematizado por parte das forças de segurança para a repressão aos homossexuais durante a ditadura civil-militar brasileira faz com que os registros deixados pela imprensa da época constituam a principal fonte documental sobre as ações policiais direcionadas a essa população. Contudo, um dos principais desafios enfrentados na pesquisa sobre o tema é a escassez de matérias relacionadas à homossexualidade nos grandes jornais do período. Já os veículos de comunicação de ampla circulação com perfil sensacionalista tendiam a retratar as sexualidades dissidentes por meio de discursos que as associavam ao pecado, à patologia e à degeneração moral. Nesse cenário, foi sobretudo na chamada imprensa alternativa, em especial a partir do processo de distensão e abertura política, que se intensificaram os registros mais consistentes tanto das investidas repressivas quanto das formas de resistência articuladas pelos movimentos organizados.

Durante a ditadura civil-militar brasileira, os preconceitos homofóbicos presentes na ideologia do regime permeavam diversos setores, incluindo a cultura e a mídia. Embora a censura à imprensa já existisse antes de 1964, a ênfase na "moralização" da sociedade intensificou a intervenção estatal no controle cultural, abrangendo desde a produção artística até a circulação de ideias.

Um dos casos mais graves e dramáticos de censura durante esse período que merece registro foi a campanha contra as obras de Cassandra Rios, uma escritora cuja ficção sobre a lesbianidade nada agradou os cães de guarda da "moral e dos bons costumes". Com uma produção literária prolífica e milhões de livros vendidos, ela teve 36 de suas obras censuradas durante a ditadura. Dezesseis processos judiciais foram propostos contra o seu livro *Eudemônia*. As acusações iam sempre no sentido de que seus textos continham conteúdo imoral e aliciavam o leitor à homossexualidade. Os danos financeiros para ela e suas editoras eram enormes, pois as forças da repressão e censura retiravam as suas obras das livrarias e apreendiam os seus livros nas gráficas (BRASIL, 2014, p. 304)

Desde o seu surgimento no Brasil, jornais e revistas têm se empenhado em participar ativamente dos diversos aspectos da realidade nacional, buscando refletir, de uma forma ou de outra, a rica diversidade do país. No entanto, diferentemente de outras nações, a implantação e

o desenvolvimento da imprensa no território brasileiro ocorreram de maneira mais lenta e tardia. Enquanto em muitos países a imprensa já se encontrava consolidada e desempenhava um papel significativo na sociedade, no Brasil esse processo enfrentou obstáculos e desafios específicos. Fatores como a colonização portuguesa, a censura imposta pela Coroa, o analfabetismo generalizado e a falta de infraestrutura adequada contribuíram para que a imprensa brasileira demorasse a se estabelecer e a alcançar um público mais amplo.

Apesar dessas dificuldades iniciais, jornais e revistas persistiram em seu esforço de retratar a realidade brasileira em suas múltiplas facetas. Esses veículos de comunicação buscavam dar voz a diferentes setores da sociedade, abordando temas políticos, sociais, culturais e econômicos que impactavam a vida dos cidadãos.

Ao longo do tempo, a imprensa brasileira foi se desenvolvendo e conquistando seu espaço, tornando-se um instrumento fundamental para a difusão de informações, a formação de opinião pública e a promoção de debates sobre questões relevantes para o país. Jornais e revistas passaram a desempenhar um papel crucial na fiscalização dos poderes públicos, na denúncia de injustiças e na luta por direitos e liberdades democráticas. Embora a implantação e o desenvolvimento da imprensa no Brasil tenham sido mais lentos em comparação com outros países, isso não diminuiu a importância e o impacto que esses veículos de comunicação tiveram e continuam tendo na sociedade brasileira. A imprensa tem sido um agente fundamental na construção da identidade nacional, na promoção da diversidade e no fortalecimento da democracia no país.

A partir da primeira década do século XX, muitas publicações passam a dedicar espaço para o mundo feminino e várias outras revistas começam a surgir, tais como a *Cigarra*, em 1914, e o *Jornal das Moças*, em 1919. É também nesse período que os editores se preocupam em lançar uma revista para meninos e adolescentes (Quinalha, 2018, p. 83).

O que o regime militar fez o regime promoveu uma repressão moral sistemática que, embora não configurasse uma campanha formal de extermínio, institucionalizou a homofobia e legitimou a violência contra pessoas LGBT. Através de práticas como censura, perseguições, prisões arbitrárias e exclusão social, o Estado restringiu direitos e liberdades fundamentais dessa população, tratando suas identidades como ameaças à ordem e à moral estabelecidas. Essa política de repressão visava eliminar as diferenças e diversidades, reforçando a marginalização das homossexualidades no Brasil.

O período de instauração da ditadura foi marcado pelo receio do que poderia acontecer a esses grupos e à sociedade como um todo, devido às mudanças políticas que representavam retrocessos no âmbito social. No entanto, esse contexto também foi caracterizado por práticas

de resistência de sujeitos socialmente marginalizados. O surgimento do jornal *Lampião da Esquina* é um exemplo dessas práticas, constituindo uma ferramenta de resistência e luta contra a opressão. Assim, em meio ao clima de medo e repressão, grupos marginalizados encontraram formas de se organizar e resistir, buscando espaços para expressar suas vozes e lutar por seus direitos.

Curiosamente, é também nesse período inicial da ditadura que se observam mudanças significativas na sociabilidade LGBT no Brasil. Apesar do clima de repressão e censura imposto pelo regime militar, a comunidade LGBT começou a se organizar e a criar espaços de resistência e expressão. Surgiram, por exemplo, os primeiros grupos de ativismo homossexual, que buscavam lutar contra a discriminação e reivindicar direitos. Essas transformações na sociabilidade homossexual durante a primeira fase da ditadura militar evidenciam a capacidade de resistência e adaptação da comunidade diante de um contexto adverso. Mesmo em um período marcado pela perseguição a grupos considerados subversivos, os homossexuais encontraram maneiras de se articular e de construir redes de solidariedade e apoio mútuo.

As forças militares usavam de estratégias para monitorar e policiar a homossexualidade por várias razões. A mídia desempenha um papel significativo na construção e manutenção dos discursos prevalentes na sociedade. Seu conteúdo pode abrir espaço para o reconhecimento da diversidade ou contribuir para a naturalização dos padrões sociais. No que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, a mídia é o eixo norteador na construção de suas representações.

Essa mudança de abordagem reflete uma nova estratégia de repressão e estigmatização da comunidade LGBT por parte do aparato repressivo da ditadura. Enquanto anteriormente o foco recaía principalmente sobre a prática sexual em si, agora a própria orientação sexual passava a ser alvo de perseguição e condenação moral. Essa demonização da orientação sexual tinha como objetivo não apenas reprimir a comunidade, mas também justificar a perseguição e a marginalização desse grupo perante a opinião pública. Ao retratar os homossexuais como uma ameaça à moral e aos bons costumes, os teóricos anticomunistas e as forças de segurança buscavam legitimar suas ações repressivas e conquistar o apoio de setores conservadores da sociedade.

Essa transição na forma de encarar a identidade gay durante os anos 1970 teve impactos significativos na vida da comunidade LGBT brasileira. Além de enfrentar a repressão física e a censura, os homossexuais passaram a lidar com uma crescente estigmatização social e com a associação de sua identidade a ideias de perversão e degeneração moral.

Artistas, intelectuais, jornalistas e escritores aproveitaram as crescentes indicações de maiores liberdades com as promessas de uma distensão para cuidadosamente enfrentar os censores das peças de teatro, dos filmes, das letras de músicas e dos novos jornais alternativos. O *Pasquim* e o *Opinião* geraram dezenas de novas publicações que contestaram as mentiras do regime, driblaram a censura e desafiaram os limites do poder autoritário (Green, 2014, p. 180).

A década de 1970 no Brasil foi marcada por um acelerado processo de industrialização e urbanização, acompanhado por uma crescente influência cultural estrangeira. Esse cenário contribuiu para a emergência de espaços de sociabilidade e expressão para grupos marginalizados, incluindo a população homossexual. Nesse período, surgiram diversas publicações voltadas para o público homossexual, muitas delas com distribuição restrita e conteúdo predominantemente erótico ou pornográfico, refletindo tanto as limitações impostas pela censura quanto as estratégias de sobrevivência editorial diante de um mercado ainda incipiente. Contudo, iniciativas como o jornal *Lampião da Esquina*, lançado em 1978, representaram um marco ao adotar uma abordagem mais política e cultural, buscando dar visibilidade às questões enfrentadas pela comunidade LGBT e promovendo um discurso de afirmação identitária em meio ao contexto repressivo da ditadura civil-militar.

Todos esses aspectos serão analisados a seguir, com o objetivo de compreender como os impressos *O Lampião da Esquina* (1978 a 1981) e *O Pasquim* (1978 a 1981) se inseriram no mercado midiático e como o discurso difundido através dos artigos que os compunham colaborou com o ideário de revolução sexual da época.

2.4 Perfil editorial e colaboradores do *Lampião Da Esquina*

Figura 12 – Capa do Lampião



Fonte: Lampião da Esquina, 1980, edição 20.

A análise da capa revela a referência ao "Encontro Nacional do Povo Gay". Esta edição aborda o evento ocorrido em 16 de dezembro de 1980, intitulado "Primeiro Encontro de Homossexuais Militantes". Organizado pelo jornal o *Lampião da Esquina*, o encontro proporcionou um espaço para que homens e mulheres debatessem as questões prementes que afetavam a comunidade homossexual naquele período. Evidencia-se uma preocupação significativa quanto à composição dos participantes do evento, com atenção especial à presença de homens heterossexuais ou indivíduos que pudessem comprometer os objetivos do movimento. Neste contexto, observa-se uma mensagem direcionada especificamente ao jornal *O Pasquim*, sugerindo tensões existentes entre os jornais alternativos.

Nessa primeira reunião foi feita com a ajuda de todos os interessados, não tivemos auxílio exterior de qualquer tipo (a Lampião couberam as despesas). Queríamos mantê-la secreta, e conseguimos. Ninguém fora dos promotores e participantes ficou sabendo de sua ocorrência. Assim mesmo, na semana seguinte, o semanário "Pasquim" deu uma dica sobre o assunto, mas, infelizmente, totalmente falsa. Dizia a nota que perdemos longo tempo debatendo o machismo do referido jornal. Não é verdade, caros editores do "Pasquim". Não tivemos oportunidade nem nos interessaria debater tal assunto em relação a um jornal tão antigo. (Lampião, 1980, p. 7, edição 20).

Na construção do jornal, os membros dos conselhos se apresentavam como homens gays, publicando artigos para desmistificar a imagem caricaturada do homossexual na sociedade dos anos 1970. No *Lampião da Esquina*, o gay era representado como uma pessoa mágica, sexy e militante, diferentemente do homem hétero, que não enfrentava perseguição por sua orientação.

“LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou o fato de que os homossexuais' são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal (Lampião, 1978, p. 1)”

O *Lampião* era alvo de perseguição política, com bancas de jornais atacadas por vendê-lo, forçando a venda clandestina por ser considerado uma ameaça à moral tradicional. O debate no *Lampião da Esquina* era focado em pautas homossexuais, com 11 gays escrevendo para milhares de outros gays. A sociedade brasileira tinha uma visão preconceituosa dos homossexuais, reforçada por narrativas populares e expressões midiáticas, perpetuando a homofobia ao longo dos anos.

O *Lampião da Esquina* foi um jornal que não se filiou a nenhum partido político, seja de esquerda ou de direita. Seu objetivo era criar um jornal gay que retratasse e fosse direcionado para os gays de forma específica. No entanto, durante a ditadura civil-militar, setores da esquerda tentaram unificar a resistência em um único movimento. Uma das formas de repressão eram as ameaças veiculadas pela revista militar, que acusavam os homossexuais de serem ferramentas comunistas, alegando que eles representavam uma ameaça ao suposto milagre econômico e político do país. “A revista militar brasileira, até então um baluarte relativamente sóbrio de estratégia e discussão técnica contemporânea, começou a incluir denúncias do declínio moral” (Green, 2014, p. 33).

Essa postura do jornal ia na contramão dos valores defendidos pela ditadura civil-militar e por setores conservadores da sociedade, que buscavam controlar e regular a sexualidade e a expressão dos desejos individuais. É importante enfatizar que as forças de repressão viam a homossexualidade como parte relevante de uma conspiração comunista mais geral de subverter o Brasil, utilizando essa perspectiva para justificar a censura e a repressão a indivíduos e publicações que abordavam temas LGBT. O jornal *Lampião da Esquina*, por exemplo, foi alvo de vigilância constante e sofreu restrições em sua circulação devido ao seu conteúdo considerado subversivo pelas autoridades da época. Essa repressão refletia a tentativa do Estado de silenciar vozes dissidentes e manter o controle sobre as expressões de identidade e sexualidade que contrariavam os padrões estabelecidos.

2.5 Perfil editorial e colaboradores de *O Pasquim*

Figura 13 – Capa do Pasquim



Fonte: O Pasquim, 1980, edição 549

A análise da capa do periódico revela uma manchete intrigante: "Um aiatolá na redação do O Pasquim". Esta notícia é destacada pelo jornal como um evento jornalístico significativo, marcando a primeira entrevista concedida por um aiatolá à imprensa brasileira. Contudo, o conteúdo subsequente suscita questões sobre a abordagem editorial do *O Pasquim*. O texto menciona o interesse do visitante em obter informações de contato de uma das personalidades retratadas na capa do jornal, além de destacar a presença de suas três ex-esposas. Esta narrativa exemplifica o estilo jornalístico característico do periódico. A abordagem do periódico pode ser interpretada como uma manifestação de tendências machistas e sensacionalistas.

Embora o regime militar não tenha se preocupado imediatamente com os artistas nos anos iniciais do período ditatorial, essa relativa liberdade de criação e expressão foi gradualmente cerceada, culminando em um período de intensa repressão e censura após a implementação do AI-5. Mesmo diante do cenário de intensa censura imposta a todos os setores da sociedade após a promulgação do AI-5, em dezembro de 1968, seis meses depois surgiu no

Brasil um novo jornal, desafiando as restrições à liberdade de expressão. Esse periódico viria a ser conhecido, inicialmente, como "alternativo" - era *O Pasquim*.

O projeto do *O Pasquim* surgiu no final de 1968, após uma reunião entre o cartunista Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. O jornal nasceu em um contexto de forte repressão e controle da imprensa por parte do regime militar. O AI-5 havia concedido poderes excepcionais ao governo, permitindo a censura prévia, a suspensão de direitos políticos e a intervenção em diversos setores da sociedade, incluindo os meios de comunicação. Apesar desse ambiente hostil, um grupo de jornalistas, intelectuais e artistas decidiu criar um veículo de comunicação que pudesse oferecer uma perspectiva diferente daquela apresentada pela imprensa tradicional, muitas vezes alinhada com o regime. O periódico surgiu, então, como uma voz dissonante, disposta a questionar o status quo e a defender valores democráticos.

Desde o início, *O Pasquim* adotou uma linguagem irreverente, satírica e crítica, abordando temas políticos, sociais e culturais de maneira ousada e provocativa. Assim, utilizava o humor como uma ferramenta para driblar a censura e para expor as contradições e os abusos do regime militar.

Na edição número três apareceu pela primeira vez a palavra “bicha”, em artigo de Tarso de Castro. O PASQUIM introduziu o palavrão na linguagem jornalística, e na própria linguagem falada, através de corruptelas e variações dos termos originais rapidamente incorporadas no cotidiano do público. Provocou sensação uma entrevista com Leila Diniz em novembro, edição número 22, totalmente livre de autocensura, repleta de palavrões, alguns explícitos, outros tão óbvios que eram substituídos por um *, sem prejuízo de leitura (Kucinski, 2003, p. 109).

Ao se posicionar como um jornal "alternativo", *O Pasquim* buscava se diferenciar da imprensa tradicional, oferecendo um espaço para a expressão de ideias e opiniões que não encontravam ressonância nos veículos de comunicação. O periódico se tornou um ponto de encontro para intelectuais, artistas e ativistas que compartilhavam o desejo de resistir à ditadura e de lutar por liberdade e democracia. O surgimento *O Pasquim*, em meio à censura imposta pelo AI-5 representou um ato de coragem e resistência, demonstrando que, mesmo em tempos sombrios, havia espaço para a criatividade, a crítica e a contestação. O jornal se tornou um símbolo da imprensa alternativa brasileira, inspirando o surgimento de outros veículos similares e contribuindo para a formação de uma cultura de resistência durante os anos de chumbo da ditadura civil-militar, conforme afirma Bernardo Kucinski:

Nas cidades do interior, o pessoal d'O PASQUIM era rei. Sem deixar de ser metropolitano, O PASQUIM conseguiu penetrar no interior, romper com o falso puritanismo deste. Mandavam presentes, vinham até ao Rio de Janeiro para visitar a redação (Kucinski, 2003, p. 110)

Conhecido como o "Jornal dos retornados", *O Pasquim* abre espaço para aqueles que foram exilados ou tiveram seus mandatos cassados.

Por fim, ao longo do capítulo, foram estabelecidas relações entre a atuação do *Lampião da Esquina* e do *O Pasquim* e o contexto mais amplo das lutas pelos direitos civis e pela democratização do país. A análise busca demonstrar como esses jornais não apenas desafiaram a repressão do regime militar, mas também contribuíram para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pavimentando o caminho para as conquistas posteriores do movimento LGBT no Brasil.

3 CAPÍTULO II: O uso da sátira e do humor como ferramentas de crítica

"O humor funcionava como uma linguagem de cumplicidade entre o jornal e seus leitores. Era uma forma de dizer não à ditadura, sem precisar explicitar a crítica. Os cartuns e as charges criavam um código próprio de comunicação, permitindo que as mensagens fossem compreendidas nas entrelinhas" (Kucinski, 1991, p. 150).

3.1 Estilo gráfico e visual das publicações

Este capítulo se dedica à análise dos mecanismos de sátira e humor empregados nas charges publicadas pelos periódicos *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). A investigação se desenvolve, primeiramente, através de um exame detalhado dos elementos gráficos e visuais que caracterizavam estas publicações, explorando como cada jornal construiu sua própria identidade visual e editorial. Essa abordagem permite compreender não apenas as particularidades estéticas de cada veículo, mas também como estas escolhas visuais se articulavam com suas respectivas propostas de crítica social e política. A partir deste panorama, desenvolve-se uma análise aprofundada das charges selecionadas, investigando seus discursos, suas formas de representação e as estratégias utilizadas para transmitir mensagens de contestação em um período marcado pela censura. Essa estrutura analítica possibilita uma compreensão mais ampla sobre como estes periódicos utilizavam recursos visuais e humorísticos como instrumentos.

O desenvolvimento deste capítulo apresenta uma seleção criteriosa de charges emblemáticas publicadas por esses periódicos, analisando como seus autores empregaram recursos satíricos e humorísticos para abordar temas sensíveis relacionados à homossexualidade e ao regime ditatorial. Essa análise evidencia o papel crucial que essas publicações desempenharam na construção de narrativas alternativas e na promoção da resistência durante um período histórico marcado pela intensa censura e violência estatal. Destaca-se, particularmente, como estes veículos de comunicação documentaram e denunciaram as perseguições sistemáticas contra a comunidade homossexual e os jornais, um problema que, embora tenha assumido contornos específicos durante a ditadura, persiste como uma questão social relevante até os dias atuais. A investigação desse material demonstra como essas publicações não apenas registraram um momento histórico, mas também contribuíram ativamente para a construção de um espaço de debate e resistência em meio ao autoritarismo vigente.

“Em meio à ditadura civil-militar, ocorreram mudanças significativas na noite da cidade de São Paulo. Foram abertas boates, saunas e bares especializados no público LGBT. [...] Mas nem tudo eram flores nestes tempos de chumbo. Polícia, políticos conservadores, comerciantes e moradores estavam incomodados com a maior liberdade conquistada pela população LGBT” (Freitas, 2018, p. 80).

Já quando pensamos em pleno século XXI:

“Ainda hoje ocorreram ações conjuntas entre o governo e política para reprimir a prostituição. Em março de 2017, a prefeitura de São Paulo, sob o comando de João Dória Jr, lançou um projeto de requalificação do Largo do Arouche. [...]. Décadas depois das operações de rondão, o Largo do Arouche continua em disputa, e ainda é necessário um movimento LBGT combativo e independente do Estado como na época da ditadura civil-militar” (Freitas, 2018, p. 90).

A trajetória da comunidade LGBT em São Paulo revela um padrão histórico de avanços e retrocessos nas liberdades conquistadas. Durante a ditadura civil-militar, apesar da abertura de estabelecimentos voltados ao público LGBT, como boates e bares, a repressão por parte das autoridades e setores conservadores da sociedade era constante. Essa dinâmica de resistência e opressão persiste até os dias atuais, como demonstrado nas recentes ações de "requalificação" do Largo do Arouche em 2017, evidenciando que a luta por espaços e direitos continua sendo necessária. Essas tensões sociais e políticas se refletiram diretamente na produção da imprensa alternativa da época, que buscava documentar e dar voz a essas questões.

Por meio das análises; foi possível observar distinções na construção do design dos jornais, considerando a seleção das capas, a escolha dos personagens para entrevistas e a utilização das charges. Ambos os jornais se fundamentam como alternativos, mas se diferenciam quando pensamos na luta homossexual. Enquanto o *Lampião da Esquina* se apresenta como um jornal abertamente homossexual, *O Pasquim*, ao lado de suas raízes no nacional-popular, se considerava um jornal alternativo, com uma linha editorial marcada pela irreverência e crítica social. Não se definia por uma única pauta específica (como a homossexualidade no caso do *Lampião*), mas sim como um veículo de resistência à ditadura civil-militar, abordando diversos temas políticos, sociais e culturais. Era conhecido por seu caráter contestador, boêmio e intelectual, representando a contracultura carioca e o jornalismo alternativo dos anos 1970.

O corpo editorial do *O Pasquim* caracterizava-se por uma composição predominantemente masculina e heterossexual, reunindo importantes figuras do cenário intelectual e artístico brasileiro, como Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e Paulo Francis. Apesar de seu papel fundamental na resistência à ditadura, o periódico frequentemente refletia em suas páginas os valores e preconceitos enraizados na sociedade da época, incluindo manifestações de machismo e representações estereotipadas da homossexualidade. Esta contradição evidencia

a complexidade do cenário cultural do período, onde mesmo veículos considerados progressistas podiam reproduzir certas formas de discriminação. Essa continuidade histórica demonstra como diferentes gerações de jornalistas e intelectuais utilizaram a imprensa como instrumento de questionamento social, mesmo que, por vezes, reproduzindo contradições próprias de seu tempo.

A análise desenvolvida por Quinalha (2014) evidencia a profunda influência exercida por *O Pasquim* no cenário cultural brasileiro, destacando como o periódico incorporou elementos da cultura norte-americana e estabeleceu um movimento de contracultura que revolucionou diferentes aspectos da comunicação nacional. Essa transformação se manifestou não apenas no campo jornalístico, mas também impactou significativamente a linguagem publicitária e as formas de expressão coloquial da época. O posicionamento editorial desses periódicos revela uma interessante divergência: enquanto o *O Pasquim* se consolidava como um importante veículo da nova esquerda brasileira, o *Lampião da Esquina* optava por estabelecer um distanciamento explícito das estruturas políticas tradicionais. Este último, circulando entre 1978 e 1981, inaugurou um formato inovador de jornalismo voltado especificamente para o público LGBT, destacando-se por uma identidade visual única e revolucionária para os padrões da época, que combinava elementos estéticos ousados com um compromisso editorial claro com sua comunidade leitora.

“O periódico utilizava elementos gráficos que mesclavam seriedade jornalística com irreverência, como observado por Green (2000) em “Além do Carnaval”. O formato tabloide e o uso de fotografias em preto e branco eram características marcantes do *Lampião*.” (Green, 200, p.408).

A análise desenvolvida por James N. Green em *Além do Carnaval* (2000, p.409) revela a singular complexidade do projeto gráfico do *Lampião da Esquina*, que se caracterizava por uma notável dualidade em sua composição visual. O periódico conseguia estabelecer um equilíbrio entre elementos tradicionalmente associados ao jornalismo convencional – como o formato tabloide, a organização do conteúdo em colunas e o uso de fotografias documentais em preto e branco – e aspectos mais desafiadores e inovadores. Essa combinação estratégica permitia que a publicação mantivesse sua credibilidade jornalística enquanto explorava formas mais ousadas de expressão, manifestadas por meio de manchetes provocativas, ilustrações de caráter satírico e experimentações no campo da diagramação que desafiavam os padrões estabelecidos da época.

Essa abordagem híbrida não apenas diferenciava o *Lampião* no cenário editorial, mas também refletia sua proposta de ser simultaneamente um veículo de informação respeitável e um espaço de contestação dos valores convencionais. Green (2000, p. 428) destaca que essa

combinação não era casual, mas uma estratégia consciente do jornal para equilibrar sua missão de ser um veículo respeitável de comunicação enquanto mantinha sua identidade como publicação voltada ao público LGBT. O formato tabloide, por exemplo, era uma escolha que aproximava o *Lampião* dos jornais alternativos da época, enquanto o uso criterioso de fotografias em preto e branco documentava a realidade da comunidade LGBT com dignidade e respeito.

A qualidade da impressão e o cuidado com o acabamento também eram aspectos importantes, contribuindo para distanciar o *Lampião* de publicações consideradas pornográficas ou sensacionalistas, estabelecendo-o como um jornal sério que abordava questões relevantes para sua comunidade.

No contexto da imprensa alternativa durante a ditadura militar, *O Lampião da Esquina* desenvolveu uma abordagem visual singular em suas capas, que se tornou uma marca registrada da publicação. Segundo MacRae (1990, p. 74) em *A Construção da Igualdade*, o jornal adotava uma estratégia visual que equilibrava provocação e prudência, utilizando títulos chamativos e ilustrações que estabeleciam um diálogo direto com a comunidade gay da época, sem, contudo, ultrapassar certos limites que pudessem comprometer sua circulação. O autor observa que as capas eram meticulosamente planejadas para cumprir uma dupla função: atrair o interesse do público LGBT e, simultaneamente, manter um nível de aceitabilidade social que permitisse sua distribuição em bancas convencionais. Essa dualidade se manifestava por meio de um cuidadoso trabalho estético que conseguia ser provocativo sem ser explicitamente transgressor, criando um equilíbrio delicado entre ousadia e respeitabilidade que caracterizou a identidade visual do jornal durante toda sua existência.

No que diz respeito a *O Pasquim*, jornal alternativo que circulou entre 1969 e 1991, destacou-se por seu estilo visual único e inovador. Jaguar e Claudius, dois dos principais cartunistas do jornal, desenvolveram um estilo visual próprio que mesclava humor e crítica social. Como aponta Kucinski (2003) em *Jornalistas e Revolucionários*, o traço dos cartuns era ao mesmo tempo sofisticado e aparentemente desprezioso.

“As capas passam a ser dedicadas aos grandes nomes da música popular, do teatro, e ocasionalmente da oposição política, criando um efeito multiplicador de vendas. Dom Helder Câmara, nome proibido nos meios de comunicação, foi capa do número 40. Na edição número três apareceu pela primeira vez a palavra “bicha”, em artigo de Tarso de Castro. O PASQUIM introduziu o palavrão na linguagem jornalística, e na própria linguagem falada, através de corruptelas e variações dos termos originais rapidamente incorporadas no cotidiano do público” (Kucinski, 1991, p. 109).

O estilo visual do jornal era tão marcante que se tornou parte fundamental de sua identidade editorial, contribuindo para seu sucesso e reconhecimento como um dos mais importantes veículos da imprensa alternativa brasileira. Pensando no objeto aqui de análise, nos encontramos com exemplos de charges emblemáticas dos dois jornais, destacando como elas utilizaram a sátira e o humor para abordar questões relacionadas à homossexualidade e à ditadura. Será evidenciado como essas publicações desempenharam um papel fundamental na construção de uma narrativa alternativa e na resistência cultural durante um período marcado pela censura e pela violência de Estado.

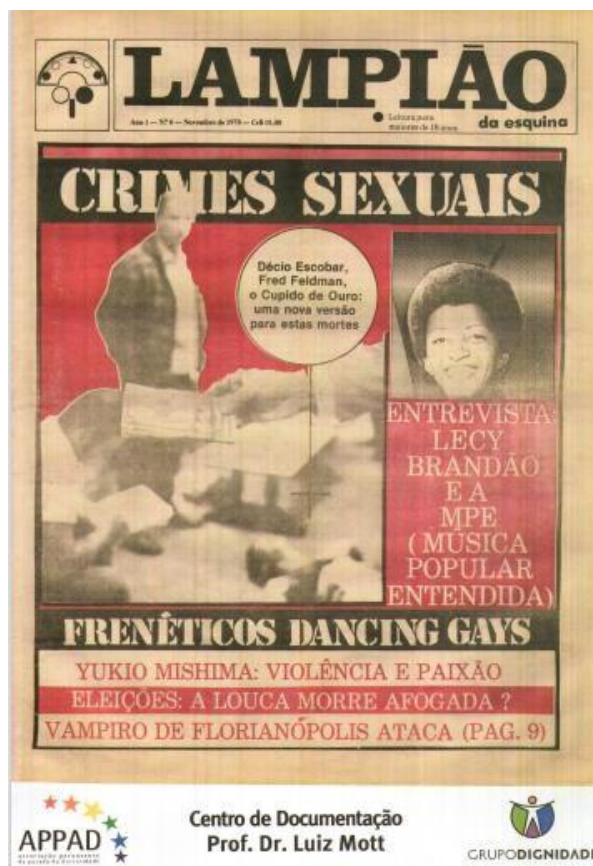
Nossa investigação do periódico *Lampião da Esquina* tem como ponto de partida a análise de suas capas, elementos fundamentais para a compreensão inicial do conteúdo e da sua linha editorial. As capas funcionam como uma vitrine que apresenta ao leitor não apenas o teor das matérias, mas também estabelece uma identidade visual e ideológica com seu público-alvo.

Em termos estruturais, o jornal apresentava uma organização editorial bem definida, distribuída em seções permanentes que garantiam uma continuidade e familiaridade aos leitores.

Entre essas seções destacam-se "Cartas na Mesa", espaço dedicado à interação com o público leitor; "Esquina", que abordava temas cotidianos e questões sociais relevantes; "Reportagem", dedicada a matérias mais aprofundadas sobre temas específicos; e, a partir da quinta edição, foi incorporada a coluna "Bixórdia", que se caracterizava por um tom mais irreverente e provocativo. Essa estruturação editorial demonstrava uma preocupação com a organização sistemática do conteúdo, facilitando a navegação do leitor e estabelecendo um padrão profissional de publicação.

O periódico se destacava por sua expressiva cobertura cultural e pelo projeto gráfico distintivo de suas capas, caracterizadas pelo uso de cores vibrantes e chamativas. O conteúdo apresentado nas primeiras páginas era criteriosamente selecionado, abrangendo desde entrevistas exclusivas com personalidades relevantes até documentação de casos de repressão policial, além de análises sobre transformações políticas e divulgação de novos eventos artístico-culturais. Essa abordagem editorial diversificada demonstrava o compromisso do jornal em oferecer um panorama abrangente dos acontecimentos sociais e culturais da época.

Figura 14 – Crimes sexuais



Fonte: Lampião da Esquina, 1978, edição 6.

Ao examinar a capa do *Lampião* de 1978, nota-se que a manchete principal é “CRIMES SEXUAIS”, acompanhada da entrevista com Leci Brandão, artista identificada como 'entendida'¹³. A publicação também aborda questões eleitorais do período da ditadura. É importante ressaltar que não abordavam apenas temas exclusivos da pauta LGBT, embora esses fossem o foco. É relevante observar que a estrutura editorial da capa empregava recursos estilísticos e linguísticos específicos, desenvolvendo uma comunicação codificada com seu público-alvo. Essa estratégia discursiva funcionava como um mecanismo de resistência, dificultando a interpretação e, conseqüentemente, a ação censória dos agentes do regime militar.

A ditadura apresentava-se como guardião da moral e bons costumes. A censura não apenas classificava as obras impróprias para criança ou jovens: a ditadura proibia a encenação de obras ou tirava de circulação jornais, revistas, livros. E tudo isso era feito não pelos militares, mas por civis: o Tribunal Federal de Recursos, os procuradores da República (Green; Quinalha, 2014, p. 285).

Nesta mesma edição (1978, p. 9) foi relatado um episódio envolvendo um jovem artista plástico e agente da força policial. O incidente ocorreu quando o pintor, trajando uma capa de

¹³ Termo característico da época para designar pessoas homossexuais que assumiam sua própria sexualidade

veludo, durante um período noturno, realizou um gesto de cumprimento a uma patrulha da Polícia Militar que passava pelo local. Tal ação resultou em uma abordagem policial, com subsequente interrogatório sobre a natureza do gesto. O periódico, ao narrar o acontecimento, apresenta uma advertência aos seus leitores quanto à necessidade de cautela nas interações com as autoridades policiais da região sul do país, evidenciando as tensões existentes entre a comunidade LGBT e as forças de segurança do período.

Encontra-se uma matéria dedicada ao processo eleitoral em curso, enfatizando a relevância estratégica do voto consciente. O texto ressalta a importância de direcionar o apoio a candidatos que demonstram sensibilidade e comprometimento com as pautas do movimento, evidenciando uma preocupação com a representatividade política e a busca por aliados institucionais para suas reivindicações sociais. Da mesma forma, há a notícia de uma entrevista com Lecí Brandão, na qual a artista discorre sobre a composição "Ombro Amigo", dedicada à comunidade LGBT. A artista relata que houve uma significativa apreensão por parte da gravadora quanto à distribuição de músicas direcionadas a esse público específico. Segundo o texto, havia um receio expressivo em relação à música abertamente dedicada à comunidade homossexual. "No entanto, contrariando as expectativas iniciais, a composição não sofreu qualquer tipo de censura ou proibição." Lampião (1978, p.10). Ademais, a artista, que se declara abertamente homossexual, enfatiza seu desejo de que seu reconhecimento profissional seja fundamentado em sua produção artística, e não em sua orientação sexual. Sabemos que existia um peso sobre uma mulher negra e lésbica falar abertamente sobre sua orientação sexual durante a ditadura.

A análise desenvolvida por Heloísa Buarque de Hollanda evidencia o impacto profundo da censura no cenário cultural brasileiro: "A censura não apenas silenciou vozes, mas também moldou a produção cultural do país, criando um clima de medo e autocensura entre artistas e intelectuais" (2005, p. 102). Este ambiente de constante vigilância e repressão produziu efeitos significativos na produção artística e intelectual do período, levando muitos criadores a desenvolverem mecanismos de autocensura como estratégia de sobrevivência. Os artistas frequentemente se viam forçados a adaptar suas obras, buscando formas sutis de expressão que pudessem passar pelo crivo dos censores sem provocar represálias. Esse processo resultou em uma transformação profunda da arte e da cultura brasileiras do período, que passaram a refletir uma complexa dinâmica entre a necessidade de expressão artística e as limitações impostas por um Estado autoritário que via qualquer forma de contestação como ameaça. Essa realidade criou uma produção cultural marcada pela dualidade entre a resistência criativa e a necessidade de adequação às restrições impostas pelo regime.

A capa aqui apresentada também é de 1978, buscando assim uma comparação e análise, considerando o período político vivido. As estratégias do *O Pasquim* era criar capas que conseguissem sintetizar as principais pautas da edição, mas também esclarecer aos leitores, apoiadores ou não, que o jornal não iria se calar em meio à censura e à perseguição.

Figura 15 – O brasileiro tá ficando maluco



Fonte: O Pasquim, 1978, edição 457

A análise da composição visual da capa do *O Pasquim* revela elementos significativos de sua linha editorial. A publicação utiliza predominantemente tons de verde e preto em sua paleta cromática, destacando duas manchetes principais que exemplificam sua abordagem provocativa: "O Brasil Louco" e "Bruna Nua!" destacando a predominância de uma cultura patriarcal nos jornalistas. Essa construção editorial demonstra como o periódico empregava a ironia desde sua primeira página, estabelecendo um diálogo instigante com seus leitores e convidando-os a uma leitura mais aprofundada das matérias. Enquanto o *Lampião da Esquina* privilegiava o uso de fotografias artísticas em suas capas, o *O Pasquim* optava por uma estratégia editorial que jogava com o suspense e estimulava a imaginação do público antes mesmo da leitura do conteúdo completo. Essa diferença nas abordagens visuais reflete as distintas estratégias de comunicação adotadas por cada publicação para estabelecer conexão com seus respectivos públicos-alvo.

“A constatação óbvia é de que o sistema sócio-político-econômico brasileiro está cada vez mais produzindo mais loucos. Se enlouquece de fome no Nordeste ou de tensão

e/ou repressão no Sudeste. A produção de doentes mentais está subindo, mas na hora de tratá-los o sistema enrola tudo”. (O Pasquim, 1978, p. 5)

Percebemos que o uso de pautas sociais não se distancia dos aspectos políticos da época. Sabemos que o ano de 1978 foi um período significativo na ditadura civil-militar brasileira, marcada por uma série de eventos e mudanças políticas que indicavam o início de uma transição lenta e controlada para a abertura política. Assim, esses eventos foram cruciais para o processo de redemocratização que se intensificou nos anos seguintes, culminando na eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral em 1985 e no fim do regime militar. A combinação de pressão popular, greves, e uma política oficial de abertura gradual marcou esse período como um ponto de virada na história política do Brasil.

Embora compartilhassem um formato gráfico semelhante, *O Pasquim* e *Lampião da Esquina* divergiam significativamente em suas abordagens editoriais. Enquanto *O Pasquim* se destacou por seu humor ácido e crítica política ao regime militar, *Lampião da Esquina* focou na defesa dos direitos e na visibilidade da comunidade homossexual, abordando temas como homofobia, identidade de gênero e repressão policial. Essa diferença evidenciava a diversidade de pautas na imprensa alternativa da época, refletindo distintas formas de resistência à ditadura.

Em sua proposta editorial, o *Lampião* emprega de forma estratégica diversos recursos visuais, principalmente fotografias e ilustrações, como instrumentos para questionar os padrões sociais estabelecidos, com especial atenção à desconstrução das ideias tradicionais sobre masculinidade presentes naquele período. A publicação desenvolve, através da representação do corpo e da nudez em suas imagens, uma narrativa visual que busca não apenas naturalizar as diferentes expressões da sexualidade, mas também confrontar os valores morais conservadores e os tabus enraizados na sociedade brasileira da época. Essa escolha editorial evidencia o compromisso do periódico em utilizar elementos visuais como ferramentas para promover mudanças sociais e questionar as normas vigentes.

Figura 16 – O homem mais sexy do Brasil é Ney



Fonte: Lâmpião da Esquina, 1979, edição 22

As fotografias junto com as ilustrações desconstruem o “Lâmpião”, a ideia do homem “machão”. A exploração do corpo nas fotografias com a nudez foi um meio de quebrar tabus sobre a sexualidade. Já a ilustração refletiu o papel do humor para explicitar o ativismo dos chargistas e ilustradores resistindo à repressão do governo vigente durante a década de 70 (Kucinski, 1991, p. 14).

Paralelamente, as ilustrações e charges veiculadas na publicação empregavam o humor como ferramenta de crítica social e resistência política, permitindo que artistas e chargistas expressassem seu ativismo de forma velada durante o período de repressão característico da década de 1970. Desta forma, o jornal constituía-se como um importante veículo de contestação tanto dos valores morais quanto do autoritarismo político vigente. Temos a foto do Ney durante a entrevista realizada ao jornal, em 1979, o artista já realizava shows e estava tornando-se um ícone de resistência e diversidade.

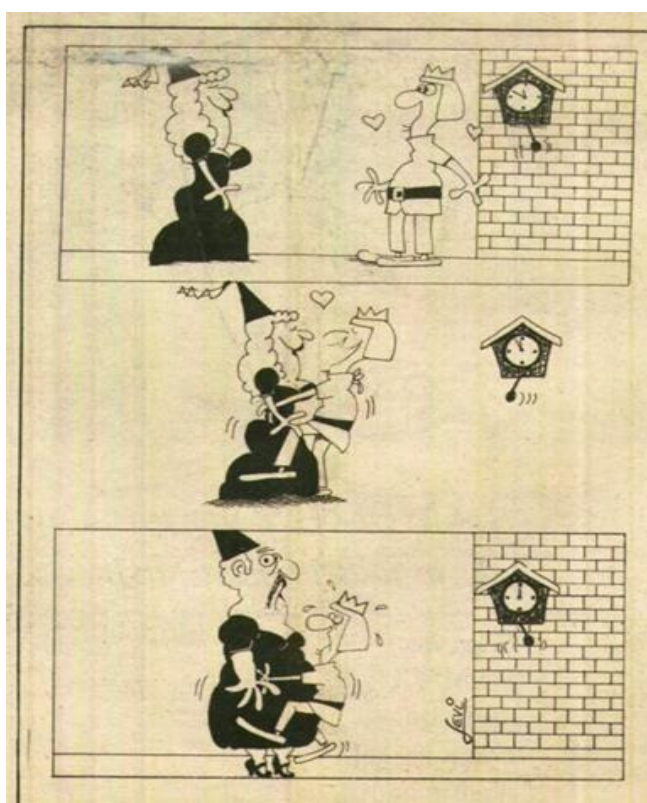
Com periodicidade mensal em sua distribuição, o periódico tinha como objetivo principal promover debates sobre as questões contemporâneas da comunidade LGBT, buscando elucidar aspectos fundamentais da vivência homossexual em diversos âmbitos socioculturais. O jornal não se limitava apenas a defender a autodeclaração e aceitação social, mas também pleiteava o reconhecimento e a autoidentificação como indivíduos dotados de direitos fundamentais à plena realização pessoal.

“O que LÂMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou o fato de que os homossexuais' são seres

humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal” (Lampião, 1978, p. 2).

A construção das identidades sexuais na sociedade contemporânea é profundamente marcada por uma hierarquia que privilegia a heterossexualidade em detrimento de outras orientações sexuais. Como aponta Daniel Borrillo (2010,p. 16) , "a diferença homo/hétero não é só constatada, mas serve, sobretudo, para ordenar um regime das sexualidades em que os comportamentos heterossexuais são os únicos que merecem a qualificação de modelo social e de referência para qualquer outra sexualidade" Essa dinâmica evidencia como a norma heterossexual não apenas se impõe como padrão, mas também molda as expectativas sociais e os papéis de gênero, determinando que o sexo biológico (macho/fêmea) esteja intrinsecamente ligado a um desejo sexual unívoco(hétero) e a comportamentos sociais específicos (masculino/feminino). Dessa forma, o sistema de ordenação das sexualidades perpetua desigualdades, relegando as identidades homoafetivas a uma posição de marginalidade e invisibilidade.

Figura 17 – Meia Noite



Fonte: Lampião da Esquina, 1980, edição 23

Esta charge, presente na seção de leitura do *Lampião da Esquina*, ilustra uma

transformação: ao soar a meia-noite, a mulher se metamorfoseia em um homem. Criada por Levi, a obra dialoga diretamente com o contexto da ditadura civil-militar brasileira, período em que a repressão não se limitava apenas aos opositores políticos, mas se estendia também às chamadas "minorias sexuais". A narrativa visual subverte o clássico conto da *Cinderela*, onde a transformação, ao invés de representar um retorno à realidade opressora, simboliza um ato de libertação e autenticidade. O espanto do rei diante da metamorfose reflete o conservadorismo e a homofobia institucionalizada da época, quando pessoas que viviam sexualidades dissidentes, eram frequentemente perseguidas, censuradas e marginalizadas pela sociedade e pelo regime militar.

A charge, portanto, evidencia um humor político que se constitui como ferramenta de resistência cultural e política, denunciando, através da arte, as múltiplas faces da opressão e reivindicando o direito à existência e à expressão das identidades LGBT em um período marcado pelo autoritarismo.

Figura 18 – GoodYear



Fonte: O Pasquim, 1978, edição 447.

A charge, criada pelo renomado cartunista Jaguar, apresenta uma cena significativa para compreendermos as representações da homossexualidade durante a ditadura civil-militar brasileira. Na ilustração, encontramos duas personagens masculinas, Moacyr e Clóvis, retratados com elementos que, à época, eram considerados transgressores: andam de mãos dadas e usam salto alto, incorporando traços tradicionalmente associados à feminilidade. O termo "entendido", destacado em negrito no jornal, merece especial atenção, pois constituía um código linguístico próprio da comunidade homossexual do período - uma forma velada de

autoidentificação que permitia o reconhecimento entre pares sem exposição direta em um contexto de perseguição e censura.

“Percebi que o jornal utiliza muito pouco a palavra “entendido” (termo muito popular na época para designar gay), dando preferência aos termos “bicha”, “viado”, “gay” e “homossexual”. Fica claro, pelo número de chamadas número 22. Na realidade, em 11 edições, a palavra travesti e/ou a imagem de travestis é estampada na capa. Mas as colocações são sempre do ponto de vista de aceitação’ (Green; Quinalha, 2014, p. 116).

O tratamento sarcástico da ilustração revela as complexas camadas de significado presentes na obra: por um lado, reflete os preconceitos e estereótipos da época; por outro, pode ser interpretado como o “humor mau”, teoria discutida por Saliba (2002). Em charges, a distinção entre “bom” e “mau” riso é particularmente relevante. Charges que utilizam o “bom” riso tendem a criticar e desafiar questões sociais e políticas, enquanto aquelas que adotam o “mau” riso podem reforçar preconceitos e estereótipos prejudiciais. Essa charge se insere em um contexto mais amplo de vigilância e repressão às sexualidades.

O jornal *O Pasquim* circulou até a década de 1990, sendo considerado um dos mais importantes veículos da imprensa alternativa brasileira durante o regime militar. Segundo Chinem em *Imprensa Alternativa: Jornalismo de oposição e inovação* (1995, p. 102), *O Pasquim* chegou a vender 200 mil exemplares por semana em seu auge. O jornal foi um semanário alternativo brasileiro, fundado em 1969, que se destacou pela resistência à ditadura militar através do humor e da crítica social.

Segundo Bernardo Kucinski, em *Jornalistas e Revolucionários* (1991, p. 14), o jornal inaugurou um estilo único de fazer jornalismo, mesclando crítica social, humor e irreverência. A imprensa alternativa estabeleceu-se como um importante espaço de resistência cultural, mesmo que seus diferentes veículos apresentassem visões e prioridades distintas em relação às questões sociais da época. Tal diversidade editorial demonstrava como o campo da imprensa alternativa, apesar de sua aparente uniformidade visual, abrigava uma multiplicidade de perspectivas e abordagens sobre os diferentes aspectos da realidade brasileira.

“Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica, inspirada no formato tabloide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais (Kucinski, 2003, p. 73).”

Como também o jornal *O Pasquim* era conhecido:

O Pasquim era um tabloide semanal, moldado no formato das publicações estrangeiras underground voltadas para jovens dos anos 60 e que articulavam as aspirações de uma geração rebelde. Ele também refletia e promovia a cultura da hipermasculinidade de “praia, cerveja e mulheres bonitas” que prevalecia entre os jovens das classes média e

média alta do sofisticado bairro praiano de Ipanema, na confortável Zona Sul carioca (Green, 2014, p. 75).

O *Lampião* era percebido e interpretado:

Lampião de Esquina começou elegante e terminou pornográfico. Sua circulação coincidiu com a explosão pornográfica no país em decorrência da abertura e das pressões de uma demanda reprimida pela pornografia. Circularam 37 números, até junho de 1981 (Kucinski, 2003, p.73).

De acordo com a pesquisa realizada por Kucinski, os jornais alternativos conseguiram lutar de forma eficaz contra o sistema capitalista, produzindo artigos que poderiam potencialmente provocar mudanças no quadro político e econômico da sociedade brasileira. Em relação ao *Lampião da Esquina*, Kucinski apresenta de forma resumida o que foi construído pelos editores, sem enfatizar as grandes mudanças realizadas por esse jornal, ao contrário do que faz com o *O Pasquim*.

De acordo com Green (2018, p. 240), “já no final de sua existência, o jornal começou a publicar nus masculinos, o que, durante muitos números, tentou evitar, como se a presença do nu tirasse a seriedade do jornal”. Sendo um dos motivos do fim do jornal, os conflitos internos e problemas financeiros. O movimento *Lampião* defendia uma bandeira que desafiava a aceitação de muitos na sociedade, ao proclamar que o prazer é um direito essencial do ser humano. Essa posição provocou debates intensos e resistência, uma vez que confrontava normas e valores tradicionais profundamente enraizados na cultura. A luta pela afirmação do prazer como um direito inalienável se tornou um aspecto central na busca por igualdade e reconhecimento dentro do movimento LGBT.

O *O Pasquim* abordava questões de sexualidade em suas páginas, inclusive nas entrevistas, utilizando o humor como estratégia para tratar do tema. As perguntas e discussões sobre sexualidade apareciam em suas seções. A exemplo disso foi a entrevista com a Leila Diniz.

“O PASQUIM acabou criando uma versão carioca ainda mais cínica e debochada da ética do prazer inaugurada por Hugh Hefner, na Playboy, que proclamava o sexo como fonte suprema de prazer e, portanto, a abstinência sexual como uma atitude moralmente condenável” (Kucinski, 2003, p. 107).

É interessante notar que, enquanto o *O Pasquim* também abordava temas relacionados à sexualidade, ele não recebia o mesmo rótulo de pornográfico. Essa distinção revela uma postura conservadora de certos setores da esquerda, que demonstravam preconceito específico com as pautas ligadas à homossexualidade e a divulgação do nu.

“A pornografia na imprensa alternativa (incluindo, também Lampião da Esquina) foi parte do surto geral da proliferação de revistas pornográficas e sua exposição explícita nas bancas de jornais, em meio ao processo de abertura política. Nenhum veículo, no entanto, nem mesmo na imprensa pornográfica convencional, foi tão longe no jornalismo pornográfico e chulo como Repórter¹⁴. Algumas de suas reportagens de capa: Operação Sapatão; Polícia Ataca as Lésbicas; Prostituição de Menores; Virgens Loucas por Sexo; Masturbação nas Ruas; Estupro em Família; Os Reis do Aborto; Sexo Atrás das Grades; Bunda, a Preferência Nacional” (Kucinski, 2003, p. 107).

A citação de Kucinski (2003) ilustra como a imprensa alternativa, especialmente em sua vertente mais ousada, desafiou os limites do que era considerado aceitável na época, refletindo um momento de transição social e política no Brasil. A publicação de reportagens que abordavam temas tabu, como a sexualidade e a violência de gênero, não apenas capturou a atenção do público, mas também expôs questões profundas da sociedade brasileira, revelando suas contradições.

Apesar da movimentação de vários jornalistas entre diferentes jornais alternativos, a colaboração entre eles foi sempre muito limitada. Na fase final do período de censura prévia, eles adotaram um selo comum para registrar a presença da censura.

“E intercambiaram anúncios promocionais uns dos outros. Na fase derradeira, da campanha de terror contra as bancas de jornais, em 1980, formaram-se “comitês de defesa dos jornais ameaçados”, com a finalidade específica de dar suporte moral e cívico aos jornalistas. Nunca foi tentado um esquema conjunto de distribuição ou produção dos jornais (Kucinski, 2003, p. 63).

A censura prévia afetava diretamente as pautas do *O Pasquim*. Assim como em toda a imprensa do país, a proposta de cada edição precisava ser submetida aos órgãos oficiais do governo civil-militar para a supervisão e análise das matérias, entrevistas e imagens. Uma das estratégias adotadas pelos jornalistas do *O Pasquim* para contornar os censores e continuar a expressar seus objetivos era o uso de informações criativas em substituição a palavras, que, de outra forma, seriam certamente eliminados pela censura.

É interessante observar a intenção de compartilhar com os leitores os mecanismos do governo civil-militar e seu funcionamento, mesmo que isso pareça uma constatação quase evidente. O humor presente nessa situação ridiculariza a figura do censor e valoriza a estratégia do grupo em enganar a repressão à liberdade de expressão e à imprensa. Oculta no primeiro plano da charge, há uma crítica à própria ditadura, evidenciando sua ignorância e despreparo, e reafirmando a força bruta da repressão. O riso sarcástico é intensificado em duas situações: ao

¹⁴ Repórter nasceu de um incidente muito parecido ao que deu origem a Brasil Mulher [...] No caso de Repórter, foi de uma entrevista de um grupo de jornalistas ex-militantes da “dissidência” carioca com o presidente da Anistia Internacional, Tomas Hammarberg, em visita sigilosa ao Brasil no final de 1976. (Kucinski, 2003, p. 74). Repórter, lançado em 1977, deliberadamente para ser lido pelas camadas subalternas e pequenos funcionários da baixada fluminense (Kucinski, 2003, p. 13).

percebermos a sátira à estrutura de repressão da ditadura civil-militar e à ridicularização do censor, que, ao desconhecer o termo inventado, não se identifica como um leitor do *O Pasquim*, mesmo sendo parte do aparato estatal.

Figura 19 – É censura!



Fonte: O Pasquim, 1970, edição 36

O jornal *O Pasquim* representou um marco significativo na história da imprensa brasileira. A análise de José Luiz Braga sobre o uso do humor e da linguagem coloquial como estratégias de resistência revela a complexidade e a engenhosidade deste veículo de comunicação alternativa. Em "*O Pasquim* e os anos 70 (1991)", ele destaca que o periódico utilizava uma linguagem coloquial e debochada como estratégia para driblar a censura. O autor afirma que "o humor funcionava como uma válvula de escape e, ao mesmo tempo, como uma forma de denúncia" (Braga, 1991, p. 45). O periódico, que circulou entre 1969 e 1991, destacou-se por sua abordagem única, combinando jornalismo sério com humor irreverente.

Por meio de uma linguagem coloquial e debochada, o jornal conseguiu criar um estilo próprio que não apenas driblava a censura, mas também estabelecia uma forte conexão com seus leitores. Essa estratégia permitiu que o jornal abordasse temas sensíveis e fizesse críticas ao regime militar de forma velada, usando metáforas, alegorias e duplos sentidos.

A equipe do jornal conseguiu desenvolver uma forma inovadora de fazer jornalismo, que misturava humor com conteúdo crítico. As charges, cartuns e entrevistas irreverentes tornaram-se marcas registradas do periódico, influenciando toda uma geração de jornalistas e humoristas. *O Pasquim* funcionava como uma verdadeira válvula de escape para a sociedade brasileira durante os anos de chumbo. Ao mesmo tempo em que proporcionava momentos de alívio através do humor, o jornal mantinha viva a chama da resistência cultural e política. A

linguagem coloquial criava uma aparente despreensão que, paradoxalmente, permitia abordar questões profundas e fazer denúncias importantes sobre o regime.

O impacto cultural do jornal foi significativo, estabelecendo um novo paradigma para o humor político no Brasil. Sua influência pode ser percebida não apenas na imprensa alternativa que surgiu posteriormente, mas também na forma como o jornalismo brasileiro passou a lidar com o humor e a crítica social. O jornal conseguiu criar uma comunidade de leitores engajados e críticos, estabelecendo uma cumplicidade que ia além da simples relação jornal-leitor.

“Consolidado desde o número trinta, com tiragens próximas a duzentos mil exemplares, O PASQUIM recebeu muitas páginas de anúncios. Surge um estilo de vida criado e centrado em torno de O PASQUIM, um público definido por esse estilo de vida. Formam-se “clubes de leitores d’O PASQUIM” nas cidades do interior. A publicidade passa a ocupar 25% do espaço, chegando a até 30%, a maior parte de editoras, boutiques, bares e restaurantes. Cria-se, entre O PASQUIM e seus leitores, aquela comunicação direta, do tipo horizontal, tantas vezes proposta por projetos alternativos e raramente alcançada” (Kucinski, 2003, p. 109)

O legado do *O Pasquim* permanece relevante até hoje, servindo como exemplo de como o humor pode ser uma poderosa ferramenta de resistência política. O jornal não apenas documentou um período crucial da história brasileira, mas também demonstrou que é possível manter uma postura crítica e combativa, mesmo em tempos de forte repressão. A estratégia de usar o riso como forma de denúncia e resistência provou-se eficaz e inspiradora, influenciando diversas gerações de comunicadores e ativistas políticos.

Em análise, sua abordagem única, combinando humor inteligente com crítica social aguda, estabeleceu um modelo de jornalismo que continua relevante nas discussões sobre mídia alternativa e resistência cultural. O jornal provou que o riso pode ser uma das armas mais eficazes contra a opressão, especialmente quando combinado com jornalismo de qualidade e compromisso com a verdade. O jornal sofreu forte repressão, tendo sua redação invadida em 1970, com a prisão de grande parte de sua equipe. Conforme destaca Aquino em *Censura, Imprensa e Estado Autoritário* (1999, p. 207), “A prisão dos jornalistas do Pasquim representou uma das mais duras investidas do regime contra a imprensa alternativa, mas não conseguiu silenciar o periódico.”

O livro *Censura, Imprensa e Estado Autoritário* (1999), de Maria Aparecida de Aquino, representa uma contribuição fundamental para a compreensão dos mecanismos de censura durante a ditadura militar brasileira. Em sua obra, Aquino analisa detalhadamente como a censura operava em diferentes níveis e formas. Logo nas primeiras páginas, ela estabelece uma importante distinção entre a censura prévia e a autocensura, demonstrando como esses mecanismos se complementam no controle da informação. “A censura prévia constituía-se em

um mecanismo mais ostensivo, enquanto a autocensura representava uma forma mais sutil de controle" (AQUINO, 1999, p. 37).

Ao analisar os mecanismos de censura do período ditatorial, a censura prévia durante o regime militar demonstrava uma preocupação específica com as publicações relacionadas à comunidade homossexual. Como apontam Green e Quinalha (2014, p. 37), os agentes da ditadura interpretavam essas manifestações não apenas como uma forma de oposição ao regime, mas como parte de uma suposta conspiração internacional, demonstrando especial preocupação com a visibilidade das questões de sexualidade. Essa perspectiva dos censores influenciou diretamente a forma como periódicos como o *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* eram avaliados e censurados, evidenciando que o controle não se limitava apenas a questões políticas, mas se estendia também ao campo dos costumes e comportamentos considerados desviantes pela moral conservadora da época, fazendo parte assim, da agenda política.

“Alguns deles nas forças de segurança, então, viam as publicações dos (ou relacionado com os) gays vinculadas não só com os oponentes aliados contra o regime, mas com uma conspiração organizada internacional. Como James N. Green indica, os agentes da ditadura se preocupavam mais com a publicidade dos desvios sexuais e especialmente de gênero” (Green; Quinalha, 2014, p. 37)

3.2 A influência de movimentos artísticos na estética dos jornais

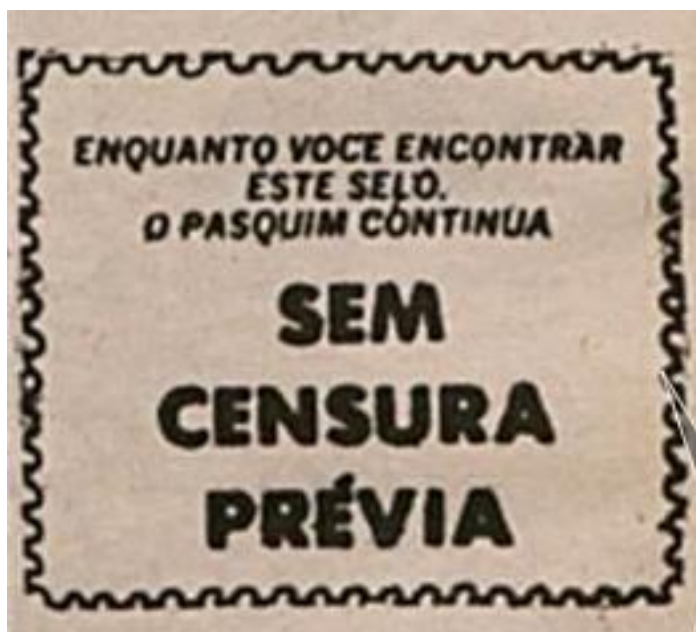
Durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), estabeleceu-se um elaborado aparato de controle informacional que se sustentava em duas frentes principais: a censura prévia institucionalizada e o mecanismo da autocensura. Maria Aparecida de Aquino, em sua obra *Censura, Imprensa e Estado Autoritário* (1999), desenvolve uma análise aprofundada deste sistema, destacando como a censura prévia se materializava através da presença física dos censores nas redações, que exerciam controle direto sobre o conteúdo jornalístico, determinando cortes, vetos e temas considerados proibidos. Paralelamente, a autocensura emergia como um dispositivo mais discreto, porém igualmente eficaz, pelo qual os próprios profissionais da imprensa internalizavam as restrições e adaptavam sua produção para evitar possíveis represálias. Esta dupla estrutura de controle demonstrava a sofisticação do aparato repressivo do regime, que conseguia exercer domínio sobre a produção jornalística tanto através da coerção direta quanto por mecanismos mais sutis de intimidação.

O funcionamento da censura prévia se caracterizava por sua natureza explícita e institucional, manifestando-se através da presença constante de censores nas redações dos veículos de comunicação. Este sistema incluía um fluxo sistemático de orientações e proibições

específicas sobre temas considerados sensíveis pelo regime, como as manifestações estudantis, denúncias de tortura ou qualquer forma de crítica ao governo militar.

Paralelamente a este controle direto, desenvolveu-se um mecanismo mais sutil e igualmente eficaz: a autocensura. Este processo se estabelecia como uma forma de regulação interna, por meio do qual profissionais da imprensa e empresas de comunicação, seja por temor a possíveis retaliações ou por alinhamento ideológico ao regime, praticavam um controle preventivo sobre seu próprio conteúdo. Esta prática resultava na supressão voluntária de temas potencialmente controversos ou na modificação deliberada de conteúdos que pudessem despertar a atenção dos censores, criando assim uma segunda camada de controle informacional que complementava o aparato censório oficial.

Figura 20 – Censura Prévia



Fonte: O Pasquim, 1976, edição 341

A análise deste exemplar do *O Pasquim* revela uma estratégia singular adotada pelo periódico para comunicar-se com seus leitores sobre a interferência da censura. O jornal desenvolveu um sistema de avisos que sinalizava aos seus leitores quando uma edição havia sofrido interferências ou cortes por parte dos censores. Esta prática editorial demonstrava não apenas uma forma de resistência criativa ao aparato censório, mas também um compromisso com a transparência junto ao público leitor, que era assim informado sobre possíveis alterações no conteúdo original. Este mecanismo de comunicação representava uma maneira sutil de denunciar a presença da censura, permitindo que os leitores compreendessem que determinados conteúdos haviam sido suprimidos ou modificados por força da repressão estatal.

"A censura prévia significava que todas as matérias, antes de serem publicadas, deveriam passar pelo crivo dos censores que, instalados na redação do jornal, ou através do envio das provas do periódico à censura, cortavam tudo aquilo que, aos olhos dos responsáveis pela segurança nacional, pudesse parecer questionador da ordem vigente" (Aquino, 1999, p.37).

A censura prévia durante o regime militar operava de forma metódica e institucionalizada, estabelecendo rigorosos mecanismos de controle sobre a produção jornalística nacional. Este sistema de vigilância exigia que todo material a ser publicado passasse primeiro pelo crivo dos censores, que detinham o poder de vetar ou autorizar conteúdos conforme os interesses do regime. Paralelamente a este controle oficial, desenvolveu-se um fenômeno igualmente significativo: a autocensura, prática pela qual os próprios profissionais da imprensa estabeleciam filtros internos em sua produção, antecipando possíveis represálias e evitando temas considerados sensíveis pelas autoridades. A combinação destes dois mecanismos – a censura prévia institucional e a autocensura – constituía um sofisticado sistema de controle informacional, que afetava diretamente a produção e circulação de conteúdo jornalístico no país, moldando ativamente o tipo de informação que chegava à sociedade brasileira durante o período ditatorial.

Figura 21 – Pra fora do país



Fonte: O Pasquim, 1970, edição 55

A charge em questão aborda a campanha militar, tecendo uma crítica clara ao governo. Ela sugere que, para o cidadão brasileiro, amar seu país significa se submeter totalmente ao governo, e assumir uma postura submissa diante da autoridade que controla suas ações. Caso contrário, a pessoa é, de fato, expulsa do Brasil.

Isso pode se referir também à questão das torturas cometidas contra todos aqueles que foram presos políticos e que, de alguma maneira, demonstraram sua opinião contrária ao regime. A primeira compreensão que deixa clara a potencialidade para o humor de transgressão

é a questão da avaliação do comportamento. O governo civil-militar, ao propor a campanha, buscava um controle de comportamentos e cerceamento do pensamento, não uma proposta de condições em que se incidiria a escolha do cidadão. Essa lógica é mostrada na propaganda e ainda é feita uma consideração: quem decide se você realmente ama ou não seu país é o governo ditatorial.

A campanha nacionalista do “ame-o ou deixe-o” associava-se, também, à ideologia anticomunista que tinha um cunho moralista. A construção desse imaginário no Brasil se desenvolveu através de um complexo conjunto de representações sociais, com especial ênfase em questões morais, que se mostraram fundamentais para mobilizar a população contra o ideário comunista. Este processo de construção de um “inimigo comum” utilizou diversos elementos culturais e sociais brasileiros para criar uma narrativa convincente. Como destacado em *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, “dentro o amplo arco de representações que compõe o imaginário anticomunista, a temática moral ocupou papel destacado, tendo contribuído em muito para o sucesso das mobilizações contra o comunismo” (Rodrigo Patto Sá Motta, 2014. p. 89).

Nesse contexto, o discurso religioso exerceu uma influência significativa, apresentando os comunistas como adversários irreconciliáveis da moralidade. Esta estratégia de associar o comunismo à degradação moral foi amplamente difundida em diferentes esferas sociais, desde as instituições religiosas até os meios de comunicação, criando um ambiente de desconfiança e rejeição ao pensamento comunista. A eficácia desta abordagem residia principalmente na capacidade de transformar uma disputa ideológica e política em uma questão de valores morais e religiosos, tornando o debate mais acessível e pessoal para grande parte da população brasileira.

A ditadura implementou um sofisticado sistema de controle social que ia muito além da repressão física. Como destaca Quinalha (2021), o regime desenvolveu mecanismos complexos de dominação que permeavam diferentes esferas da vida cotidiana, estabelecendo padrões rígidos de comportamento e moralidade. Este aparato repressivo se manifestava através da censura aos meios de comunicação, do controle sobre as expressões artísticas e culturais, da vigilância em ambientes educacionais e até mesmo da interferência nas relações familiares e sociais. Como aponta Quinalha, “a ditadura militar brasileira mobilizou um extenso aparato repressivo que não se limitava à violência física direta, mas também operava por meio de um controle moral da sociedade” (2021, p. 15).

A imprensa alternativa enfrentou uma repressão mais intensa e prolongada em comparação à grande mídia. Com estruturas independentes e pautas críticas ao regime, esses

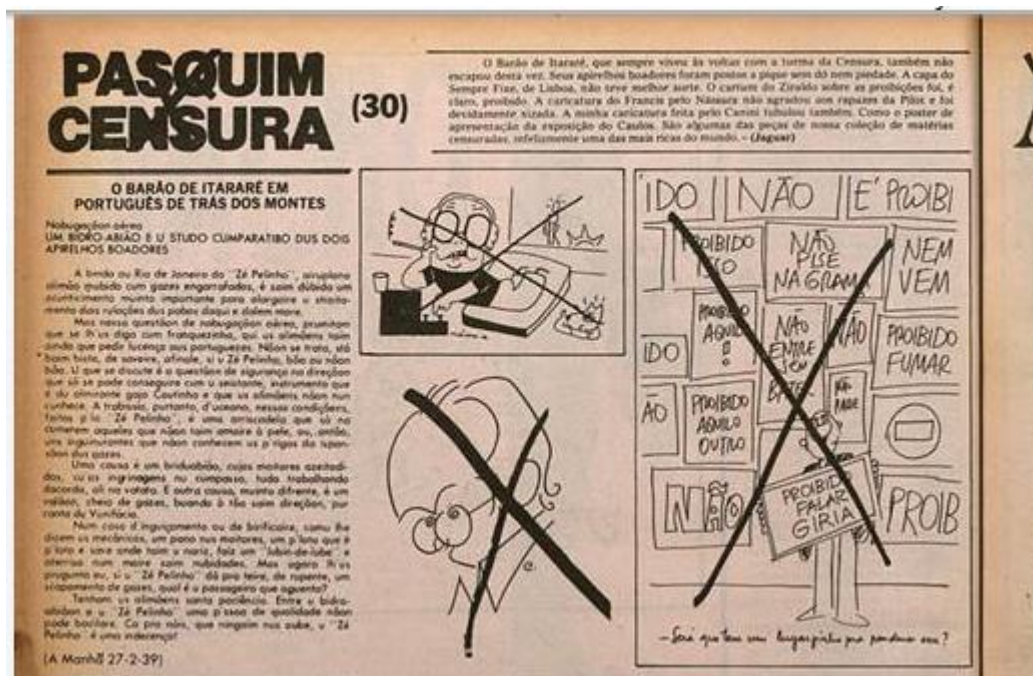
veículos, conhecidos como "nanicos", adotavam uma abordagem jornalística engajada, desafiando diretamente o projeto autoritário das Forças Armadas. Mesmo sem vínculos com partidos políticos ou interesses comerciais, foram alvo de censura prévia e perseguição, evidenciando a intolerância do regime à diversidade de vozes e à liberdade de expressão.

O clima de vigilância permanente, somado ao temor constante da repressão, resultava em um ambiente social marcado pela autocensura e pelo conformismo, onde grande parte da população optava por adequar-se às normas estabelecidas como forma de autopreservação. Esta política de controle social demonstrava a preocupação do regime não apenas em combater a oposição direta, mas também em estabelecer um modelo de sociedade que correspondesse aos seus ideais autoritários.

Esta forma de controle moral era particularmente eficaz porque penetrou no tecido social de maneira sutil e permanente, criando um clima de desconfiança e intimidação que desencorajava qualquer forma de dissidência ou questionamento ao regime. O aparato repressivo, portanto, não se limitava aos porões da ditadura, mas se estendia a todos os aspectos da vida social, estabelecendo um regime de vigilância e controle que afetava profundamente o comportamento e a mentalidade da população brasileira durante o período militar.

Analisando uma página do jornal, também de 1976, nos deparamos com a denúncia da censura, com a página abertamente direcionada à censura e com a construção da charge sobre os tipos de proibições que surgiam na ditadura para manter os padrões morais da sociedade. Essa obra foi desenhada pelo o chargista Ziraldo, e o Jaguar utiliza-sede textos de apoio para explicar que essa obra foi uma das que foram censuradas do jornal e logo após, ele traz a charge.

Figura 22 – Pasquim X Censura



Fonte: O Pasquim, 1976, edição 341

Ainda durante o ano de 1976, O jornal *O Pasquim* faz uma nova denúncia sobre charges e cartuns censurados. Além disso, quando analisamos as produções divulgadas na década de 1970, repetem-se as mesmas características de denúncia dos crimes que estavam sendo realizados pelos ditadores.

"O Cartum do Ziraldo sobre as proibições foi, é claro, proibido. A caricatura do Francis pelo Nássara não agradou aos rapazes da Pilot e foi devidamente xizada. A minha caricatura feita pelo Canini tabulou também. Como o poster de apresentação da exposição do Caulos. São algumas das peças de nossa coleção de matérias censuradas feita pela canini tabulou também [...] (O Pasquim, 1976, p.10, edição 341)

Outra charge que tem a censura como história, é a do *Lampião da Esquina*, de 1976, nos deparamos com a denúncia da censura, logo no texto de apoio, onde o Aguinaldo Silva, um dos fundadores do jornal, escreve sobre as batidas de policiais em bancas em alguns jornais, principalmente no *Lampião*, com a justificativa de que existia conteúdo erótico e que as crianças não poderiam ter acesso. e por esse motivo, as revistas e jornais seriam recolhidos. Porém, o jornalista inicia a discussão sobre como essas crianças estão à mercê da sociedade, sem nenhum apoio estatal e a única preocupação dos órgãos é proteger sua "inocência", uma mera desculpa para recolher os jornais que não estavam de acordo com as normas de moralidade. A charge elaborada por Levi e Maurício apresenta uma crítica social contundente através de uma representação irônica da realidade brasileira do período. Na ilustração, são retratadas crianças

em situações de extrema vulnerabilidade social – grávidas, armadas e comercializando drogas – que observam e questionam uma operação policial de destruição de bancas de jornal. O elemento satírico se manifesta na resposta dada pelos agentes, que justificam suas ações como uma forma de "proteção à inocência" dessas crianças. Esta contradição evidenciada na charge expõe uma crítica direta à hipocrisia do sistema: enquanto problemas sociais graves afetavam diretamente a população infantil, as autoridades concentravam seus esforços repressivos no controle da informação e da imprensa. A narrativa visual construída pelos artistas revela o descompasso entre o discurso oficial do regime militar, que alegava proteger determinados grupos sociais e valores morais, e a realidade social brasileira marcada por profundas desigualdades e violências estruturais. Dessa forma, a charge se estabelece como um instrumento de denúncia social, utilizando o humor e a ironia para evidenciar as contradições entre a retórica oficial e as prioridades do regime.

Figura 23 – Quem salvará nossas crianças?



Fonte: Lampião da Esquina, 1980, edição 29

3.3 O papel da sátira e do humor como formas de resistência

A estética dos jornais alternativos durante a ditadura militar no Brasil foi profundamente moldada por uma variedade de movimentos artísticos que buscavam romper com as normas estabelecidas e expressar uma visão crítica da realidade. Um exemplo marcante é o *O Pasquim*, que, conforme aponta Kucinski (2003, p. 158), incorporou elementos do Pop Art, um movimento que emergiu nos anos 1960 e se destacou por sua abordagem irônica e subversiva em relação à cultura de massa. Essa influência se manifestava de maneira clara na estética do jornal, que utilizava colagens, sobreposições e uma paleta de cores vibrantes, sempre que possível, para criar uma linguagem visual que dialogasse com o cotidiano e os ícones da cultura popular. Essa abordagem não apenas capturava a essência do momento, mas também servia como uma forma de resistência, utilizando a arte como um meio de contestação.

Por outro lado, o *Lampião da Esquina*, segundo Green (2000, p. 428), também incorporou influências significativas de movimentos artísticos, especialmente do underground americano e da contracultura. O jornal se destacou por sua maneira inovadora de trabalhar com fotografias e ilustrações, desafiando os padrões estéticos convencionais da época. As imagens, muitas vezes provocativas e carregadas de uma crítica social incisiva, refletiam a busca por uma nova linguagem visual que se opunha à censura e à repressão. Dessa forma, tanto o *O Pasquim* quanto o *Lampião da Esquina* não apenas se tornaram veículos de informação, mas também plataformas de experimentação estética, revelando como a arte pode se entrelaçar com o ativismo e a luta por liberdade em tempos de opressão. Vale ressaltar que estas influências artísticas não eram apenas estéticas, mas também ideológicas, refletindo o espírito contestador e experimental da época.

Durante a ditadura civil-militar brasileira, o humor foi uma ferramenta essencial de resistência na imprensa alternativa. Embora *O Pasquim* tenha sido emblemático na crítica ao autoritarismo, seu discurso satírico frequentemente negligenciava pautas identitárias, revelando lacunas no projeto de resistência cultural da esquerda. Essa abordagem permitia expressar críticas ao autoritarismo de forma velada. Segundo Kucinski (2003, p. 145), a publicação desenvolveu uma linguagem própria que misturava gírias, coloquialismos e ironia para criticar o regime militar. O autor observa que "o humor funcionava como um código entre o jornal e seus leitores, permitindo dizer nas entrelinhas o que não podia ser dito abertamente." Essa estratégia não apenas engajava os leitores, mas também criava um espaço seguro para a expressão de descontentamento, transformando o humor em uma forma de resistência.

No *Lampião da Esquina*, como observa MacRae (1990, p. 73), o humor exercia uma função dupla. Além de servir como crítica política, o jornal também utilizava a ironia e o deboche para desconstruir preconceitos contra a comunidade LGBT. Já o *Lampião da Esquina*

empregava o humor para confrontar preconceitos e promover a visibilidade da comunidade LGBT, utilizando ironia e deboche para questionar normas conservadoras e desafiar a repressão vigente. Assim, o humor não apenas entretinha, mas também servia como instrumento de contestação e afirmação de identidades marginalizadas.

De acordo com Soihet (2007, p.78) em *A Subversão pelo Riso*, "o riso funcionava como uma válvula de escape em tempos de repressão, mas também como uma forma sofisticada de crítica social. As charges e textos humorísticos conseguiam driblar a censura ao mesmo tempo em que mantinham vivo o espírito de contestação". Essa capacidade de driblar a censura estava presente em diversos elementos comuns no uso do humor como resistência, incluindo o emprego de metáforas e alegorias, linguagem cifrada e duplos sentidos, caricaturas políticas, paródias de discursos oficiais e a ridicularização de figuras de autoridade. Essas estratégias criavam um espaço fértil para a crítica social, possibilitando que questões complexas fossem abordadas de maneira acessível e impactante.

A obra *O Pasquim*, em particular, desempenhou um papel transformador no comportamento social brasileiro, especialmente em relação a temas como a ditadura. Como mencionado, "no verão d'O Pasquim, depois da entrevista de Leila Diniz, o Brasil se tornou a única comunidade no mundo a aceitar integralmente o homossexual; no verão d'O Pasquim, as mulheres grávidas, pela primeira vez, apareciam nas praias" Kucinski (2003, p. 110). No entanto, é importante esclarecer que, paradoxalmente, ao analisar a entrevista dada por Leila Diniz, nos deparamos com questionamentos sobre sua vida profissional, sua vida amorosa, sua vida sexual e também sobre homossexualidade. Dessa forma, discordamos de certo modo, do trecho do Kucinski, já que, em determinado diálogo, o entrevistador Gareez questiona:

Entrevistador: Você acha que o dito aumento do lesbianismo é devido à falta de virilidade do homem atual?

Entrevistado: Não, de jeito nenhum. Esse negócio de Lesbianismo é uma coisa de carência afetiva, todo mundo quer ser amado, como homem e mulher, foram criados com muitos problemas que o que eles devem fazer seria feio ou pecado etc. Duas mulheres acabam querendo se apoiar uma na outra, querendo salvar uma a outra, acho que o lesbianismo triste por causa disso (*O Pasquim*, 1969, p.13. edição22).

Embora o jornal *O Pasquim* abordasse pautas de relevância social e política, como censura, perseguições e notícias sobre artistas, é possível observar que as questões de gênero e sexualidade eram tratadas de maneira controversa. Nas entrevistas realizadas com Leila e Lucy, por exemplo, as perguntas direcionadas às mulheres frequentemente focavam em aspectos íntimos e pessoais, como "quantos homens você já dormiu?" ou "qual o tipo de homem ideal?", evidenciando uma perspectiva objetificante do feminino. De modo similar, as abordagens sobre homossexualidade divergiam significativamente da proposta do jornal *Lampião da Esquina*,

que buscava construir uma narrativa identitária positiva para a para a construção de uma cultura da resistência homossexual no Brasil.

O Pasquim, ao não reconhecer a importância de um diálogo construtivo sobre essas questões, acabava por reproduzir e reforçar representações negativas relacionadas à homossexualidade, distanciando-se assim da discussão séria e necessária que o *Lampião* procurava estabelecer sobre identidade sexual. Não podemos esquecer, que a Leila Diniz, na entrevista, defende essa liberação sexual feminina; então, ela não deixou de responder questionamentos sobre a sua vida sexual e sobre a importância de a mulher viver as experiências que deseja. De certo modo eram pautas que durante a ditadura, atingiam os aspectos da moralidade.

Figura 24 – Entrevista com Leila Diniz



O Pasquim 1969, edição 22

Essa ambivalência na representação de questões sociais e de gênero gerou críticas. “Os dissidentes d’OPINIÃO, fundadores de Beijo¹⁵, denunciariam O PASQUIM como falsamente libertário na questão do homossexualismo” (Kucinski, 1991, p.110). O jornal se destacava por seu perfil editorial marcadamente irreverente, utilizando o humor como principal ferramenta de crítica social e política. Beijo lançou seu primeiro grande ataque contra a concepção de homossexualidade dos jornalistas d’O PASQUIM. [...] Beijo erigiu a esquerda como seu alvo de crítica. E de crítica pela esquerda (Kucinski, 1991, p.73).

No entanto, esta publicação refletia de forma significativa as contradições da esquerda masculina durante a ditadura civil-militar. Embora se posicionasse como um veículo progressista e contestador do regime autoritário, o jornal frequentemente reproduzia preconceitos enraizados na sociedade, particularmente em relação à homossexualidade. Suas páginas eram permeadas por um humor que, embora ácido contra o setor político, muitas vezes utilizava a orientação sexual dos outros como elemento de chacota, reproduzindo estereótipos e preconceitos típicos da masculinidade hegemônica da época.

Esta característica evidenciava uma das principais contradições da esquerda tradicional do período: mesmo enquanto lutava por liberdades democráticas e justiça social, mantinha-se arraigada a valores conservadores em questões comportamentais.

Assim, a sátira e o humor não apenas funcionaram como instrumentos de resistência, mas também revelaram as complexidades e contradições da luta por liberdade e igualdade em um contexto opressivo. A imprensa alternativa, por meio de suas abordagens humorísticas, criou um legado de contestação que ressoou não apenas no período da ditadura, mas que continua a influenciar a forma como as questões sociais e políticas são debatidas no Brasil contemporâneo.

A investigação desenvolvida neste capítulo demonstra como a utilização da sátira e do humor se estabeleceu como um instrumento fundamental de crítica sociopolítica nas publicações do *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Estas publicações desenvolveram uma linguagem visual singular, que combinava elementos de diversos movimentos artísticos com recursos cômicos, conseguindo não apenas proporcionar entretenimento aos leitores, mas principalmente estimular uma reflexão crítica sobre o contexto autoritário vigente.

¹⁵ Com essa temática e reagindo contra o autoritarismo nas relações internas d’OPINIÃO, Júlio César Montenegro, seu editor de cultura, Genilson Cezar, Ronaldo Brito e Caio Túlio Costa lançaram, em 1977, o tablóide Beijo, dedicado ao comportamento, sociologia e cultura, à discussão do prazer e de sua necessidade. (Kucinski,1991,p.73

Em um cenário marcado pela censura e pela repressão, a sátira e o humor se consolidaram como importantes mecanismos de resistência cultural. Por meio de charges e tiras cômicas, os artistas conseguiam expor as inconsistências do regime e suas práticas autoritárias, criando um espaço de expressão onde o descontentamento popular podia ser manifestado de forma mais segura. O riso se transformou em uma ferramenta de contestação que, embora aparentemente sutil, tinha o poder de questionar a narrativa oficial e despertar a consciência crítica da sociedade. Esta estratégia permitiu que estas publicações mantivessem sua postura de enfrentamento à censura, utilizando o humor como um escudo protetor para suas críticas mais contundentes.

A investigação comparativa sobre o emprego da sátira e do humor nos periódicos *Lampião* e *O Pasquim* evidencia como estes recursos se constituíram em poderosos instrumentos de enfrentamento ao regime autoritário. Através de charges, textos irônicos e críticas bem-humoradas, estas publicações conseguiram estabelecer um canal de comunicação efetivo com seus leitores, driblando os mecanismos de censura e promovendo reflexões sobre a realidade social e política do período.

O uso estratégico do humor durante a ditadura civil-militar brasileira foi uma ferramenta poderosa de resistência cultural. Ao empregar a sátira e a ironia, a imprensa alternativa conseguiu criticar o regime autoritário de maneira criativa, contornando a censura e engajando o público em reflexões políticas e sociais. Essa abordagem não apenas desafiava o status quo, mas também fomentava a conscientização e a mobilização da sociedade, demonstrando o potencial do humor como instrumento de transformação social. A análise destes periódicos revela não apenas sua importância histórica como veículos de resistência, mas também seu papel fundamental na construção de um jornalismo engajado, que continua inspirando novas gerações de comunicadores e ativistas sociais.

4 CAPÍTULO III: Lampião da esquina e Pasquim: vanguarda na resistência

Ser um homem de verdade – o que é que isso exige? Repressão das emoções. Calar a sensibilidade. Ter vergonha de sua delicadeza, de sua vulnerabilidade [...] Não dar sinais de fraqueza. Amordaçar a sensualidade. Vestir-se com cores discretas, usar sempre os mesmos sapatos grosseiros, nunca brincar com os cabelos, não usar muitas joias, nenhuma maquiagem [...] Não saber pedir ajuda. (Despentes, 2006, p.28)

4.1 Relação entre os jornais alternativos e a comunidade homossexual

Durante a década de 1970 e 1980, jornais alternativos como *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* tornaram-se importantes veículos de crítica e resistência, cada um com suas particularidades na abordagem da homossexualidade. O *Lampião da Esquina* incorporava o humor como estratégia de afirmação política, valendo-se de uma sátira que invertia os lugares de fala e expunha a hipocrisia das normas heteronormativas vigentes. “O jornal é considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público homossexual. [...] foi o Lampião que inaugurou um novo tempo na história da mídia impressa gay no Brasil” (GREEN; QUINALHA; CAETANO; FERNANDES, 2018, p. 238). Suas charges e ilustrações promoviam a visibilidade LGBT e buscavam desconstruir as narrativas negativas associadas à homossexualidade, criando um espaço de reivindicação.

O aspecto analítico do jornal, ao invés de contradizer sua natureza humorística, fortaleceu sua identidade como veículo de comunicação contestador. O sucesso do *O Pasquim* na imprensa alternativa baseou-se justamente em sua capacidade de combinar pensamento crítico e humor, criando diferentes camadas de significação. Esta abordagem editorial particular só foi possível porque o humor atuava como elemento integrador, permitindo que o conteúdo sério e a irreverência coexistissem de forma coerente. O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibido, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente.” No caso específico do *O Pasquim*, o humor foi conscientemente utilizado como instrumento de crítica social e política. O periódico cumpria também funções sociais e de identificação com o público. Para Braga,

[...] o jornal procura desvendar as contradições do regime e de seu espaço social; implícita (sem ter que defini-la) uma verdade de nível superior na qual suas próprias contradições devem encontrar uma superação; e reconhece sem depressão a fragilidade dos que querem recusar o regime (Braga, 1991, p.204).

Por outro lado, *O Pasquim* adotou uma postura mais ambígua em relação à homossexualidade, utilizando o humor e a ironia de maneira a criticar o cenário político, mas frequentemente alfinetando os movimentos e as identidades homossexuais. Nesse contexto, *O Pasquim* se apresentou como uma publicação libertária em certos aspectos, atuando como uma

das vozes da imprensa alternativa contra a ditadura, mas conservadora em outros. A revista frequentemente tratava o feminismo e a homossexualidade como alvos de zombarias e provocações, refletindo a influência da revista “Playboy”, que via a homossexualidade como uma anomalia (KUCISCKI, 2003, p. 215).

O’ PASQUIM propagou, a partir daquela compacta zona intelectual-boêmia do Rio, uma contracultura, alternativa tanto à cultura da ordem estabelecida como à cultura oficial de esquerda. Uma contracultura sintetizada no conceito do “anti caretismo, do repúdio ao conformismo, a tudo o que fosse conservador, repressor e inautêntico”, no sentido, segundo Luís Carlos Maciel, da “existência inautêntica” definida por Sartre (Kucinski, 2003, p. 209).

Figura 25 – Congresso Feminista



Fonte: O Pasquim (1975) – Edição 314

A composição visual apresenta-se em escala monocromática, destacando-se por duas manchetes principais e pela representação central de três elementos: duas figuras humanas – um homem e uma mulher – e uma boneca. A disposição espacial destes elementos, ocupando proporção significativa da página, estabelece-se como ponto focal imediato da composição. A narrativa visual evidencia uma deliberada inversão dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos aos gêneros, retratando uma configuração familiar não convencional. A figura feminina é caracterizada com elementos tradicionalmente associados ao universo masculino: traje formal (terno), chapéu e charuto. Uma indicação gráfica a identifica como mãe da boneca,

enquanto outra, direcionada ao seu calçado, apresenta o termo "sapatão" – expressão pejorativa recorrentemente empregada pelo periódico para referir-se a mulheres homossexuais.

As construções sociais de gênero manifestam-se como mecanismos de poder que visam conformar as mulheres a uma estrutura heteronormativa. Este processo estabelece, através de construções narrativas e ideológicas, um modelo idealizado de feminilidade, definindo parâmetros específicos para "ser mulher". Neste contexto, a mulher lésbica representa uma ruptura com esses padrões estabelecidos, configurando-se como uma categoria não classificável dentro dessa estrutura normativa, sendo consequentemente posicionada como sujeito desviante.

Butler (2018, p. 25-26) argumenta que a sociedade contemporânea opera sob uma ordem compulsória que demanda absoluta coerência entre sexo, gênero e desejo, necessariamente orientados para a heterossexualidade. Segundo a autora, o gênero funciona como um instrumento de produção de uma aparente estabilidade, sustentando uma matriz heterossexual fundamentada em dois sexos supostamente fixos e coerentes. Butler (2018, p. 39) ressalta ainda que a manutenção desta estrutura e a legitimação de determinadas identidades dependem necessariamente da exclusão sistemática de outras.

O jornal, contudo, não conseguiu se desvincular completamente dos valores conservadores da época. Kucinski observa que, de maneira paradoxal, *O Pasquim* exibia uma postura machista, frequentemente tratando o feminismo e a homossexualidade como alvos de zombarias. As charges dessa publicação, embora críticas ao regime, muitas vezes perpetuavam estereótipos que marginalizavam a comunidade LGBT. Por meio de um humor que não hesitava em debochar das questões relacionadas à sexualidade, *O Pasquim* acabou por reforçar preconceitos, ao invés de contribuir para um diálogo construtivo sobre os direitos e a visibilidade homossexual.

Neste capítulo, exploraremos as representações homossexuais nas charges de *Lampião da Esquina* e *O Pasquim*, organizando a análise em três eixos principais: a relação entre os jornais e a comunidade homossexual, as representações em si e o papel do humor na desconstrução e manutenção de preconceitos. Por meio dessa investigação, buscaremos destacar as complexidades dessas abordagens distintas, evidenciando como cada publicação contribuiu, de maneira diferente, para a construção de narrativas em torno da sexualidade durante um período marcado pela repressão e pelo preconceito.

Em meio ao contexto repressivo da ditadura militar, os jornais alternativos utilizavam diferentes estratégias para driblar a censura e manter sua linha editorial crítica. O humor, especialmente através de charges e cartuns, tornou-se uma ferramenta importante nesse processo, permitindo abordar temas sensíveis de forma mais sutil e irônica. No entanto, é

importante observar que mesmo esses espaços de resistência não estavam imunes às contradições e preconceitos de seu tempo. Um exemplo significativo pode ser observado na seguinte charge publicada em *O Pasquim*.

Figura 26 – “Deixe de ser bicha”



Fonte: O Pasquim, 1970, edição 0031

O cartum publicado em *O Pasquim*, que traz a mensagem "Deixe de ser bicha e de dar dinheiro a homens, vá pro curso certo", exemplifica como o humor da época, mesmo em veículos considerados progressistas, frequentemente reproduzia preconceitos arraigados na sociedade. É possível identificar dois homens com determinados trejeitos, como a perna cruzada e suas blusas que descrevem: Otário e Ladino. Embora o jornal se posicionasse como crítico e contestador, o uso pejorativo do termo "bicha" e sua associação com aspectos negativos revela as contradições e limites do discurso alternativo do período. Essa ambiguidade reflete as complexidades e tensões presentes na sociedade brasileira da época, onde a luta contra o autoritarismo nem sempre caminhava junto com o combate a outras formas de opressão.

Ademais, é importante investigar a posição da charge no jornal, pois isso pode indicar o uso da ilustração como uma forma de promoção, neste caso, de um curso politécnico. A edição já levantava uma reflexão em sua capa: "Se Raquel Welch fosse homem, eu adoraria homens!" Esse artigo, escrito por Ruy Castro, apresenta uma entrevista com Raquel e aborda diversas

questões sobre sexualidade. Assim, percebemos que o jornal recorreu a notícias relacionadas à homossexualidade como estratégia para promover um produto específico, mas sempre dentro de um contexto pejorativo que perpetua estereótipos.

O jornal *Lampião*, considerado o primeiro periódico homossexual do Brasil, desempenhou um papel fundamental na visibilidade e defesa dos direitos da comunidade LGBT. Com uma abordagem ousada e direta, a publicação não hesitou em explorar temas sensíveis e tabus, como a homossexualidade, oferecendo um espaço seguro para discussões e reflexões. As charges, como forma de arte e crítica social, eram uma ferramenta eficaz para abordar questões de identidade, preconceito e aceitação. Uma charge emblemática traz um cenário de baile onde um homem segura um cartaz provocativo, questionando a postura de dois policiais que leem a mensagem. A cena encapsula a tensão entre a liberdade de expressão e a repressão policial, revelando a hipocrisia de uma sociedade que muitas vezes condena o que não compreende.

Havia também charges que faziam críticas aos homossexuais "discretos" e não assumidos, conhecidos na época como enrustidos. Embora o jornal não pressionasse ninguém a "sair do armário", promovia a ideia de que as pessoas deveriam viver sua sexualidade de maneira livre, sem vergonha. Essa mensagem é evidente nas duas charges de Levi, publicadas nas edições nº 22 e 23, que serão apresentadas a seguir.

Figura 27 – Enrustidas



Fonte: Lampião da Esquina, 1980, edição 22

Figura 28 – Enrustidas 2



Fonte: Lampião da Esquina, 1980, edição 23

A pergunta retórica do homem, insinuando que os policiais poderiam ser "enrustidos", não apenas provoca risadas, mas também provoca uma reflexão profunda sobre a própria sexualidade e os estigmas que a cercam. Essa charge, ao mesmo tempo cômica e crítica, exemplifica como o *Lampião da Esquina* utilizava o humor para desafiar normas sociais e expor a dualidade da vida pública e privada dos indivíduos. Ao colocar em evidência a ambiguidade da orientação sexual, o jornal conseguia desestabilizar preconceitos e abrir espaço para diálogos mais honestos sobre a diversidade sexual. Assim, a análise dessa charge revela não apenas uma crítica ao autoritarismo, mas também um convite à autorreflexão e à aceitação, características essenciais da luta LGBT promovida por *Lampião*. A obra foi produzida por Levi, quando analisamos a capa, se fala do carnaval: “O carnaval das bichas é o maior do mundo”. E as charges surgem como forma de complementar as notícias das festividades cariocas.

“ [...]O legal do lance é que não houve repressão, nem do povo nem da polícia. Tava todo mundo descontraído, levando o carnaval como se deveria levar a vida. [...] No meio da bixordia baiana tinha também gente famosa. Caetano e a família Telex Veloso estavam no lugar tradicional de sempre, num dos lados da estátua. [...]bichas jornalistas, artistas, do meio de frente do gay power soteropolitana Não vou dular, porque tem uma maioria que é muito enrustida e me passaria os cascudos depois. Houve algumas brigas de botes que se viam beliscados por bichas, mas nós de cá riamos com plumas violentíssimas.” (*Lampião da esquina*, 1980, p.7).

O carnaval se tornava, assim, uma oportunidade única de resistência e expressão para a comunidade LGBT, um espaço onde era possível celebrar suas identidades com orgulho, mesmo diante das tensões sociais e políticas que permeavam o período. Nesse contexto festivo, o carnaval não era apenas uma festividade, mas um ato de afirmação e visibilidade, que permitia à comunidade se manifestar e reivindicar seus direitos em um ambiente que, muitas vezes, era hostil e repressivo. Essa dinâmica acolhedora e vibrante reforçava a importância do carnaval como um espaço de luta, onde as diferenças eram celebradas e a diversidade sexual tinha a chance de brilhar, desafiando as normas estabelecidas e promovendo uma cultura de inclusão e respeito.

Durante o regime militar, por sua vez, intelectuais e autoridades construíram uma narrativa que associava a homossexualidade a uma ameaça aos valores tradicionais e à segurança do país. Essa perspectiva conservadora e repressiva tentava criminalizar as orientações sexuais que divergiam do padrão heteronormativo, classificando-as como comportamentos subversivos que colocavam em risco a moralidade e a ordem social. Essa construção discursiva buscava deslegitimar as experiências e identidades LGBT, reforçando estigmas e promovendo a discriminação. Nesse cenário, cada manifestação de identidade e cada ato de resistência se tornavam ainda mais significativos, já que se tratava de desafios diretos a uma narrativa que tentava silenciar e marginalizar a diversidade sexual.

Em resposta a essa perseguição institucionalizada, a comunidade LGBT desenvolveu estratégias de resistência e mobilização social. Os ativistas não apenas lutaram contra a repressão física, mas também trabalharam para desconstruir estigmas, defender sua dignidade e conquistar reconhecimento social, mesmo em um contexto político hostil. Aqui justifica-se o surgimento e o estabelecimento do *Lampião*, seja como alternativa para dar voz às minorias.

O *Lampião da Esquina* constituiu-se como um importante veículo da imprensa alternativa brasileira, promovendo significativas transformações no cenário editorial nacional. O periódico trabalhou ativamente na desconstrução de estereótipos, incluindo a dicotomia tradicionalmente estabelecida entre "bofes" e "bonecas".

Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os Cadernos de Clio, Curitiba, v. 8, nº 1, 2018 139 e o sistema (disfarçado) de párias (*Lampião da Esquina*, edição 0, p. 02)

Em sua fase inicial, a publicação era marcada por um corpo editorial exclusivamente masculino, o que resultou em uma cobertura bastante limitada das pautas femininas e em uma participação restrita de mulheres nas suas discussões e representações. Esse cenário refletia um contexto mais amplo de exclusão e silenciamento das vozes femininas. No entanto, com o passar do tempo e em edições posteriores, observou-se uma expansão gradual desse espaço, que começou a incorporar discussões sobre temas que eram considerados tabus na época, como o aborto e a sexualidade feminina. Essa evolução editorial sinalizava uma tentativa de diversificação e uma abertura para questões que antes eram negligenciadas, permitindo que as experiências e as demandas das mulheres comessem a ganhar visibilidade.

Apesar dessa tentativa de ampliação editorial, o jornal continuou a manter como eixo central as questões relacionadas à homossexualidade masculina, o que levou diferentes grupos, incluindo feministas, lésbicas, pessoas negras e trans, a buscarem desenvolver seus próprios espaços de militância e a criar publicações específicas que refletissem suas realidades e necessidades. É importante ressaltar que, embora o movimento gay nem sempre tenha sido totalmente receptivo a essas vozes e demandas, essa falta de acolhimento não impediu o surgimento e o fortalecimento de diversas formas de organização, solidariedade e resistência por parte desses segmentos. Cada um desses grupos contribuiu para a construção de uma resistência mais ampla, desafiando as normas estabelecidas e reivindicando seus direitos de maneira autônoma e criativa.

A análise das representações homossexuais na imprensa alternativa brasileira durante o período da ditadura militar revela diferentes abordagens e perspectivas editoriais. Enquanto *O Pasquim* frequentemente abordava a homossexualidade através de um viés humorístico, por

vezes reproduzindo estereótipos e preconceitos vigentes na sociedade, *O Lâmpião da Esquina* surgiu como uma publicação voltada especificamente para a discussão e visibilidade das questões LGBT. Esta diferença fundamental de propostas editoriais permite uma análise comparativa que evidencia as complexidades e contradições presentes no tratamento da homossexualidade pela imprensa alternativa do período.

É fundamental aprofundar a análise sobre as definições de masculinidade e os padrões de comportamento que prevaleciam durante esse período. A sociedade impunha uma visão rigidamente normativa do que significava ser "macho", e qualquer desvio desse ideal era imediatamente rotulado como uma fragilidade ou uma falta de masculinidade, resultando em termos pejorativos como "menos homem" ou "bicha". Essa pressão para se conformar a um estereótipo específico gerava um ambiente hostil para aqueles que não se encaixavam, levando muitos a sentirem a necessidade de adotar comportamentos considerados mais "masculinos" para serem aceitos.

Nesse contexto, o papel da mídia, especialmente dos jornais, tornou-se crucial. *O Lâmpião*, por exemplo, utilizava charges que apresentavam personagens gays, mostrando ao seu público que essas identidades não apenas existiam, mas também mereciam reconhecimento e visibilidade. Ao fazer isso, o periódico sinalizava que a luta pela aceitação e pelos direitos da comunidade LGBT precisava ser discutida abertamente. Por outro lado, o jornal *O Pasquim* publicava charges que funcionavam como uma espécie de manual, delineando o que era ser homossexual e quais comportamentos deveriam ser evitados, como certos trejeitos ou maneiras de se portar que eram consideradas "não convencionais".

Dessa forma, a imprensa não apenas informava, mas também exercia uma função de controle social, moldando percepções e comportamentos. Através de suas publicações, os jornais atuavam como instrumentos de poder que disseminavam normas sociais, promovendo uma imagem idealizada do que era ser homem e, ao mesmo tempo, estigmatizando aqueles que não se conformavam a esses padrões. A luta por visibilidade e aceitação, portanto, não se limitava a um embate individual, mas era parte de uma batalha mais ampla, na qual a mídia desempenhava um papel essencial na construção e na desconstrução de estereótipos de gênero e sexualidade. Tais representações, encaradas com uma *violência simbólica*, retratavam, na verdade, uma *dominação masculina* que tendia a exercer sua violência contra aqueles que contrariassem os padrões aceitáveis de masculinidade.” (Souto; Quinalha, 2023, p. 155).

Figura 29 – É carnaval



Lampião, edição 35, 1981

A edição do jornal que acompanhava a charge de Levi abordava o tema da travestização¹⁶, destacando a primeira experiência de alguém que foi ao carnaval vestido de mulher e os olhares lançados sobre aqueles que passavam. A caracterização retrata um indivíduo em salto alto, com brincos, e essa estética é recorrente em outras criações do chargista, que costuma desenhar rostos com nariz e boca desproporcionais em relação ao restante do corpo.

Não por acaso, os mais fortes e os mais viris, foram, e são, mais facilmente identificados como heterossexuais, enquanto todos os demais vivem sob a dúvida constante de ser menos homens, ou seja, homossexuais e/ou afeminados. Essa distinção molda a caricatura de que todo homem homossexual seria afeminado (Souto; Quinalha, 2023, p. 557).

Assim, havia características específicas que eram impostas pela sociedade para qualificar o que significava ser um homem. Qualquer desvio desse padrão estabelecido resultava em uma classificação negativa, levando à rotulação de indivíduos como "bicha". Essa categorização não apenas marginalizava aqueles que não se encaixavam no ideal heteronormativo, mas também construía uma narrativa de exclusão e desvalorização. Na charge, essa dinâmica se torna evidente, pois os comentários direcionados à aparência dos personagens refletem essa associação negativa. O tratamento pejorativo das diferenças de estilo e

¹⁶ O jornal apresenta que seria o ato de se vestir com roupas do sexo oposto.

comportamento não apenas reforçava estereótipos prejudiciais, mas também evidenciava uma cultura que frequentemente deslegitimava as identidades que não se conformavam com os padrões tradicionais de masculinidade. Essa crítica à aparência, portanto, não era apenas uma questão de estética, mas uma manifestação de uma visão mais ampla e opressiva em relação à diversidade sexual e de gênero.

Figura 30 – Bicharada



O Pasquim, 1977, edição 436.

Ao examinarmos essa obra produzida por Hélio, encontramos diversas representações de homossexuais em situações variadas, como travestis nas esquinas, envolvidos em discussões ou até flertando com indivíduos que aparentam estar desconfiados. A notícia que acompanha a charge destaca a surpresa de uma pessoa ao buscar um encontro e descobrir que a pessoa com quem está se relacionando é uma travesti. O autor faz uma divisão entre dois grupos: aqueles que se identificam abertamente como travestis, sem esconder sua sexualidade, e os enrustidos, que são bastante numerosos, especialmente no contexto do carnaval, que o autor menciona como um período em que esse grupo vai mais para as ruas.

Ao analisar a aparência das figuras retratadas, notamos um padrão recorrente: as personagens apresentam características semelhantes, com estilos de cabelo parecidos e formatos de corpo similares, com as únicas diferenças sendo as roupas que cada uma usa. Essa repetição de traços físicos e estéticos sugere uma tentativa de representar uma identidade coletiva.

Acompanhando a charge, encontramos um texto de apoio que serve tanto para contextualizar a imagem quanto para aprofundar a discussão proposta. Na charge do *Lampião*, o texto aborda o tema da travestização e os avanços nas cirurgias de mudança de sexo,

oferecendo um panorama sobre essas questões de forma mais inclusiva. Por outro lado, o texto de apoio do *O Pasquim* enfatiza os perigos e desvantagens de encontrar homossexuais nas ruas durante o carnaval, apresentando essa presença de maneira negativa e repleta de estereótipos.

Assim, embora ambos os periódicos tenham trazido o homossexual em charges, é importante destacar que a abordagem do *O Pasquim* é marcada por uma perspectiva homofóbica, cujo intuito é avisar ao seu público sobre o perigo do homossexual, principalmente durante o carnaval. Em contextos sociais e culturais específicos, que aprendemos a reconhecer, a delimitar e produzir diferentes masculinidades (Connell, 1995, p.188-9)

Os atributos, comportamentos, aparências, gestos, códigos de vestuário, modos de expressão e desejos que eram socialmente aceitos e promovidos refletiam o ideal de masculinidade e moralidade que predominava durante o período da ditadura. Nesse contexto, havia uma forte imposição de normas que definiam o que era considerado "adequado" para os homens, criando um padrão rígido que muitos eram pressionados a seguir. Essa construção social não apenas limitava a expressão individual, mas também perpetuava uma cultura de repressão, marginalizando aqueles que não se encaixavam nesses moldes. As expectativas em relação ao comportamento masculino eram muitas vezes impostas de maneira violenta, resultando em um ambiente hostil para qualquer forma de diversidade ou dissidência. Assim, a ditadura civil-militar não apenas moldou a política e a sociedade, mas também influenciou profundamente as questões de gênero e sexualidade, estabelecendo um panorama que ainda reverbera nas lutas contemporâneas por igualdade e aceitação.

4.2 O papel do humor na desconstrução e manutenção de preconceitos

O papel do humor na desconstrução e manutenção de preconceitos é um tema complexo que se manifesta de maneira distinta em diferentes publicações, como o *Lampião da Esquina* e *O Pasquim*. O humor pode ser uma ferramenta poderosa para questionar a sociedade e desafiar estereótipos, mas também pode ser utilizado para reforçar visões preconceituosas e marginalizar grupos. No caso do *Lampião da Esquina*, o humor é empregado como um meio de visibilidade e força, buscando não apenas entreter, mas também educar e conscientizar a sociedade sobre as questões enfrentadas pela comunidade LGBT. As charges e ilustrações publicadas nesse periódico frequentemente abordavam temas como a travestização e a luta por direitos, promovendo uma representação mais inclusiva e positiva das identidades queer. Assim, o humor no *Lampião* se torna um instrumento de empoderamento, permitindo que as vozes

marginalizadas sejam ouvidas e reconhecidas em um contexto social que frequentemente as silencia.

Por outro lado, O Pasquim adotava uma abordagem distinta ao humor, frequentemente reforçando estereótipos prejudiciais e alimentando uma percepção negativa acerca da homossexualidade. As charges publicadas pelo jornal reforçavam uma narrativa que vinculava a homossexualidade a comportamentos considerados aberrantes ou cômicos, contribuindo para uma visão estigmatizante.

Essa abordagem não apenas reforçava preconceitos existentes, mas também alimentava uma cultura de hostilidade e discriminação em relação à comunidade LGBT. O humor, nesse contexto, atuava como uma forma de normalizar a marginalização, transformando a opressão em objeto de riso, o que pode ter um efeito desastroso na percepção pública e no tratamento social das pessoas LGBT. Na figura 30 observa-se como a figura do homossexual é associada a traços caricatos, reforçando estereótipos que colaboram para sua exclusão do debate político mais amplo. “Portanto, a análise do papel do humor na desconstrução e manutenção de preconceitos revela a dualidade dessa forma de expressão dentro do contexto social e político brasileiro.

Enquanto o *Lampião da Esquina* utilizava o humor para desafiar normas opressivas e promover a aceitação e o respeito pela diversidade, *O Pasquim* frequentemente reforçava visões negativas e preconceituosas, contribuindo para a marginalização da comunidade LGBT. Essa dicotomia evidencia a responsabilidade que os veículos de comunicação têm ao utilizar o humor, ressaltando a importância de uma abordagem consciente e crítica, capaz de fomentar a inclusão e a empatia, ao invés da divisão e do preconceito. Em última análise, o impacto do humor na sociedade é moldado não apenas pelas intenções dos criadores, mas também pelas realidades sociais que eles buscam representar, refletindo a complexidade das interações humanas e a luta contínua por igualdade e respeito. A imprensa, assim como outros instrumentos de poder, tinha um papel importante na disseminação tanto de “modelar” a serem seguidos como daqueles a não serem copiados pelos que desejassem embarcar na trilha do progresso e da civilização (Saliba, 2002, p.146).

Ao longo dos capítulos, examinamos tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os dois jornais, abordando aspectos relacionados às questões políticas, sociais, de gênero e de sexualidade. Na charge do *O Pasquim*, a mensagem sugere que muitos leitores gays do jornal *Lampião* são, na verdade, enrustidos e faz uma provocação ao afirmar que eles não devem se sentir acanhados em esconder sua identidade, recomendando que coloquem a edição do *Lampião* dentro do *O Pasquim* para que outros não percebam que são "viados". Essa

abordagem, embora aparentemente leve, reforça a ideia de que há algo a ser ocultado e que a homossexualidade é uma condição a ser disfarçada, perpetuando o estigma e a ideia de que a aceitação da própria identidade deve ser feita em segredo, e associando o “ser viado” ao negativo. É sabido que, durante esse período, havia pessoas que ocultavam sua sexualidade, e essa realidade persiste até os dias atuais. No entanto, *O Pasquim* ironiza a escolha desses indivíduos, que utilizavam essa estratégia como forma de proteção, seja em relação ao sistema ou à sociedade.

Podemos observar nesse trecho enviado por um leitor ao *Lampião da Esquina*, que lia o periódico, mas que ainda não tinha conseguido viver a sua sexualidade abertamente em casa. Em novembro de 1978, foi lançado o relato enviado de forma anônima, na seção de: *Cartas na mesa*. O leitor fala da importância de ler o jornal, que deu forças para realizar uma festa junto com seus amigos e comemorar a vida.

CAPITULO 1 — lembram que eu falei que temos um "clubinho" onde nos reunimos, etc? Pois é. O tal clubinho no último 2 de setembro se reuniu aqui em casa, a ideia da louca aqui, lógico - porque a maioria só se assume nos guetos, para fazer uma festinha. Teve convite e tudo, saiu do círculo do clubinho, espalhou-se, tudo com o intuito de lutar contra os preconceitos, a violência, o machismo que é tudo isso e um pouco mais; chegamos á chamar a festa de "noite do signo Virgem". Não ia ter grito porque painha tava viajando, mainha tava ai, mas não tivemos medo.¹⁷

¹⁷ Carta anônima, encontrada na edição de novembro de 1978, p.14

Figura 31 – Dica para enrustidas



Fonte: O Pasquim, 1979, edição 535.

Por outro lado, a charge do *Lampião* apresenta um caçador que é instruído a não matar, pois o “viado” faz parte do equilíbrio ambiental. Essa representação inverte a lógica opressiva apresentada pelo *OPasquim*, utilizando o humor para afirmar que a diversidade sexual é uma parte integral da sociedade e não deve ser alvo de caça ou perseguição. Ao dizer que o “viado” deve ser respeitado e reconhecido como essencial para o equilíbrio social, o *Lampião* desafia a narrativa negativa e marginal, propondo uma visão mais inclusiva e afirmativa da homossexualidade. Assim, as duas charges ilustram não apenas a diferença de abordagem entre as publicações, mas também como o uso do humor pode tanto reforçar preconceitos quanto promover a aceitação e a valorização da diversidade.

Na edição nº 02 (junho-julho de 1978)¹⁸, o jornal divulgou um artigo de João Antonio Mascarenhas que elencava as razões para a adoção desse comportamento. De acordo com Mascarenhas, o ato de “assumir-se” referia-se “ao processo de aceitar a condição de homossexual de forma natural, sem alardes, mas também sem ocultá-la”. Nesse contexto, Mascarenhas argumenta que o ato de se assumir é, fundamentalmente, uma ação política, na

¹⁸ MASCARENHAS, João Antonio. — Assumir-se? Por quê?!. In: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição nº 2 (junho-julho/1978), p. 2.

qual o indivíduo se reconhece como parte de um grupo oprimido, representando o primeiro e necessário passo para a luta contra a opressão.

Durante a ditadura-civil militar, a homossexualidade era amplamente criminalizada e estigmatizada, levando a um clima de repressão e perseguição que se manifestava de diversas maneiras, incluindo a marginalização e a violência contra indivíduos LGBT. Essa "caça" aos homossexuais, evidenciada nas charges, reflete uma realidade em que muitos eram forçados a esconder suas identidades para evitar represálias e discriminação.

Antes e depois da emergência do movimento gay (e da antecipada investida de turistas gays no Norte), membros da comunidade de segurança e informações agruparam a homossexualidade com outras formas de desvio político, vigiando tudo, desde humor burlesco e a chamada “pornografia” até ativismo formal. (Green; Quinalha, 2021, p. 41)

Figura 32 – Equilíbrio da natureza



Fonte: Lampião da Esquina, 1978, edição 3.

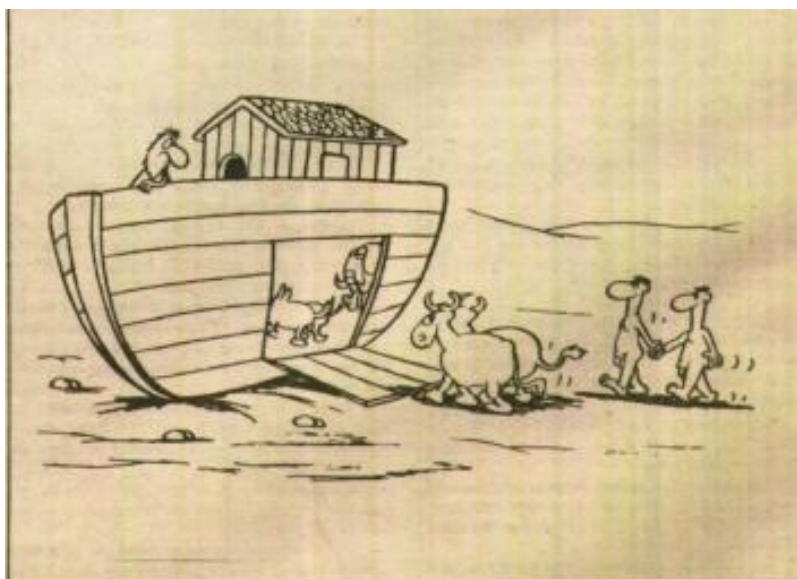
Um dos principais focos dos militares era a proteção da moral sexual e da configuração familiar, que estariam ameaçadas pela propaganda subversiva. Nesse cenário, a família tradicional era vista como a base essencial da sociedade, e qualquer tentativa de desestabilização desse núcleo era encarada como um ataque aos valores que sustentavam a ordem social. A ditadura acreditava que a esquerda promovia a dissolução dos costumes e uma sexualidade libertina, o que alimentava um clima de temor e paranoia. Assim, mobilizavam discursos que buscavam reafirmar normas rígidas sobre o comportamento e a dinâmica familiar, defendendo que a preservação desses valores era crucial para a segurança nacional. Essa conexão entre

política e moralidade social mostra que a luta contra o comunismo era também uma defesa de um ideal de sociedade que se considerava ameaçado por influências externas e internas.

Outro golpe sério na família tradicional: os comunistas investiam contra a hierarquia “natural”, questionando o poder paterno dentro do núcleo familiar e o papel do homem na sociedade. Pretendiam “libertar a mulher” da sua secular submissão e de sua tradicional função doméstica, estimulando-a a buscar igualar-se ao homem. Ao contrário de manter-se como esteio do lar, guardiã dos valores da família, a mulher deveria desvencilhar-se das atividades domésticas e abraçar o trabalho profissional (Motta, 2002, p. 92).

Foi possível observar os ataques e as perseguições que *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* enfrentaram durante a ditadura. Por outro lado, o Lampião enfrentava resistência de diversos jornais alternativos, os quais frequentemente veiculavam charges e textos críticos à publicação, muitas vezes adotando uma abordagem sarcástica para expressar suas opiniões. Para esses veículos de esquerda, a luta pelos direitos homossexuais não era considerada uma prioridade ou uma questão relevante durante o regime militar. Apesar disso, o Lampião utilizava suas edições para promover discursos positivos sobre a construção de uma cultura de resistência homossexual no Brasil, sem deixar de expor os horrores da ditadura civil-militar. Por sua vez, *O Pasquim* abordava a sexualidade utilizando estratégias humorísticas que, para os censores, iam contra a moralidade.

Figura 33 – Equilíbrio da natureza 2



Lampião, 1979, edição 11

Pensando na análise da charge e do humor, quem aborda essa questão de forma mais aprofundada é Saliba (2002), quando diz, "O "bom" riso é aquele que provoca reflexão crítica

e promove a análise da realidade. Ele é utilizado como uma ferramenta para questionar o poder, as injustiças sociais e as normas estabelecidas. Esse tipo de humor tende a fortalecer a cidadania e a consciência social”. Mais do que um recurso estilístico, o humor no *Lampião da Esquina* funcionava como uma ferramenta didática de politização, aproximando leitores de temas tabus como a repressão estatal à dissidência sexual. Os ditadores justificavam suas ações de censura e perseguições, afirmando que era necessário defender a moral e os bons costumes, baseando-se em valores morais e religiosos.

Em uma das charges de *O Lampião*, há uma referência à Arca de Noé, um evento registrado na Bíblia que simbolizou o fim do mundo em virtude dos pecados do povo. Segundo as orientações divinas, era necessário que um casal de cada espécie entrasse na arca para preservar a diversidade. No entanto, na charge em questão, vemos dois homens de mãos dadas, representando um casal gay que também está entrando na arca, simbolizando assim o direito de viver e a validação de sua importância. Essas estratégias nas charges contribuíam de maneira positiva para destacar a relevância dos homossexuais que por muito tempo foram silenciados e excluídos da história. Segundo James Green e Ronald Polito, até o ano de 1960, a maior parte das informações sobre homens homossexuais não era gerada por eles mesmos (Green; Polito, 2006, p. 17). Nesse contexto, destaca-se a relevância do *Lampião*, que se estabeleceu como um periódico feito de homossexuais para homossexuais.

Figura 34 – Se assumir é a questão



Pasquim, 1977, edição 00436.

Um cartum da década de 1970, elaborado por Mariza¹⁹, representa um homem segurando um cartaz com a frase "Eu sou é macho", destacando a importância da autoafirmação. Essa ironia está intimamente relacionada ao contexto do movimento homossexual daquele período. Seguindo a análise de Saliba (2002), nos deparamos com o “mau riso”, que é aquele ridiculariza, deslegitima ou estigmatiza indivíduos ou grupos. Ainda que envolto em irreverência, o humor veiculado pela imprensa alternativa muitas vezes colaborava para a reafirmação de hierarquias simbólicas, ao caricaturar sujeitos dissidentes de forma simplista ou estigmatizante.

A partir de 1970, houve uma ampliação das discussões sobre a homossexualidade, enfatizando a necessidade de viver a própria sexualidade, bem como a busca por segurança e direitos. Nesse cenário, *O Pasquim* apresenta uma obra que satiriza tanto as lutas quanto os desafios enfrentados pelos indivíduos. Esta edição se distingue por incluir entrevistas com representantes da comunidade homossexual e por apresentar charges e cartuns que utilizam humor e deboche como formas de ironizar o movimento homossexual. Ao olhar os traços do personagem, nos deparamos com um homem sem saltos, sem traços extravagantes que eram comumente associados aos homossexuais.

A partir de 1974, com a abertura lenta e gradual e a reorganização das oposições à ditadura, criam-se as condições política de gays e lésbicas. Mesmo assim, não foi fácil, como constatou João Silvério Trevisan, um pioneiro-fundador do movimento, que não conseguiu juntar um grupo de pessoas em 1976, por várias razões, entre elas, um medo internalizado nas pessoas que foram convidadas para formar um grupo (Green; Quinalha, 2021, p. 23).

Ao longo deste capítulo, evidenciamos como tanto o *Lampião da Esquina* quanto *O Pasquim* se posicionaram como importantes veículos de resistência e vanguarda em um contexto sociopolítico marcado pela repressão e pela censura. Ambos os periódicos, embora distintos em suas abordagens, compartilharam o compromisso de usar o meio de comunicação para dar voz a pautas marginalizadas

O *Lampião da Esquina*, ao se afirmar como um espaço exclusivo para a expressão homossexual, não apenas desafiou os tabus da época, mas também incentivou a autoafirmação e a visibilidade de indivíduos que, até então, viviam à sombra do medo e da ocultação. Por outro lado, *O Pasquim*, com seu humor ácido e crítica social, satirizou as lutas e os dilemas

¹⁹ Mariza, conhecida como Mariza Andrade, foi uma cartunista e ilustradora brasileira que se destacou por seu trabalho no jornal *O Pasquim*, uma importante publicação de humor e crítica política que circulou entre as décadas de 1970 e 1980. Ela foi uma das poucas mulheres a se firmar no meio do cartum e do quadrinho na época, e suas obras frequentemente abordavam temas sociais, políticos e de gênero, utilizando a ironia e o humor característicos da publicação.

enfrentados pela comunidade LGBT na sociedade brasileira e suas contradições.

Assim, ambos os jornais não apenas informaram, mas também educaram e mobilizaram, tornando-se símbolos de uma luta contínua por aceitação e direitos. A resistência, portanto, não se limitou a um ato de contestação, mas se transformou em um movimento cultural que, ainda hoje, reverbera na busca por equidade e respeito. O legado do *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* permanece relevante, lembrando-nos da importância de levantar vozes em prol da diversidade, direitos civis e sociais.

Neste capítulo, exploramos a complexa relação entre os jornais alternativos *Lampião da Esquina* e *O Pasquim* e a comunidade homossexual, destacando as representações gays em cada publicação e o papel do humor na desconstrução e manutenção de preconceitos aos homossexuais

Enquanto *O Pasquim* frequentemente apresentava charges e cartuns que refletiam uma visão negativa da homossexualidade, contribuindo para a perpetuação de estigmas, o *Lampião da Esquina* se destacou por promover um espaço de discussão e visibilidade para a homossexualidade. Essa diferença fundamental nas abordagens evidencia como cada periódico influenciou a percepção pública sobre a comunidade LGBT. *O Lampião* não apenas desafiou os tabus da época, mas também se tornou um veículo de ativismo, contribuindo para a luta por direitos e reconhecimento, ao trazer as questões homossexuais para o centro do debate social.

Assim, concluímos que o papel do humor, tanto em *O Pasquim* quanto no *Lampião*, foi crucial. O humor pode servir como uma ferramenta poderosa para a desconstrução de preconceitos, proporcionando uma forma de crítica social que desafia normas estabelecidas. Entretanto, também pode ser utilizado para reforçar estereótipos e alimentar a discriminação, como observado nas produções de *O Pasquim*. Essa dualidade revela a responsabilidade que os veículos de comunicação têm ao abordar temas sensíveis, especialmente quando se trata da representação de grupos marginalizados.

Apesar das diferenças em suas abordagens, tanto *O Pasquim* quanto *Lampião da Esquina* desempenharam papéis significativos na formação do discurso sobre a homossexualidade no Brasil. A análise das representações homossexuais e o uso do humor nos ensinam que, para além da crítica e da resistência, é essencial promover narrativas que celebrem a diversidade e que ajudem a construir uma sociedade mais inclusiva. O legado dessas publicações nos convida a refletir sobre a importância de dar voz a todas as experiências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa centrou-se na análise das representações visuais, especificamente charges e cartuns, como instrumentos de comunicação e resistência nos periódicos alternativos durante o período da ditadura civil-militar brasileira. O estudo evidenciou como esses elementos gráficos foram estrategicamente utilizados não apenas como recursos comunicacionais, mas como ferramentas fundamentais para a disseminação de ideias, defesa de pautas específicas, a partir de representações e estereótipos.

A análise comparativa entre os periódicos estudados revelou complexidades que transcendem a mera oposição ao regime vigente. Embora tanto o *Lampião* quanto *O Pasquim* tenham emergido como publicações alternativas em contraposição à ditadura, suas trajetórias e objetivos editoriais demonstraram singularidades significativas. *O Lampião* estabeleceu-se como um veículo pioneiro na comunicação direcionada à comunidade homossexual, enquanto *O Pasquim* consolidou-se como porta-voz de uma esquerda predominantemente heterossexual.

Esta distinção de públicos e propósitos ocasionou, por vezes, tensões e divergências entre as publicações, evidenciando que a oposição comum ao regime autoritário não necessariamente implicava em uma aliança automática entre os diferentes segmentos da imprensa alternativa. As "alfinetadas" trocadas entre os periódicos refletem as complexidades e contradições presentes no campo da resistência, onde diferentes lutas e pautas nem sempre encontravam pontos de convergência, mesmo compartilhando o espectro da oposição ao regime militar.

A análise comparativa dos periódicos revelou convergências significativas em seus aspectos formais e estratégias comunicacionais, mesmo quando seus editores não buscavam explicitamente essa aproximação. Observou-se uma notável similaridade nos elementos de design das capas e, principalmente, na utilização do humor como ferramenta retórica para abordar temáticas complexas e sensíveis. Estas características compartilhadas podem ser compreendidas como elementos constitutivos do próprio fazer jornalístico alternativo do período, configurando-se como marcadores identitários deste segmento da imprensa. Contudo, é fundamental ressaltar as distinções na maturidade e no desenvolvimento dessas estratégias editoriais entre os periódicos. O *O Pasquim*, devido à sua longevidade e trajetória consolidada, estabeleceu-se como referência paradigmática no uso da ironia e da sátira como recursos discursivos, influenciando significativamente o jornalismo alternativo da época. O *Lampião*, por sua vez, apresentou uma evolução gradual em sua abordagem humorística, iniciando com

uma postura mais comedida e desenvolvendo-se, progressivamente, principalmente em seus últimos anos de circulação, com uma linguagem mais assertiva no emprego do humor e da sátira para discutir questões delicadas relacionadas à comunidade LGBT

Esta dinâmica evidencia não apenas a complexidade das relações entre os periódicos alternativos, mas também os diferentes estágios de desenvolvimento e apropriação das ferramentas comunicacionais características deste segmento da imprensa durante a ditadura civil-militar

Outra proximidade entre os periódicos analisados manifesta-se em sua postura crítica em relação à ditadura civil-militar. Ambas as publicações dedicaram considerável espaço editorial para documentar e denunciar as diferentes formas de repressão e perseguição experimentadas durante este período. O aparato repressivo do Estado, materializado na figura dos censores, desenvolveu estratégias diversificadas de controle e cerceamento desses veículos de comunicação, que variavam desde a prisão de jornalistas até a censura sistemática de edições específicas.

É particularmente relevante observar que, além das formas institucionalizadas de repressão, esses periódicos enfrentaram ações clandestinas de intimidação, como exemplificado pelo atentado à bomba contra a sede do *O Pasquim*, caso emblemático que permanece sem esclarecimento quanto à sua autoria. Essas publicações encontravam-se em constante vulnerabilidade por desafiarem o projeto de "moralidade" imposto pelo regime autoritário, constituindo-se como alvos frequentes de diferentes modalidades de violência estatal e paraestatal.

A persistência desses periódicos em manter sua linha editorial crítica, mesmo diante de um cenário de intensa repressão, demonstra não apenas seu compromisso com a resistência democrática, mas também evidencia o papel fundamental da imprensa alternativa na documentação e denúncia das arbitrariedades do regime militar, contribuindo para a construção de uma memória histórica desse período.

A análise das charges publicadas em ambos os periódicos revelou importantes pontos de encontro, especialmente na forma como retratavam o regime militar, com destaque para as críticas à censura e as discussões sobre a anistia. No entanto, quando o tema se voltava para as questões da homossexualidade, os jornais seguiam caminhos marcadamente diferentes. O *Lampião da Esquina* utilizava suas charges como ferramentas para promover discussões necessárias ao movimento homossexual, buscando dar visibilidade e legitimidade às suas pautas. Por outro lado, *O Pasquim* adotava uma postura diferente: suas charges frequentemente apresentavam personagens homossexuais de forma irônica, muitas vezes ridicularizando seus

comportamentos e minimizando a importância de suas lutas sociais. Essa postura se estendia também às críticas a outros veículos de comunicação que abordavam temas relacionados à homossexualidade.

Este estudo das charges nos permitiu compreender tanto os momentos de aproximação quanto de distanciamento entre os dois jornais. Mesmo fazendo parte da chamada imprensa alternativa e compartilhando a oposição ao regime militar, cada periódico desenvolveu sua própria identidade e deixou uma marca única no jornalismo brasileiro. Suas contribuições, seja nas semelhanças ou nas diferenças, foram essenciais para entendermos melhor não apenas o período histórico em questão, mas também o desenvolvimento do jornalismo alternativo no Brasil e a construção de uma cultura da resistência homossexual no Brasil.

Enquanto o *Lampião da Esquina* contribuiu para a visibilidade e afirmação da identidade homossexual, *O Pasquim*, através de suas charges, ajudou a cristalizar estereótipos e preconceitos que ainda ecoam na sociedade brasileira. Essa dualidade nos permite compreender como a imprensa alternativa, mesmo em sua posição de resistência, reproduzia as complexas tensões sociais de seu tempo em relação às questões de sexualidade e gênero.

REFERÊNCIAS

FONTES

Lampião da Esquina

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: [s.n.], 1978-1981. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 18 set. 2024.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 0, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 3, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 4, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 6, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 5, 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 11, 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 15, 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 22, 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 20, 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 21, 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 22, 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 23, 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 29, 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 35, 1981.

O Pasquim

O PASQUIM. Rio de Janeiro: [s.n.], 1969-1980. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx/>. Acesso em: 18 set. 2024.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 22, 1969.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 13, 1970.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 31, 1970.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 36, 1970.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 39, 1970.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 55, 1970.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 105, 1971.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 314, 1975.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 341, 1976.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 414, 1977.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 436, 1977.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 447, 1978.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 535, 1979.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 549, 1980.

OUTROS JORNAIS

O GLOBO. Rio de Janeiro, abr. 1964.

O DIA. Rio de Janeiro, 1964.

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1954.

AQUINO, M. A. **Censura, imprensa e Estado autoritário**. São Paulo: EDUSC, 1999.

ARAÚJO, M. P. N. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba**. Brasília: Editora UNB, 1991.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório final da Comissão Nacional da Verdade: volume II: textos temáticos**. Brasília, 2014. Disponível em: https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/relatorio/volume_2_digital.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPELO, P. S. S. **Lampião da Esquina: descortinando o cotidiano gay entre os anos de 1978 e 1981**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) — Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/5091>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CHINEM, R. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

COWAN, Benjamin A. **Securing sex: morality and repression in the making of Cold War Brazil**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- GREEN, J. N. et al. (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.
- GREEN, J. N.; POLITO, R. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1970-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- GREEN, J. N.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- GREEN, J. N.; QUINALHA, R. (org.). **Novas fronteiras da história LGBTQIA+ no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2023.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.
- HOLLANDA, H. B. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde, 1960-1970. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2001.
- KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.
- LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBA, 2004.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MACRAE, E. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MARCONI, P. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)**. São Paulo: Global, 1980.
- MATTOS, Sérgio. **Mídia Controlada – A História da Censura no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Paulus, 2005.
- MEDEIROS, K. **Humor, política e mídias**: a charge na televisão. São Paulo: Livrus, 2012.
- MENDES, A.; COSTA, R. **Narrativas de resistência**: a homossexualidade nos jornais alternativos. São Paulo: Editora XYZ, 2021.
- MIANI, R. A. **Charge**: uma prática discursiva e ideológica. Londrina: Eduel, 2012.
- MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- NAPOLITANO, M. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- OLIVEIRA, J. **Humor e crítica**: O Pasquim e a construção de estereótipos. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2019.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- QUINALHA, R. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- SALIBA, E. T. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira - da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução de SOS Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SILVA, J. F. B. **Homossexualidade na cidade de São Paulo**: homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.

SILVA, L. **Lampião da Esquina**: vozes de resistência na ditadura. Belo Horizonte: Editora LMN, 2020.

SOIHET, R. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

SOUTO MAIOR JR., P. R. **Assumir? Por quê? O dispositivo de confissão das homossexualidades no Brasil nas páginas do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**. *Territórios e Fronteiras (UFMT. Online)*, v. 14, p. 130-150, 2021.

SOUTO, P. **Assumir ou não assumir**: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). [S.l.: s.n.], [entre 1978 e 2023].

TOULHOAT, M. **Um novo imaginário nacional?** O humor gráfico publicado na imprensa independente brasileira durante a progressiva redemocratização. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n. 1, p. 312-331, 2020.

VERAS, E. F. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Appris, 2021.

VERAS, E. F.; PEDRO, J. M.; SCHMIDT, B. B. (org.). **Rexistências**: desobediências de gênero e sexualidade em contextos autoritários. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.